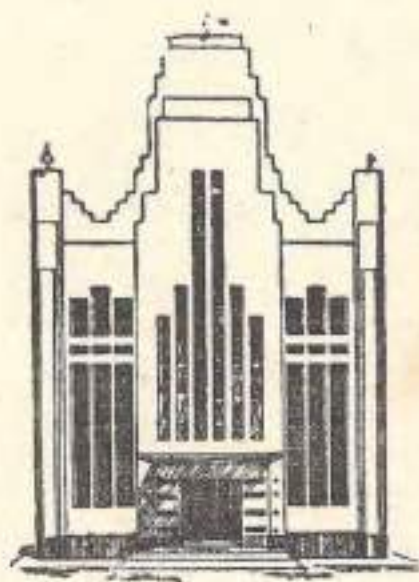


REVISTA

DO

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe



N.º 24 — Edição Especial — 1960 — Vol. XIX

SE - 90 55-20077

Col. F.
Porto

REVISTA

DO

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

DIRETOR RESPONSÁVEL

EPIFÂNIO DA FONSECA DÓRIA

N.º 24 — Edição Especial — 1960 — Vol. XIX

DIRETORIA E COMISSÕES PERMANENTES DE 1959 — 1960

Presidente :	— Dr. Manoel Ferreira da Silva Neto
1º Vice-Presidente :	— Dr. Urbano de Oliveira Lima Neto
2º Vice-Presidente :	— Desemb. Luiz Magalhães
Secretário Geral :	— Epifânio da Fonseca Dória
1º Secretário :	— Profª D. Maria da C. Melo Costa
2º Secretário :	— Dr. Flávio da Rosa Melo
Orador :	— Dr. José Bonifácio Fortes Neto
Orador :	— Dr. Avante Amaral de Oliveira
Orador :	— Dr. Antônio Garcia Filho
Tesoureiro :	— Contador João Barbosa dos Santos

Comissão de Fazenda e Orçamento: Clovis Rollemberg, Coronel Francisco de Souza Porto e Onésimo de Araujo Pinto.

Comissão de História : Drs. João B. P. Garcia Moreno, Desemb. João Bósco de A. Lima e Profª Ofénisia Soares Freire.

Comissão de Geografia : Prof. Napoleão Agélio de Oliveira Dória, Desemb. Waldemar Fortuna de Castro e Dr. Joel Macieira de Aguiar.

Comissão de Manuscritos e Autógrafos: Drs. Olavo Ferreira Leite, Gonzalo Rollemberg Leite e Luiz Rabelo Leite.

Comissão de Admissão de Sócios : Drs. Lauro Dantas Hora, João Maynard Barreto e Antônio de Oliveira Brandão.

Comissão de Revista : José Apóstolo de Oliveira Neto, Profª D. Maria Aguiar Barreto e Dr. Paulo Costa.

Comissão de Estatística : Prof. José Hermenegildo da Cruz e Drs. José Aloisio de Câmpos e Francisco Alberto Bragança de Azevedo.

Nota Preambular

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no cumprimento de suas finalidades, resolveu efetuar a publicação d'êste volume especial de sua Revista, destinado a comemorar a passagem dos centenários de falecimento do Dr. Isaias Caldas Lima e do Capitão-mór Joaquim Martins Fontes, bem como a dos centenários de nascimento do Dr. Pedro Muniz Barreto, General Ivo do Prado Montes Pires da Franca, Dr. João de Avila Franca, Desembargador Melchisedech Matusalem Cardoso, Dr. João Ribeiro, Almirante Amintas Jorge, Dr. Afonso Pires Ramos, Prof. Francisco Teixeira de Faria, Olímpio Rollemberg de Oliveira Chaves, Dr. Antônio Militão de Bragança, Filinto Elísio do Nascimento, Dr. Gonçalo de Faro Rollemberg, Dr. Denitério Hércules da Silveira, Antônio Augusto Gentil Fortes e Dr. Carpóforo de Mendonça Lima.

Convém dizer que nem todos culminaram nas letras e nas ciências tanto quanto João Ribeiro, mas todos, pela variedade dos seus conhecimentos, pelos serviços prestados, cada qual, na sua esfera de ação, às letras e à nação tornaram-se dignos do apreço da posteridade.

É cumprindo êste dever de reconhecimento pósteros que o Instituto se pôs em ação, realizando as sessões públicas que pôde realizar, celebrando os aludidos centenários.

Vale acentuar que nos inspiramos também numa outra circunstância, — a das vantagens que resultam da emulação. Revivendo os mortos pela grandeza dos dotes e virtudes que tiveram na vida, é meio hábil e eficaz de despertar emulação entre os que são dotados de natureza acessível às virtudes que exornam a criatura humana. A lição do exemplo é a mais frutuosa que se pode imaginar.

Registramos os centenários acima aludidos obedecendo à sua ordem cronológica e não à soma de valores de cada pessoa rememorada. Seria difícil e perigoso estabelecer essa ordem de valores, pondo no alto como uma atalaia flamejante aquêle a quem se reconhecesse maior valor, maiores méritos, mais indiscutíveis êxitos nas ciências, nas letras e nas artes.

Como quer que seja, ficamos tranquilos na certeza de que cumprimos um dever de civismo e de reconhecimento. Infelizmente, não foi possível conseguir-se, na íntegra, o magnífico discurso proferido pelo grande escritor nortista Dr. Câmara Cascudo, ao celebrar-se o centenário do grande mestre João Ribeiro, honra e glória do Brasil.

Mal conseguimos um pequeno resumo traçado pelo autor, que falou de improviso na solenidade. Suas ocupações múltiplas não lhe permitiram uma concentração íntima para recompor o discurso feito de improviso. Não fomos melhormente sucedidos com o centenário do notável sergipano General Ivo do Prado.

O orador da solenidade, Prof. Franco Freire, com a sua reconhecida e variada cultura, produziu, de improviso, um admirável discurso que mereceu da assistência os mais calorosos aplausos, mas não pôde dar-nos, nem ao menos um resumo, à semelhança do que se deu com o Dr. Câmara Cascudo.

Sempre cheio de tarefas, não pôde atender aos nossos insistentes apêlos. Desta forma a Revista vai sair com deficiência, não há como negar.

Uma outra falha não foi possível também contornar: a não publicação total dos retratos das pessoas cujos centenários celebramos.

E. D.

Dr. Isaias Antônio Caldas

Transcorreu no dia 3 de fevereiro de 1960 o centenário de falecimento do conceituado médico sergipano Dr. Isaias Antônio Caldas.

O Instituto, por motivos óbvios, não pôde solenizá-lo, como desejou fazer, mas revive na memória da posteridade, fazendo este registro neste número especial de sua Revista, o antigo médico sergipano, que nasceu na cidade de São Cristóvão, então capital da província, a 6 de novembro de 1828, sendo batizado na Matriz de S. Cristóvão a 1.º de janeiro de 1829.

Era filho do educador e latinista Pe. Luis Correia Caldas Lima e D. Ana Rosa da Conceição.

Feitos na cidade do seu nascimento os estudos rudimentares do idioma materno foi mandado para a capital da Bahia, em março de 1844, a fim de fazer ali o curso de madureza. Terminado o referido curso matriculou-se, em 1847, no 1.º ano da Faculdade de Medicina da Bahia, onde prestou exames de preparatórios, fez todo o tirocínio acadêmico e recebeu o grau de doutor em ciências médico-cirúrgicas a 18 de dezembro de 1852.

Deixando os bancos acadêmicos entregou-se à clínica. Madrugou, porém, para a morte, falecendo antes de completar os seus oito anos de atividade clínica.

Ocupando-se de sua pessoa disse o Dr. Manuel Armindo Cordeiro Guaraná, no seu Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano: "Dotado de não vulgar inteligência, deu provas de alta capacidade e muito aproveitamento nos diferentes ramos da ciência a que se destinou".

Tinha conhecimentos variados; e com relação aos seus merecimentos exprimiu-se, nos seguintes termos o conselheiro Manuel Maurício Rebouças, um dos mais distintos lentes daquela Academia, em carta dirigida ao Pe. Luis Correia: "seu digno filho tem de voltar ao grêmio que lhe dera a luz cheio de vida e de ins-

trução. Ele foi um dos adornos da nossa Academia; e devemos esperar pela idéia que dêle faço, que será um homem útil a si e à sua bela província”.

Para obter o grau de doutor escreveu e defendeu perante a Faculdade de Medicina a seguinte :

“Tese sôbre o pauperismo no Brasil, resultado da escravaria”, apresentada e publicamente sustentada perante a Faculdade de Medicina da Bahia, no dia 13 de dezembro de 1852 para obter o grau de doutor. Bahia, 1852. 27 pgs. in-8º. Tip. de O. Chaves & Galvão.

Diligenciamos na busca de dados biográficos mais amplos do Dr. Isaias Antônio Caldas mas foi vão o nosso esôrço. Os nossos arquivos, despojados de documentário antigo, não ajudam nas pesquisas os que desejam escrever história.

Que nos relevem as pessoas mais exigentes a pouquidão desta notícia, escrita com aqodamento para não retardar a publicação da Revista.

E. D.

Dr. Pedro Muniz Barreto

Transcorreu a 26 de março de 1960 o centenário de nascimento do ilustre escultor sergipano Dr. Pedro Muniz Barreto, descendente de velhos troncos genealógicos sergipanos que viveram a fidalguia do ciclo áureo da cana e do açúcar.

Não pôde o Instituto celebrar condignamente em sessão pública o referido centenário. Supre a involuntária falta registrando, nesta edição especial de sua revista, sem lantejoulas nem falsos adjetivos, o seu perfil de profissional competente e varão de incontestável austeridade.

Tra-lo assim à tona da memória pública, para que se não perca no olvido da posteridade.

Nasceu no antigo engenho Ilha, município de Laranjeiras, a 26 de março de 1860, numa situação Liberal, dirigida pelo notável político Ângelo Muniz da Silva Ferraz, e quando governava a então província o engenheiro gaúcho Manuel da Cunha Galvão. Era filho legítimo do coronel Pedro Muniz Barreto, estupidamente assassinado por um seu escravo, e D. Clara Maria de Lima Barreto.

Não sabemos dizer onde e com quem fez os estudos primários. Em geral não se dá à escola primária a importância que ela tem na obra da educação. É que se não medita suficientemente sobre a sua imensa influência na formação espiritual das crianças que são confiadas à sua capacidade educativa.

A criança, no verdor de sua idade, tem algo do bloco de cêra maleável que vai ter às mãos de um modelador. A professora hábil, inteligente e devotada prepara a criança para ser o cidadão de amanhã.

O jovem Pedro Muniz Barreto iniciou na cidade do Recife os estudos de humanidades, vindo concluí-los depois no Ateneu Sergipense, hoje Colégio Estadual de Sergipe. Terminado o curso propedêutico rumou para a capital da Bahia, em cuja Faculdade de Medicina matriculou-se em 1883. Fez ali todo o tirocínio acadêmi-

co, recebendo o grau de doutor em ciências médico-cirúrgicas a 15 de dezembro de 1888.

Lemos na Biblioteca Pública do Estado a sua esplêndida tese de doutoramento, reveladora de grande inteligência e de não pequena cultura no plano de sua especialidade. Deixando os bancos acadêmicos o Dr. Pedro Muniz fixou-se na cidade de Laranjeiras, onde abriu consultório médico e onde foi médico do Hospital de Caridade. Não se demorou em Laranjeiras, transferindo-se para a cidade da Capela, onde se fixou definitivamente, exercendo, com largo conceito público, a clínica geral e a obstétrica, em especial. Ocupou na Capela as funções de Delegado de Higiene e Delegado Literário.

Faleceu nesta capital, onde se fixara por último, deixando a atividade clínica, em face de sua avançada idade, a 9 de maio de 1944, pouco depois de ter completado os seus 84 anos, sendo sepultado no cemitério de Santa Isabel. Foi casado com D. Maria Freire Teles Barreto, filha de José Freire Muniz Barreto e D. Emerenciana Freire Teles Muniz Barreto, que faleceu de parto laborioso, teve apenas um filho o engenheiro civil Filemon Muniz Barreto já falecido.

Escreveu :

Raquitismo : dissertação. Proposições. Três sôbre cada uma das cadeiras do curso médico. Teses apresentadas à Faculdade de Medicina da Bahia para serem sustentadas, a fim de obter o grau de doutor em medicina. Bahia, 1888, 62 pags. in-8.º. Imprensa Econômica.

— **Relatório** do Hospital de Caridade da Cidade da Capela, apresentado à Assembléa Geral, em 1.º de janeiro de 1905, pelo Presidente da Diretoria de 1904 a 1905.

— **Relatório** apresentado à Assembléa Geral da Diretoria do Hospital de Caridade da Capela em 1.º de janeiro de 1906 por seu Presidente. No "O Estado de Sergipe" de 12 e 13 do mesmo mês.

E. D.

General Ivo do Prado

Não poderia o Instituto Histórico, guardião das tradições de Sergipe, deixar passar, sem grandes e expressivas solenidades, o centenário de nascimento do General Ivo do Prado Montes Pires da Franca, uma das inteligências mais brilhantes da história cultural de Sergipe. O sodalício tudo fêz, nos limites de suas possibilidades, para que a celebração do referido centenário tivesse a pompa que se impunha, e teve-a na realidade.

Para fazer o discurso oficial convidou, com êxito, uma das maiores inteligências do nosso meio social e cultural, — o Professor Manuel Franco Freire, velho e conceituado educador, que ocupou, com grande eficiência, uma das cadeiras do antigo Ateneu Sergipense, hoje Colégio Estadual de Sergipe.

Fêz êle, de improviso, com a sua empolgante eloquência, um estudo profundo da personalidade de Ivo do Prado, focalizando-a sob vários aspectos. A numerosa e seleta assistência que superlotou o vasto auditório do Instituto o aplaudiu repetidamente, interrompendo-o por vézes na sua oração. Foi uma noite de grande gala, na qual o Prof. Franco Freire, com o vigor de sua dialética de mestre e sociólogo, expôs à admiração da grande assistência que lhe ouvia atenta o perfil moral e cultural do notável sergipano que foi o General Ivo do Prado.

Aconteceu, porém, que se não pensou em gravar a conferência quando ela saía luminosa e cantante dos lábios do orador. É que se não pensou que ela seria feita de improviso, como aconteceu.

Em face desta circunstância recorreremos ao Prof. Franco Freire, que é dotado de excelente memória, para que nos fornecesse um minucioso apanhado de sua oração. Deu-nos promessa de fazê-lo, mas as suas multiplicadas tarefas não lhe permitiram dar corpo à promessa.

Desta maneira não foi possível incluir-se nesta edição especial de nossa Revista a magnífica peça oratória a que nos referimos.

— o —

O General Ivo do Prado Montes Pires da Franca nasceu na fazenda VIGIA, município de S. Cristóvão, a 20 de maio de 1860 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 25 de abril de 1924, pouco antes de completar os seus 64 anos de idade.

Era filho legítimo do Tenente-coronel honorário Deusdedit Pires da Franca e D. Lina Leonor do Prado Montes da Franca, tia do notável educador sergipano professor Alfredo de Siqueira Montes. Não sabemos onde fez os estudos rudimentares da lingua materna. Provavelmente na cidade de S. Cristóvão.

Não sabemos também onde iniciou os seus estudos de humanidades. Talvez no Ateneu Sergipense, inaugurado nesta capital em fevereiro de 1871, quando o menino Ivo viçava pelos seus onze anos de idade. A 14 de outubro de 1875, já contando os seus 15 anos de idade, seguiu para Salvador, capital da Bahia, ali permanecendo até 2 de janeiro de 1878, sendo que a 17 de maio de 1877 assentara praça no 16º Batalhão de Infantaria, com destino à Escola de Infantaria e Cavalaria de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, para onde seguiu a 2 de janeiro de 1878. Depois de uma permanência no 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, durante o ano de 1879, matriculou-se na referida Escola no começo de 1880, ali fazendo os dois primeiros anos do curso, que terminou em fins de 1883, na Escola Militar da Praia Vermelha, para onde transferira a sua matrícula.

Foi então nomeado, em 12 de janeiro de 1884, Alferes-aluno, confirmado a 8 de março do mesmo ano. Em 1885 voltou à provincia natal para servir na antiga Companhia Fixa, sediada em Aracaju. Serviu até janeiro de 1886, quando resolveu voltar à Escola Militar da Praia Vermelha, a fim de concluir o curso de Artilharia. Desligado em 1887, por motivos decorrentes da Questão Militar, matriculou-se na Escola Geral de Tiro e fez na mesma o respectivo curso, com aprovações plenas.

Teve, a seguir, as promoções que enumeramos a seguir : 2.º Tenente, em 3 de novembro de 1887, 1.º Tenente, em 7 de janeiro



GENERAL IVO DO PRADO

* 20-5-1860 — † 25-4-1924

de 1890, Capitão, por serviços relevantes, em 17 de abril do mesmo ano, Major graduado a 13 de novembro de 1902, passando a efetivo em 8 de julho de 1903, Tenente-coronel a 7 de dezembro de 1910, por antiguidade e Coronel, por merecimento, a 18 de junho de 1913. Estava neste posto em 1921 quando foi compulsado, como general de Divisão, por contar mais de 43 anos de relevantes serviços.

Em 1888 voltara à Escola Militar da Praia Vermelha, matriculando-se no 4.º ano. Fêz então o curso de Estado-Maior de 1.ª classe. Desligado no ano seguinte ficou servindo no 2.º Regimento de Artilharia de Campanha, para o qual foi transferido posteriormente e nomeado secretário. Neste posto participou da conspiração de 15 de novembro de 1889, de que resultou a proclamação da República.

Em dezembro seguinte foi posto pelo Governo Provisório à disposição do Ministro do Interior e posteriormente nomeado auxiliar técnico do governador de Sergipe, Dr. Felisbello Freire, que o encarregou do comando e organização do Corpo de Polícia do Estado.

Deixou o comando do Corpo de Polícia em agosto de 1890. Convocado o país para eleger a sua Constituinte, coube-lhe ser eleito para uma das cadeiras da referida Constituinte, como representante de Sergipe.

Exerceu o mandato com o maior brilho e civismo, de 1890 a 1894.

Inconformado com a interferência direta e antidemocrática do governo federal, então exercido pelo Marechal Deodoro da Fonseca, na eleição do Coronel Vicente Luiz de Oliveira Ribeiro para governador do Estado de Sergipe, obedecendo mais a ambições familiares que aos altos interesses da República, rompeu virilmente com o Marechal, proferindo da tribuna da Câmara famoso discurso.

Com a coragem cívica que lhe era peculiar declarou que a sua oposição ao governo do Marechal Deodoro iria desde o seu voto no exercício do mandato de deputado à resistência armada na praça pública.

Em 1895, não tendo sido renovado o seu mandato de deputado, foi nomeado professor e chefe do ensino de artilharia na "Escola

de Sargentos" do Realengo, servindo até 1897, quando foi ela extinta.

Em dezembro de 1897 seguiu para o Estado de Mato Grosso, indo servir no 2.º Batalhão de Artilharia de Posição, onde comandou a sua bateria e outras, interinamente; fiscalizou por duas vezes o batalhão; comandou o forte de Coimbra; serviu mais de um ano como secretário do 7.º Distrito; realizou, com elogios, a montagem do Laboratório Pirotécnico de Cuiabá e terminou por comandar o Batalhão, por espaço de 7 meses, até 30 de dezembro de 1902, quando seguiu para a Capital Federal, atendendo a chamado do Ministro da Guerra.

Vimos repetindo trechos no artigo a seu respeito saído no Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano do Desembargador Manuel Armindo Cordeiro Guaraná, grande parte colhida na brilhante fé de ofício do General Ivo.

Em abril de 1903, coube-lhe ir novamente a Mato Grosso, em consequência dos boatos correntes de uma iminente invasão de Corumbá por forças do General Pando. Dali voltou em setembro seguinte por ter sido confirmado no posto de major do Estado-Maior de Artilharia e nomeado Chefe do Gabinete da Intendência Geral da Guerra, aí servindo até 20 de novembro de 1906, data em que foi nomeado Assistente do Chefe do Estado-Maior do Exército.

Comissionado pelo Ministro da Guerra foi, em 1910, aos Estados do Norte, a começar pelo seu, a fim de coligir dados para a história militar do Brasil.

De 1912 a 1913 comandou, em Manaus, o 19.º Grupo de Artilharia de Montanha, e, interinamente, durante cinco meses, a 1.ª Região Militar. Comandou em Curitiba, Paraná, de 1913 a 1916, o 2.º Regimento de Artilharia de Montanha.

De 1916 a 1918 serviu como Chefe do Estado-Maior da 3.ª Região Militar, que comandou interinamente por três vezes; e de 1918 a 1921 esteve como chefe da 4.ª seção do Estado-Maior do Exército e do 2.º Departamento da mesma repartição.

Nomeado Delegado do Estado de Sergipe ao 6.º Congresso Brasileiro de Geografia, reunido em Belo Horizonte, a 7 de setembro de 1919, desempenhou com raro brilho essa comissão, apresentando uma substanciosa memória, que restabeleceu a verda-

deira posição geográfica do rio Real, memória que, amplamente divulgada, teve a denominação de "A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias".

Pertenceu a várias sociedades literárias e científicas, nomeadamente, "Emancipadora Rio Branco", "Clube Acadêmico", de Porto Alegre, "Clube Militar", do Rio de Janeiro, de que foi um dos fundadores, e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

— o —

Do General Ivo do Prado disse o Desembargador Guaraná, no seu Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano :

"Foi Ivo do Prado um dos sergipanos de mais elevado merecimento. Como militar, propagandista e um dos proclamadores da República, sua atuação sempre foi nobre e benéfica. Político, seu ideal colimou a autonomia dos pequenos Estados no seio da federação nacional. Jornalista, fêz de sua pena uma arma de combate a favor da regeneração de costumes deletérios. Positivista à Comte e materialista à Buchner, tornou-se alfim teosofista, evolução espiritual explicável pela natureza de seus sentimentos, pelas qualidades excepcionais de seu caráter."

"Coube a Ivo do Prado representar o seu Estado na Constituinte republicana de 1921 a 1923. Inteligente e bom, difícil seria assinalar o que mais se afirmou: se o talento, servido por vasta erudição, se a bondade, constatada em todos os atos de sua vida pública e particular. E eis porque, por ocasião de sua morte, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, em 25 de abril de 1924, suas exequias assumiram as proporções de uma glorificação."

"Pranteou-a tôda a colônia sergipana ali residente, todo o Sergipe intelectual e político que naquele instante perdia um dos seus filhos mais ilustres e a República um dos seus mais leais e denodados defensores. Foi causeur admirável e um arguto polemista."

"Nós, os sergipanos, somo-lhe devedores da extraordinária defesa dos direitos de Sergipe na secular pendência de limites com a Bahia. O seu livro, — "A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias", é um perfeito trabalho de historiógrafo e cientista, pois, revivendo o passado, êle nos deu sôbre o assunto a última palavra. Ê um livro que honra o seu autor e a terra em que nasceu." Dez

anos depois do falecimento do General Ivo do Prado, a 25 de abril de 1934, houve uma tentativa malograda de ereção de um monumento à sua imperecível memória, à qual não faltou o esforço, cheio de entusiasmo, do Instituto Histórico.

Na solenidade do lançamento da primeira pedra do referido monumento, na avenida que tomou o nome do notável sergipano, foi orador oficial o eminente e culto magistrado desembargador Gervásio de Carvalho Prata, que proferiu empolgante discurso em que, ao referir-se ao papel altíssimo desempenhado por Ivo do Prado na defesa dos direitos de Sergipe na questão de limites, disse, com visível emoção :

“Foi êle que, emergindo nas trevas do passado, acendeu o facho de luz que nos deixou ver, com as claridades do sol, os vivos relevos da antiga Capitania de Sergipe del Rey, desenterrando marcos escondidos, mostrando rios esquecidos, avivando rumos apagados, restaurando vestígios sumidos, com a bússola da cartografia e a consulta dos historiadores, pertinaz como um explorador e como um decifrador paciente, para nos poder dizer, em suma, com a fé dos documentos e a lógica das provas, que o direito sergipano vai ao alto São Francisco, muito além do Salitre, e não somente até a linha imaginária que une as vertentes do Real ao Xingú, como dantes se fazia acreditar.”

A tentativa da estátua fracassou, mas está em perspectiva a ereção de um busto em bronze que rememore pelos séculos adiante a figura inesquecível de Ivo do Prado, “um verdadeiro deus da nossa mitologia regional, um santo da nossa igreja sentimental”, no dizer de Gilberto Amado, ao fazer da tribuna da Câmara dos Deputados o seu necrológio.

O General Ivo do Prado contraiu núpcias em Aracaju a 19 de novembro de 1915, com sua prima D. Ester do Prado Montes da Franca, filha do antigo e austero educador sergipano Prof. Alfredo de Siqueira Montes e D. Maria de Araujo Montes, não tendo deixado descendência.

* * *

O General Ivo do Prado, que exerceu o mandato de Deputado Estadual de Sergipe, no biênio de 1898-1899, fundou e redigiu :

— **Correio de Sergipe** : diário político. Aracaju, 1890-1891. O primeiro número saiu a 12 de setembro de 1890.

— **Jornal do Aracaju** : publicação diária. O 1.º número saiu a 2 de abril de 1894. Foi o segundo órgão de publicidade saído em Aracaju com este título.

— **O Brasil** : Corumbá, Mato Grosso, 1902: periódico semanal.

Colaborou no manifesto político do Presidente de Mato Grosso, Antônio Pais de Barros, quando foi por este assumida a chefia do seu partido, e nos jornais "Luta", "Lábaro", "Mercantil" e "Século", todos de Porto Alegre; e "Gazeta Oficial", "Estado" e "Rebate", de Cuiabá, Mato Grosso.

Usou na Imprensa o pseudônimo de **Júlio Iapiranga**.

Escreveu :

— **Eu e o Dr. Leandro Maciel** : debate político. No **O Republicano**, de Aracaju, de 24 de setembro de 1890.

— **Ao Eleitorado Sergipano** : manifesto político. No "Correio de Aracaju", e no "Jornal do Povo", de Aracaju, de 4 de janeiro de 1921 e no Diário Oficial do Estado do dia 5. Saiu também em avulso de 4 páginas.

— **A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias** : memória sobre questões de limites (Congresso de Belo Horizonte). In 8.º com VI - 411 pags. e 44 mapas intercalados no texto, um índice e uma errata no fim.

E. D.

General João de Avila Franca

Transcorreu a 23 de junho de 1960 o centenário de nascimento do General João de Avila Franca.

Nasceu êle na Estância a 23 de junho de 1860 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, onde residia, a 8 de março de 1932. Era filho legítimo de Manuel Barbosa da Franca e D. Maria Luiza Trindade da Franca.

Fêz na Estância os estudos de primeiras letras e os de francês e latim, tendo por companheiros, entre outros, Gumersindo Bessa e Isaías Simões de Andrade, com os quais fundou ali, em 1875, o pequeno jornal literário A AGUIA, cujo trabalho de composição e impressão era feito pelos próprios redatores.

Mal completara os seus 16 anos de idade, não contando com recursos suficientes para prosseguir nos seus estudos, frequentando escolas de grau universitário, então de difícil acesso, seguiu para a capital baiana, a fim de empregar-se no comércio, carreira então ambicionada pelos moços a quem não seduziam os trabalhos rudes dos campos.

Os seus pendores, porém, não eram para a carreira de comerciário, ao tempo trabalhosa e referta de exigências pesadas da classe patronal. Sem consultar a família, por temer oposição da mesma, abandonou o serviço árduo de caxeiro e dirigiu-se, clandestinamente, para a cidade do Rio de Janeiro, com o propósito de seguir a carreira militar para a qual se sentia com decidida vocação, influenciada esta pelo exemplo de outros membros de sua família, que a escolheram com êxito.

Era o espírito um tanto aventureiro do sergipano que, premeido pela estreiteza do meio e sentindo a necessidade de gozar melhor a vida, emigrara corajoso. Dado o primeiro passo, desligando-se da gleba natal, outros forma dados até a consecussão de

um ajuste entre as condições do meio e as aspirações individuais. Chegado ao Rio e por intermédio do seu parente e conterrâneo Major Leopoldo Antônio da Franca Amaral, devotado amigo do Conde d'Eu, logrou ficar sob a proteção desse ilustre membro da família imperial, do qual se tornou, mais tarde, amigo devotado, trocando com o mesmo cartas assíduas e íntimas, antes e depois da adversidade política que veio pungir o coração do Príncipe-consorte. A sua digna família conserva ainda algumas dessas cartas.

A 11 de janeiro de 1877, seguindo o seu plano, verificou praça com destino à Escola Militar da Praia Vermelha onde fêz o tirocínio escolar e galgou, a 30 de julho de 1881, o posto de 2.^o Tenente. Coube-lhe depois ser promovido a 1.^o Tenente, a 23 de janeiro de 1889; a Capitão, por serviços relevantes, a 7 de janeiro de 1890; e a Major graduado em 31 de dezembro de 1894, efetivado a 3 de novembro de 1898.

A 7 de março de 1902 foi promovido, por antiguidade, a Tenente-coronel, passando a Coronel, por merecimento, a 7 de dezembro de 1910. A 22 de janeiro de 1913 foi reformado, a pedido, com as honras de General de Brigada.

Tinha o curso de engenharia pelo Regulamento de 1889; e era Bacharel em matemática e ciências físicas e naturais, além de Engenheiro Geógrafo. Tinha também o curso de Estado-Maior.

Tomou parte na defesa da autoridade constituída por ocasião da revolta que se deflagara de 6 de setembro de 1893 a 13 de março de 1894 e pertenceu ao antigo Estado-Maior do Exército. Foi nomeado, por portaria do Ministro da Guerra, de 3 de abril de 1888, ajudante de ordens do Presidente da província de Sergipe, Dr. Francisco de Paula Prestes Pimentel, e encarregado do detalhe militar. Assumiu as referidas funções a 11 de maio do referido ano e serviu até abril de 1889.

O referido Presidente, Prestes Pimentel, referindo-se à sua atuação no exercício dessa comissão disse, em seu Relatório de transmissão do govêrno, em 1.^o de fevereiro de 1889 :

“Ocupa o lugar de ajudante de ordens da presidência e encarregado do detalhe militar o 2.^o Tenente de artilharia engenheiro João de Avila Franca, militar brioso, honesto e inteligente; e

que tem contribuído para que o serviço que corre pela mesma repartição seja desempenhado com tôda a regularidade e prontidão”.

A 23 de novembro de 1889 foi nomeado secretário do governo da província de Sergipe, tomando posse a 13 de dezembro seguinte, dia em que assumiu o governo provisório do Estado o Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire. Serviu até julho de 1890, quando abandonou o cargo.

Em setembro, ainda de 1890, foi nomeado Secretário da Escola de Tiro do Realengo, servindo também no gabinete do Ministério da Guerra com o General Almério de Moura. Ocupou o lugar de delegado do Chefe do Estado-Maior do Exército no 7.º Distrito de 1900 a 1903.

Foi secretário da Escola Militar da Praia Vermelha de 1902 a dezembro de 1905.

Promovido a coronel, por merecimento, a 7 de dezembro de 1910, voltou a chefiar a 1.ª seção do Estado-Maior do Exército, cargo que exercera, excepcionalmente, de 1903 a 1904, quando no posto de Tenente-coronel. Encontrou no referido Estado-Maior uma plêiade de oficiais de grande valor, entre êles os, mais tarde, generais José Maria Moreira Guimarães e Tasso Fragoso.

Serviu, em comissão, no Ministério da Justiça, como Inspetor da Contadoria da Fôrça Policial do Distrito Federal, de outubro de 1904 a dezembro de 1906 e Diretor de Obras Militares na Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, de 1906 a 1908.

* * *

Colaborou em jornais de Aracaju com artigos de polêmica e de reorganização de Serviços, bem como na Revista Acadêmica da Escola Militar, na Revista Militar, no Jornal do Brasil, na revista Kosmos, na Revista do Estado-Maior e na edição da tarde do Jornal do Comércio, todos do Rio de Janeiro.

Na revista Kosmos, em 1901 e 1902, versando assuntos militares. Na edição da tarde do Jornal do Comércio, sob o pseudônimo de Von Calmeneses em artigos que inspiraram o governo o contrato de uma missão estrangeira para a instrução do Exército. Durante sua permanência em Corumbá, Estado de Mato Grosso, colaborou no jornal “O Brasil” que ali se publicava.

Ao requerer, em 1913, a sua reforma, obteve-a no posto de general de brigada, sem a graduação de general de divisão por não contar ainda os 40 anos de serviço exigidos pela lei.

O Correio da Manhã, em artigo de fundo, assinado por Gil Vidal, pseudônimo do grande jornalista Dr. Leão Veloso, lamentou esse gesto do General João de Avila Franca, preferindo que ele permanecesse na atividade, prestando ao país os reais serviços de militar inteligente e culto.

Depois de reformado dedicou-se à pintura a óleo, com rara força de vontade e grande aptidão artística, até então nunca revelada. Produziu algumas telas, cópias de quadros célebres e retratos de pessoas da família. Começou por último a organizar uma biblioteca de arte, em substituição à de livros de assuntos militares, que antes organizara para seus estudos e recreio.

Sem professor que lhe orientasse no manejo do pincel e na utilização das tintas iniciou os seus trabalhos de pintura causando geral admiração.

Como era muito retraído e dotado de temperamento um tanto esquisito, fêz-se artista do pincel para encontrar na pintura uma distração.

O Monsenhor Vitorino Fontes, então vigário da Estância, amigo de infância e condiscípulo do General Avila Franca, em suas viagens ao Rio, soube apreciar as telas magnificamente executadas pelo seu companheiro, resultando daí a deliberação tomada pelo General pintor de executar um quadro, de grandes dimensões, representando N.S. de Guadalupe, de grande devoção no México e padroeira da freguesia da Estância, para ser colocado na Matriz da referida Freguesia.

Trabalhava na execução desse grande quadro quando se agravaram os seus antigos padecimentos causados por diabetes, os quais se complicaram com o aparecimento de furúnculos e fenômenos de arterioesclerose, acrescidos de extrema debilidade, resultando disso uma miocardite aguda e morte afinal, antes de ter concluído a grande tela de N.S. de Guadalupe.

O General Avila Franca casou-se na Estância, sua cidade natal, a 29 de dezembro de 1888, antes de completar os seus 29 anos de idade, com sua sobrinha D. Coseta de Avila Franca, filha legítima do guarda-livros Domingos Pacheco de Avila, (exercia a profis-

são de guarda-livros na Bahia, quando faleceu repentinamente, vítima de rutura de aneurisma da aorta, quando acompanhava a procissão do Senhor Morto, na sexta-feira da paixão, em Salvador, Bahia) e sua irmã D. Ana Franca de Avila.

Dêsse casamento teve quatro filhos, três varões e uma môça, a saber: o Dr. em medicina João Batista de Avila Franca, o Tenente-coronel do Exército, reformado, Domingos de Avila Franca, Leopoldo de Avila Franca, funcionário civil do Ministério da Guerra, falecido na cidade do Rio de Janeiro em 19 de dezembro de 1956, e D. Côseta de Avila Franca, que adotou o nome materno.

O General João de Avila Franca escreveu :

— **Abastecimento de água potável ao Aracaju**: memória que saiu no "O Republicano", de Aracaju, de 12 de janeiro de 1890 e no "O Estado de Sergipe", também de Aracaju, da mesma data.

— **Abastecimento de água**: série de artigos. Ainda no "O Republicano" de 2, 4 e 9 de março de 1890. É um debate mantido com o Dr. Feliciano Euzébio Dias Prazeres.

— **Um pedacinho de finanças**. No mesmo jornal de 9 de março. É também debate com o Dr. Feliciano Euzébio Dias Prazeres.

— **Fontes públicas**. No O Republicano de 25 a 29 de abril de 1890.

— **Assuntos militares**. Série de 3 artigos, sob o pseudônimo de X, mas o último sem assinatura. No "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro, de 25 de outubro, 1 e 3 de novembro de 1891.

— **Assuntos militares. Poder Legislativo**. No mesmo jornal de 4, 9, 13, 19 e 25 de dezembro de 1891 e 1.º de janeiro de 1892.

— **Assuntos Militares. Fôrça Armada**. No mesmo jornal de 8, 17, 24 e 31 de janeiro e 1 e 7 de fevereiro de 1892.

— **Mato Grosso**: notícia histórica sôbre o Estado dêste nome. Nos números de março, abril e maio de 1904, da revista "Kosmos", do Rio de Janeiro.

— **Ligeiras considerações sôbre a defesa de Mato Grosso**: série de artigos de propaganda, na mesma revista "Kosmos", vol. 6, de 1904, pags. 73 a 82, 117 a 124, 195 a 204, 286 a 281, 502 a 512, 543 a 555.

* * *

O casal Manuel Barbosa da Franca, D. Maria Luiza Trindade da Franca teve, além do general João de Avila Franca, nascido na Estância a 23 de junho de 1860, os seguintes filhos: Honorina de Avila Franca, que faleceu solteira, no Rio de Janeiro, em 1901.

D. Luiza Franca de Avila Nabuco, que foi casada com o coronel João Maria de Araújo Nabuco, proprietário do antigo engenho Poções, município da Estância, e pai do Dr. José Tomás de Avila Nabuco, Guilherme de Avila Nabuco, Manuel de Avila Nabuco, Antonio de Avila Nabuco, João Maria de Araújo Nabuco Filho, Aurélio de Avila Nabuco, que faleceu solteiro, D. Ana Luiza de Araújo Leite, viuva, sem filhos, do Dr. Berilo Vieira Leite; D. Luiza Maria de Avila Freire, casada com José Martins Freire e Maria Luiza de Avila Nabuco, casada com Pascoal de Souza Avila, ambos falecidos.

O general João de Avila Franca por algum tempo envolveu-se na agitada política do seu Estado, tão cheia de nuances desagradáveis, desde os tempos da Independência, tentando sua eleição para deputado federal.

A história política de Sergipe está a reclamar uma revisão, na qual se faça expungir dos fatos ocorridos afirmações tendenciosas e inexatidões. O general João de Avila Franca parece que se desiludiu da política, não mais militando nas fileiras partidárias.

E. D.



DESEMBARGADOR MELCHISEDECK CARDOSO

* 23-6-1860 - † 15-7-1932

Desembargador Melchisedech Cardoso

Entre os centenários de nascimento transcorridos em 1960 contou-se o do íntegro magistrado e insigne cultor das letras clássicas Desemb. Melchisedech Matusalém Cardoso, a quem coube exercer grande influência nos meios culturais e jurídicos da terra gaúcha.

Nasceu êsse varão modelar a 23 de junho de 1860 na cidade da Estância, onde nasceram também seus irmãos Severiano, Bricio, D. Amélia e Sinfrônio Cardoso, todos portadores de grande inteligência. Foram seus pais o baiano professor Joaquim Maurício Cardoso e a sergipana D. Joana Batista de Azevedo Cardoso.

Não sabemos onde o menino Melchisedech fez os estudos primários, provavelmente na cidade da Estância, com o seu ilustre pai, que era professor. Fez no Ateneu Sergipense, instalado na cidade de Aracaju em fevereiro de 1871, os estudos secundários. Antes de completar os seus 17 anos de idade matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, onde fez todo o tirocínio acadêmico e onde recebeu, em 1881, o grau de bacharel.

Deixando os bancos acadêmicos foi nomeado promotor público da comarca do Conde, na província da Bahia.

Em 1882 foi nomeado juiz municipal e de órfãos do termo de Soledade, Rio Grande do Sul. Ali permaneceu durante cerca de dez anos, casando-se com respeitável senhora de importante família serrana. No alvorecer da República passou a exercer as funções de juiz de direito de Cruz Alta, sendo depois, sucessivamente, removido para as comarcas de Rio Pardo, Rio Grande e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, como juiz da 1.^a vara, a de comércio.

A 17 de novembro de 1904 foi nomeado desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Estado, onde, no dizer do desembargador Florêncio de Abreu, seu biógrafo, "exercceu as funções

de desembargador com extraordinário brilho e irrefragável autoridade”.

Em continuação, refere o desembargador Florêncio de Abreu:

“Foi uma das fases áureas do Tribunal, aquela em que ali julgavam juntamente êstes três luminares da ciência jurídica, — André da Rocha e Ribeiro Dantas, norte-riograndenses, e Melchisedech Cardoso, sergipano”...

A 26 de maio de 1921, contando 40 anos e 19 dias de serviço público, foi aposentado, a seu pedido, no lugar de desembargador. Reverteu, porém, à atividade judicante no mesmo Tribunal por Decreto de 20 de novembro de 1922, mantendo-se na alta investidura até 26 de julho de 1931, data em que se aposentou novamente.

Noticiando o ato acertado de sua reversão à atividade judicante os jornais “A Federação” e o “Petit Jornal”, ambos de Porto Alegre, expressaram-se com inequívocos elogios, reconhecendo-lhe o imenso valor como jurista que figurava entre os mais notáveis de sua época.

Em 1902 ingressou o desembargador Melchisedech no corpo docente da Faculdade de Direito, por nomeação de 17 de março dêsse ano, ocupando a cadeira de Teoria do Direito. Passou, logo depois, a reger a cadeira de Direito Civil. Em 1904 foi eleito vice-diretor da Faculdade e permaneceu no posto, em face de reeleições sucessivas, até a sua morte, ocorrida, repentinamente, em Porto Alegre, a 15 de julho de 1932.

Na passagem do 1.º centenário de nascimento do desembargador Melchisedech Cardoso o Instituto dos Advogados Brasileiros rendeu à sua memória merecida homenagem numa sessão pública e solene que teve por orador o notável advogado e homem de letras desembargador Florêncio de Abreu. A homenagem foi uma só, mas em grande estilo cultuando ao mesmo tempo a memória dos desembargadores Melchisedech Cardoso e André da Rocha, êste natural do Rio Grande do Norte, mas integrado no patrimônio demográfico do Rio Grande do Sul.

O desembargador Florêncio de Abreu iniciou o seu belo discurso dizendo :

“Transcorreram êste ano os centenários de nascimento de dois grandes juristas que passaram a maior parte de sua vida no exercício da magistratura no Rio Grande do Sul. Dignificaram a Jus-

tiça do meu Estado, pelo saber, pela competência técnica, pela probidade, pelo alto espírito público e de sacrifício no perfeito desempenho do alto mister da judicatura. Desempenharam ainda com proficiência invulgar, o exercício do magistério como catedráticos da Faculdade de Direito de Porto Alegre, hoje integrada na Universidade do Rio Grande do Sul.”

Adiante disse o desembargador Florêncio de Abreu :

“Eram ambos, André da Rocha e Melchisedech Cardoso, cultores das letras clássicas, grandes humanistas, profundos conhecedores da prestigiosa e difícil lingua de Papiniano.”

Invocou, a propósito, uma referência do tribuno João Neves da Fontoura ao desembargador Melchisedech, segundo a qual “não raro era o excelso desembargador surpreendido a recitar de cór para a esposa as ódes de Horácio “que ela, sem compreender, ouvia enlevada e atenta, enquanto fazia tricot do outro lado da mesa”.

O desembargador Melchisedech foi um dos redatores de “O Porvir”. Aracaju, 1872, “pequeno jornal literário, órgão de uma associação”. O seu corpo redatorial compunha-se de estudantes do Ateneu Sergipense, entre eles Baltazar Góis, José Ricardo Cardoso, Eutíquio Lins, Silvério Martins Fontes, Manuel Alves Machado e o próprio Melchisedech.

Colaborou no jornal “Descentralização”, órgão de propaganda republicana, de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, sob a direção de Venâncio Aires e na Gazeta Serrana, da mesma cidade. Fundou o jornal 14 de Julho, órgão republicano, em Santa Maria da Boca do Monte, no qual publicou uma série de artigos sob diversas epígrafes.

Escreveu :

— Discurso pronunciado na sessão promovida por José Ricardo Cardoso a 12 de julho de 1874 para sugerir a fundação de um jornal de estudantes do Ateneu. No “O Porvir”, de Aracaju, de 2 de agosto de 1874.

— Editorial do n. 7 do mesmo jornal, de 13 de setembro de 1874.

E. D.

João Ribeiro

Nasceu êsse notável sergipano na cidade de Laranjeiras, cheia de montanhas e acalentada pelo vago marulhar das águas do Continguiaba, que lhe serpeia, a 24 de junho de 1860.

Laranjeiras era então um centro bastante movimentado. Lá estivera hospedado o General Pedro Labatut, que viera do Maranhão para atacar na Bahia as fôrças teimosas do General Madeira. Em Laranjeiras tiveram berço várias outras figuras de relêvo na vida cultural, social e política. Lá nasceram o grande tribuno, polemista e político Pe. José Gonçalves Barroso, o Visconde de Maracaju, Justiniano de Melo e Silva, Samuel de Oliveira, Moreira Guimarães e Aristides Guaraná, para citar apenas alguns dos seus ilustres filhos, entre os que mais culminaram nas letras e que já alçaram asas para o vôo da eternidade.

Foram seus pais Manuel Joaquim Fernandes e D. Guilhermina Ribeiro Fernandes. Feitos os estudos primários na cidade do seu nascimento veio para esta capital, onde, no Ateneu Sergipense, atual Colégio Estadual de Sergipe, habilitou-se para os estudos superiores, com a conclusão, em 1880, do curso de humanidades.

Em 1881 seguiu para o Rio de Janeiro inspirado no desejo de matricular-se em uma das escolas de instrução superior. Com a crescida bagagem de conhecimentos que levou, e não lhe sobrando recursos para tentar os estudos superiores, consagrou-se ao magistério particular, lecionando nos colégios Dom Pedro de Alcântara, Alberto Brandão e outros, consagrando-se com ardor à linguística em que se tornou um dos maiores que já contou o nosso país.

Em 1885 concorreu ao lugar de oficial da Biblioteca Nacional, conseguindo nomeação, depois de aprovado no concurso. Em novembro de 1890, vendo que o seu feitio se não amoldava à vida burocrática, deixou a função que desempenhava na referida biblioteca. Tendo feito concurso, em 1887, para a cadeira de português do

então Colégio Pedro II, hoje Ginásio Nacional, foi aproveitado em 1890 na cadeira de história universal. Em 1894 realizou o seu velho sonho de obter um diploma em escola superior, bacharelando-se em ciências jurídicas e sociais na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

A fama dos seus conhecimentos linguísticos e o justo renome que conquistou como pedagogo, fizeram com que o governo federal o comissionasse, em 1896, para ir à Alemanha realizar um estudo dos processos educativos naquêlé e noutros países do continente europeu, cabendo-lhe ainda representar o Brasil na Conferência de Dresde, dêsse ano, sôbre a propriedade literária.

Em 1897 representou oficialmente o Brasil no Congresso de Londres para a organização do Catálogo Internacional. Em abril de 1911 foi nomeado para reger a cadeira de sintaxe da língua portuguesa do *Pedagogium*, mantido pela Prefeitura Municipal do Distrito Federal. Desejoso de maior progresso nos seus conhecimentos linguísticos, seguiu, em 1914, para a Suíça, onde permaneceu até setembro dêsse ano, quando regressou ao Brasil.

João Ribeiro foi uma das maiores inteligências e das mais vastas culturas que o Brasil já contou. Além do mais era um homem rigorosamente probo. Nunca mercadejou o seu talento nem se deixou amolentar ao assédio pertinaz da lisonja calculada.

Com essas qualidades não logrou ascender às falazes posições políticas. Poeta e prosador vigoroso e fecundo, deixou uma crescida bagagem literária que o Dr. Armindo Guaraná arrolou, antes de penetrar nas sombras da morte, em seu magnífico Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano, a que recorreremos na confecção desta notícia.

Os seus livros mais vulgarizados, porém, foram as suas três gramáticas da língua portuguesa, correspondendo cada uma aos graus em que dividiu o estudo do idioma: primário, médio e superior.

João Ribeiro chamou-se a princípio João Batista Ribeiro de Andrada Fernandes. Com o correr dos tempos foi deixando cair, um a um, no chão do esquecimento, como o cedro que, no seu crescer contínuo, vai se despindo de cascas primitivas, essa infinidade de apelidos que lhe enfastiavam na lavratura do seu nome. Ele



DR. JOÃO RIBEIRO

* 24-6-1860 — † 13-4-1934

próprio, com o sal do seu humorismo, contou depois como tirou tanto alforge de cima do seu nome.

Ouçamos o seu depoimento que tomamos a Paulo Setúbal, no seu discurso acadêmico, ao substituí-lo na Academia Brasileira de Letras :

“Chamo-me (pouca gente o sabe) João Batista Ribeiro de Andrada Fernandes, nome tamanho para tão curto individuo”.

“Ainda môço, cortei o Andrada, pois que o Ribeiro de Andrada, por auspicioso que fôsse, podia parecer um apelido fraudulento. Cortei também o Fernandes para evitar o João Fernandes, que se opõe a Cesar nos provérbios. E fiquei João Ribeiro; e talvez fôsse melhor ficar João Batista. Zanguei-me com o Batista, porque um padre, professor de latim, costumava apodar-me: — João Batista, abaixe a crista! E não só abaixei, cortei-a de vez. Sou, pois, um mutilado, graças a essas anatomias remotas. Podia ser pior.”

João Ribeiro foi um dos mais fecundos escritores que o Brasil já possuiu.

— Paulo Setúbal, no seu aludido discurso acadêmico, arrolando as últimas e grandes perdas da Academia Brasileira de Letras, entre as quais avultava a de João Ribeiro, disse :

“Entre os que caíram, tronco soberbo, com grossas raízes mergulhadas fundamente no chão nativo, com larga fronde a fulgir no ouro bubuiante do sol, foi João Ribeiro, aquêlê jequitibá magnífico, entrançado de lianas balouçantes, enfeitado de parasitas alegres, todo chilreado de pássaros, que uma faisca sacrilega feriu de golpe na magestade de sua fôrça. E rolou por terra o gigante. Gigante que durante 50 anos, bem cheios e bem vividos, outra cousa não fêz senão o dedicar-se às letras, à arte, à cultura, ao levantamento intelectual do Brasil.

“Espírito curiosamente polimorfo, surpreendentemente policulto, dêsses que sabem marcar, desempenados e ágeis, por fundas e várias correntes do saber humano, João Ribeiro, ao desaparecer, deixou nesta casa, que êle tanto amou e tanto ilustrou, — o autor refere-se à Academia, — um vazio que se não preencherá tão cedo”.

João do Rio, com a graça admirável que punha em tudo que saía de sua maravilhosa pena, canonizou João Ribeiro, sem maiores formalidades ritualísticas, juntando-o ao agiologio como o nome de São João Ribeiro.

Foi êsse grande sergipano um verdadeiro himalaia das letras no Brasil. Sergipe está a dever a essa grande memória uma homenagem mais concreta que a prestada pela municipalidade desta Capital, dando o seu nome a uma de suas avenidas, mediante sugestão do Instituto Histórico e Geográfico, de 20 de abril de 1934.

João Ribeiro começou sua atividade publicitária aos 17 anos de idade no "Jornal do Aracaju", no "Jornal do Comércio" e no "Diário de Sergipe", que se publicavam nesta capital em 1877. Saíram então as seguintes produções de sua autoria :

— **Mário e as ruínas de Cartago.** Devaneio oferecido a Severiano Cardoso. Composição poética. No Jornal do Aracaju, de 30 de maio de 1877.

— **Perdida.** Versos. No Diário de Sergipe, de 9 de junho de 1877.

— **Deus, o artista e a liberdade:** poesia recitada no dia 7 de setembro, em Laranjeiras. No Jornal do Comércio de 15 de setembro de 1877.

— **Lágrimas.** A' memória de Francisco Alberto, inocente filhinho da Exma. Sra. D. Possidônia de Santa Cruz Bragança. No Jornal do Comércio, de 31 de outubro de 1877.

— **Dedicatória à Virgem de Lamartine** (Tradução). No Jornal do Comércio, de 4 de novembro de 1877.

— **Carta a Manuel dos Passos de Oliveira Teles** sôbre a sua poesia "Tiradentes". No mesmo Jornal, de 29 de novembro de 1877.

E. D.

Mestre João Ribeiro

Zózimo LIMA

Estamos, jubilosos, neste ano de 1960, festejando o primeiro centenário do nascimento de João Ribeiro, — o santo polígrafo da nossa devoção intelectual.

O seu nome, em todos os quadrantes do Brasil, inclusive, já se vê, nas escolinhas do interior onde se lê e se ensina a sua gramática primária, na pequena e grande imprensa, nos grêmios literários, nas universidades, nos institutos históricos e geográficos, está sendo memorado com a exposição da sua vida rica em exemplos que exornam as individualidades em todos os seus contornos cívicos, morais e culturais.

Pediram-me que eu dissesse alguma coisa, em linguagem escrita ou falada, sobre o grande mestre que veio à vida, faz cem anos, em Laranjeiras, deste Estado.

Que diria eu sobre o eminente humanista cuja obra poliedrica já foi analisada, — e ainda está sendo, hoje, — por conspícuos críticos e exegetas?

Neste instante, — estamos em junho, mês do seu nascimento, — as associações literárias, as dedicadas, principalmente, aos estudos filológicos, tanto do Brasil como de Portugal, terão os seus ilustres componentes ocupados no estudo comparativo, em tertúlias, das obras do mestre brasileiro com as dos que lhe saíram ao encontro, em polémicas ruidosas, pelo aperfeiçoamento do idioma das duas pátrias irmãs.

Aqui mesmo, em Sergipe, sua e nossa terra muito amada, nesta hora movimentam-se os intelectuais em palestras, conferências e concursos para glorificar o conterrâneo que, após saído dos bancos do antigo Ateneu, fôra, muito jovem, disputar, em 1887, uma cadeira no Pedro II, do Rio, saindo, afinal, depois de notável prelio com a rigorosa banca examinadora da qual fazia parte o temível polemista e filólogo Carlos de Laet, com as palmas da vitória.

Não tinha, ainda, João Ribeiro, por essa época, quando, por concurso, foi nomeado catedrático do ginásio oficial do Império, o diploma de bacharel em leis. Saíndo de Sergipe em 1881, com destino à Côrte, ingressara, por concurso, no quadro de funcionários da Biblioteca Nacional, onde, mais tarde, substituiria, no cargo, ao já consagrado historiador Capistrano de Abreu.

O glorioso filho de Colominjuba, distrito de Maranguape, sertão do Ceará, Capistrano, que era homem de poucos amigos, ou, melhor, rigoroso selecionador de amizades, por ser esquisitão, hiperestésico, às vèzes assaltado por crises esquizotímicas, tinha em elevado aprêço o estudioso sergipano de Laranjeiras, como o demonstra na carta que a 16 de outubro de 1885 dirigia a Machado de Assis, outro esquizóide de talento :

“My dear: Tenho a honra de lhe apresentar o sr. João Fernandes Ribeiro, meu amigo e sucessor na Biblioteca Nacional, poeta distinto e não menos distinto linguista. Pondo em comunicação dois espiritos superiores, sei que entre ambos se estabelecerão as melhores e mais cordiais relações, com o que muito folgarei. Bien à vous, J. Capistrano de Abreu”.

Após receber o grau de bacharel em 1894, João Ribeiro não mais voltou à Secretaria da Faculdade para retirar o respectivo canudo universitário. O seu temperamento não era compatível com a profissão de advogado, andar às voltas com os compêndios de Lobão, Ramalho, Teixeira de Freitas, Mittermeyer e outros tratadistas e praxistas cujas lições causavam surmenage e provocavam, como ainda hoje e sempre, na prática forense, conflitos e controvérsias com caturras tabeliões e juizes de fígado avariado.

Era João Ribeiro de espirito pacato, sereníssimo, comodista. Prendiam-no os estudos de gabinete, a mansuetude do lar, a convivência com as traças e cupins das bibliotecas. Poliglota, dominava o grego, o latim e falava correntemente o alemão, o inglês, o francês e o italiano.

Em comissão do govêrno, prêmio aos seus invulgares méritos de professor, em 1905 foi à Europa a fim de estudar a organização do ensino, percorrendo a Alemanha e a Suíça, estabelecendo con-

tatos com filólogos das principais universidades e colégios de Berlim, Leipzig, Heidelberg, Tubingen, Gottingen e Francfort.

Ao regressar à pátria, bem disposto, até barbeado a rigor, de bem tratado andó (depois raspado), trouxera fartíssima bagagem de conhecimentos linguísticos, literários e científicos, dando a lume, numa progressão impressionante, ampliando composições anteriores, "Páginas de Estética", "Satíricos Portuguezes", "Autores Contemporâneos", "História do Brasil", "História do Oriente e Grécia", "Estudos Filológicos", "Frases Feitas", "Fabordão", "Curiosidades Verbais", "Colmeia", "Notas de um Estudante", "Lingua Nacional", "Floresta de Exemplos", vários compêndios gramaticais para todos os cursos, inclusive o "Dicionário Gramatical". Traduziu, ainda, "O CORAÇÃO", de Edmundo de Amicis, principal encanto da minha aprendizagem no curso primário.

Outros primores poéticos, filológicos, históricos e críticos vêm sendo cuidadosamente, com desvêlo filial, publicados por seu erudito filho, prof. Joaquim Ribeiro. Muita gente ignora mas é verdade que João Ribeiro cultivava a música e a pintura. Outras atividades pedagógicas absorveram-lhe essas inclinações artísticas. Pensou, até, durante algum tempo, em seguir a carreira consular para ficar mais em contato com a cultura européia.

João Ribeiro vivia num mundo diferente, no ambiente dos seus livros. Não lhe tentavam as exterioridades que constituem o maior prazer da burguesia apacatada e dos mediócras ególatras.

Um dos seus discípulos, que lhe traçou rápido perfil, Valerio Rofili, informa que o mestre João Ribeiro sempre fôra muito descuidado. Entrava na aula com a barba por fazer, de calça, colête e casaco de côres diferentes, as botinas sem engraxar.

Perdia-se nas preleções, deslumbrado, a reviver os dias de grandeza e decadência de Atenas. Os alunos vadios, nas sabatinas, para ganhar tempo com sacrifício das respostas às arguições, escondiam o chapéu de João Ribeiro. Este o procurava por todos os cantos do salão. Só quando estava para terminar a aula é que o chapéu aparecia. O mestre não desesperava e a todos, mesmo sem ouvi-los, dava boas notas.

Narrava Hofili que, certa feita, caíra um ponto a ser dissertado, não muito difícil. O aluno, chamado, hirtó e branco como uma estátua, atraiu a atenção do Mestre. — Por que não escreves? —

Estou recordando alguns detalhes e datas, respondeu. Passaram-se quinze minutos e o pobre estudante, desmemoriado, encabulado, não dizia patavina. O professor voltou, com paciência: — Dos dois pontos qual o que mais sabes? Silêncio do aluno. Como o Mestre percebesse que o estudante nada sabia, abriu o livro de História, na página: — Pois copia, camelo; ao menos aprenderás uma vez na vida.

A simplicidade, a ternura, a harmonia na vida doméstica de João Ribeiro eram impressionantes, e a cátedra era o seu segundo lar. Tratava os alunos como filhos.

Conta ainda aquêlê ex-discípulo, de quem colho estas notas, o episódio pouco divulgado, ocorrido numa banca de História, quando João Ribeiro sentiu necessidade incoercível de fumar. Dos seus companheiros, Escragnolle não fumava, e Pedro do Couto só fumava charutos. O Mestre circunvagou o olhar pelo salão e não encontrou o que queria-o cigarro, Murmurou, entre dentes:

— Sei que meu filho João fuma, mas não posso descer da minha autoridade paterna para pedir cigarros a meu filho.

Afinal, vencido pelo vício, chamou:

— João, chega-te aqui.

Em seguida, virando as costas, de mão estendida, disse:

—Dá-me cigarro dos teus e fósforos.

Atendido prontamente, acendeu o cigarro e declarou:

— Agora podes ir.

Logo que o filho se afastou, explicou aos colegas:

— Meu filho João preocupa-me bastante; só sabe namorar e jogar futebol. Não sei o que hei de fazer dêle.

Pensou longamente e depois declarou:

— Já sei; vai estudar Direito e ser diplomata.

A profecia — diz Hofili — não se realizou, porque João Ribeiro, filho, foi ser ferroviário.

Dos escritores mais mal vestidos, naquela época, no Rio, destacavam-se Silvio Romero, Clovis Bevilacqua, Capistrano de Abreu e João Ribeiro.

Em carta de 7 de agosto de 1955 Jordão de Oliveira dizia-me que fôra por Gutmann Bicho apresentado a João Ribeiro, quando êste se dirigia à Livraria Quaresma, na rua São José. O andar do Mestre — escrevia Jordão — era “de cavalariano cansado, engan-

chada a bainha da calça na orelha da botina e trazia um lenço sobrando do bolso, laxo." Esta a indumentária do acaipirado senhor de cultura invulgar, que se batia com arrôjo em polêmicas que marcaram épocas, com Carlos de Laet, Medeiros e Albuquerque e Osorio Duque Estrada, de quem Capistrano dizia "não valer um décimo de João Ribeiro."

Não tive, nestas linhas, a veicidade de estudar a personalidade multifaria do humanista, historiador, poeta, filólogo e crítico sergipano, em todos os seus ângulos, porque vastos e profundos.

Deixo, apenas, aqui, nestas linhas, rápido esboço do perfil mental do inconfundível luzeiro das letras nacionais, valendo-me de ligeiras e esparsas notas de jornais e livros, muitas das quais, entretanto, pouco divulgadas. Fiz simplesmente uma *pochade*.

João Ribeiro

Ocorreu a 24 de junho de 1960 o transcurso do centenário de nascimento do insigne escritor e prof. Dr. João Ribeiro, orgulho e glória do Brasil.

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe tudo fêz para que a efeméride fôsse condignamente celebrada, dado o valor imenso do grande sergipano que tanto soube honrar as tradições de inteligência, operosidade mental e amor à cultura dos sergipanos.

Não faltou sequer a tentativa de ereção de uma estátua na praça pública a qual tornasse imperecível, no bronze, o seu perfil. O depreciamento da moeda nacional matou a iniciativa em prol da referida estátua, que custaria ao sodalício cêrca de um milhão de cruzeiros, sem que se tratasse de um monumento cheio de minúcias artísticas que o encarecessem, mas de uma simples estátua, vendo-se o mestre sentado sôbre uma cadeira.

Para a sessão solene do centenário recorreu o Instituto ao festejado escritor nordestino, Dr. Luiz da Câmara Cascudo, para ser o orador oficial da solenidade.

A despeito de suas complexas ocupações em fase de exames nas escolas em que leciona, o fulgurante escritor acolheu com fidelguia o convite, vindo à capital sergipana para deliciar-nos com a sua eloquência florida e dominadora, tal como acontecera por ocasião da celebração do centenário de Silvío Romero.

Aconteceu, entretanto, que o eloquente orador proferiu de improviso o seu discurso, não o escrevendo antecipadamente, como se julgava que o fizesse.

Dêste modo se tornou impossível a publicação integral do referido discurso neste número especial da Revista. Sai apenas um resumo, a custo, conseguido do brilhante orador, que é, na verdade, muito cheio de tarefas. Pareceu-nos necessária esta explicação, que aqui damos pesarosos de não podermos reproduzir nas páginas desta edição especial de nossa Revista a magistral peça oratória do festejado tribuno Dr. Câmara Cascudo.

João Ribeiro e as constantes culturais de Sergipe

O Prof. Câmara Cascudo pronunciou a sua conferência sem recorrer à leitura e consulta de textos. Embora sentindo-se que falava depois de pesquisa estudiosa dava sempre a impressão da improvisação. Daí publicarmos um pequeno resumo porque o orador, modestamente, recusou-se reconstituir sua conferência.

Evoca a figura de JOÃO RIBEIRO como mestre em várias disciplinas, criando um sentido de exposição magistral pela clareza, obra-prima de precisão vocabular, atravessando incólume as épocas da tempestade verbal atordoadora.

Estuda o escritor até 1881 quando partiu para o Rio de Janeiro.

Nascido em 1860, estava com 21 anos, idade lírica. Mas fizera o curso de humanidades no Ateneu Sergipense, terminando em 1880 e fôra professor particular, já enamorado da filologia, um namôro da linguística que era, para êle, o apêlo a uma viagem pela cultura expressa nos estilos.

O orador descreve Laranjeiras, a paisagem sentimental e aristocrática, o silêncio das ruas doces e o rumor distante do rio presente e lembrado pela tranquilidade do seu curso. Laranjeiras com sua aristocracia rural, tradições de elegância e de inteligência, de mestres ciosos do "bom falar", com suas festas populares, replica, noutra plano, à sedução de Lagarto que daria ao filho Silvio Romero uma continuidade temática e uma força revalorizadora do Folclore.

Cita em João Ribeiro o primeiro estudioso do Folclore como motivo de pesquisa, de atualização, de grandeza erudita. O humanista leva ao Folclore o material incomparável de sua memória, repetindo o método do FRASES FEITAS, a jornada através das bibliografias, identificando o que de popular e de tradicional vivia na página letrada.

(*) Resumo da Conferência do Prof. Dr. Câmara Cascudo pelo mesmo redigido.

Sílvio Romero era um voluptuoso na reminiscência, amando o movimento, a côr, a sonoridade, a presença fisionômica do povo, defendendo o autopopular pela representação humilde e fiel nos ciclos do S. João e do Natal. Não teve tempo e lazer para mergulhar numa busca ao mistério das raízes temáticas, mostrando o que havia na contribuição coletiva sôbre os fundamentos da tradição cultural. João Ribeiro era incapaz de evocar, descrever, sugerir, como Sílvio Romero fizera, vivendo o documento pela sua exposição. Só podia recordar pesquisando, expondo as razões profundas e milenárias, ou as fontes velhas daquelas águas que todos julgavam banais e fáceis.

Laranjeiras fôra-lhe a "constante" pela imposição dos motivos temáticos. Tôda a bibliografia de João Ribeiro é uma sugestão do popular, valorizado pela pesquisa no tempo. A tentação do quotidiano fazia-o escrever a série ininterrupta dos pequeninos estudos incomparáveis. Cada sedução atendida era um vôo de sua inteligência, mobilizando uma bibliografia fixadora. Não o quadro mural ou a sistemática, mas o expositor, o mestre, na sequência das aulas, uma a uma, defendendo o assunto dos perigos do falecimento pela ignorância.

Não evocaria o mestre da História e a didática de sua comunicação, ao seu tempo, assombrosa. E menos o filólogo ou o esteta que fôra o primeiro a divulgar no Brasil tumultuoso as musicalidades daquela predileção que a tão pouco seduziu.

Deixando Sergipe em 1881, João Ribeiro só pediria ao Rio de Janeiro, às viagens e ao esforço no sul, o conhecimento estático, os fundamentos eruditos, a biblioteca, o manancial de informação.

Levara os rumos, as normas, o sentido irrevogável de sua coordenada intelectual.

De Sergipe conduzia a curiosidade pelo idioma, pela história, pelo folclore. Foram êsses os motivos permanentes de sua atividade recriadora e notável.

Levara, permitam-me dizer, o *chão-para-construir*, como era tema de requerimento setecentista ao Senado da Câmara. As cidades, as bibliotecas, as viagens, o convívio, deram materiais para

o edificio. Descendo-se pelo arranha-céu até as bases, os alicerces imóveis e firmes, pisava-se terra de Sergipe, Laranjeiras, barro molhado pelo Cotinguiba.

Cem anos do seu nascimento, vendo-se Laranjeiras que parece Bourges-la-Mort, senhorial e melancólica, no verde úmido de sua paisagem acolhedora, compreende-se essa vocação do fidelismo, a missão emocional que João Ribeiro viveu na capital do Império e da República, o mestre, o sábio, o inimitável sabedor da cultura brasileira.

Centenário do Almirante Amintas Jorge

Pôde o Instituto celebrar, com a pompa que lhe foi possível, o centenário de nascimento do Almirante Amintas José Jorge, uma das figuras mais brilhantes, que foi, de nossa Marinha de Guerra; centenário que transcorreu a 11 de julho de 1960. Publicamos a seguir o discurso proferido na solenidade pelo orador oficial, o poeta J. Freire Ribeiro.

O Almirante Amintas nasceu em Aracaju a 11 de julho de 1860, sendo filho legítimo do farmacêutico Marcelino José Jorge e D. Cândida Leopoldina de Sampaio Jorge, prima do notável poeta Antônio de Castro Alves.

Faleceu em Salvador, Bahia, a 26 de janeiro de 1945, antes de completar os seus 85 anos de idade, legando à pátria uma fôlha de relevantes serviços em que se distinguiram sua bravura, seu espírito de disciplina e seu devotamento à carreira naval que abraçara, como bem acentuou o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, de 1.º de fevereiro de 1945. Em continuação e com visível espírito de justiça, disse o referido jornal :

“Foi êle inegavelmente um marujo destemido e brilhante, enamorado do mar e dos ambientes de bordo das belonaves. Era homem de inteligência equilibrada, proibidoso, elegante e pólido, como um *gentleman*”.

“Apesar disso, suas esperanças e seus sonhos o fizeram gravitar em tórno da terra sergipana, que êle tanto amou, enalteceu e procurou elevar. Contava serviços de guerra, tendo tomado parte ativa na revolução federalista em defesa da ordem e do poder constituído. Empenhou-se em diversas ações no teatro da luta sobre o mar, transportando tropas e desempenhando missões especiais. Depois serviu na esquadra legal durante a revolta capitaneada pelo vice-almirante Custódio José de Melo, sendo distinguido com o comando da torpedeira “Pedro Afonso”.



ALMIRANTE AMINTAS JORGE

* 18-7-1860 - † 26-1-1945

"Tomou parte no ataque ao Aquidabã, em Santa Catarina, em 16 de abril de 1893. Comandou por longo tempo o brigue Pirajá; e neste comando conquistou a fama de marinheiro intrépido e grande profissional de cata-vento. Foi imediato do Benjamin Constant, em viagem às Antilhas e águas européias, quando no golfo do México teve de dirigir as arriscadas manobras de correr o tempo e livrar o navio da copa. No golfo da Biscaia também esteve em manobras de mau tempo, vencendo as dificuldades pela sua perícia e coragem. Comandou o cruzador Almirante Barroso e assistiu nos diques ingleses sua remodelação, isto em 1910, para onde o transportou, quando a nave já havia envelhecido e achava-se desaparelhada. Promovido a capitão-de-mar-e-guerra, após trazer o "Almirante Barroso" da Inglaterra, foi nomeado comandante do encouraçado "Minas Gerais", tendo pouco depois, em maio de 1912, solicitado reforma".

"Já reformado foi designado para a importante missão de reorganizar, como seu Inspetor o Arsenal de Marinha do Pará, de onde regressou para ocupar o cargo de Diretor do Depósito Naval do Rio de Janeiro, sendo esta a sua última situação na marinha".

Regressando ao seu Estado natal consagrou-se a obras de beneficência e de cultura, como a Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, de que foi a alma, o Instituto Histórico, de que foi presidente e sócio benemérito, Associação Aracajuana de Beneficência e Asilo de Mendicidade Rio Branco. Envolveu-se na política, batendo-se corajosamente pelo triunfo da Aliança Liberal. Foi Intendente Municipal de Aracaju em dois curtos períodos de 24 de outubro a 27 de dezembro de 1926 e de 17 a 20 de outubro de 1930.

* * *

O Almirante Amintas fizera na província natal os estudos iniciais da lingua materna, sendo mandado para o Rio de Janeiro, ali matriculando-se no Colégio Naval. Passou, a seguir, para a Escola Naval, que cursou nos anos de 1880 a 1882, sendo neste último ano nomeado guarda-marinha. De então por diante percorreu a gama dos postos de sua carreira até atingir o de capitão-de-mar-

e-guerra, contando duas promoções por merecimento e uma por atos de bravura, decretada pelo marechal Floriano Peixoto, em 9 de agosto de 1894.

Coube-lhe, em sua longa carreira militar, comandar diversos vasos de guerra, entre os quais o último foi o "Minas Gerais", que acaba de ser transformado em porta-aviões das forças aéreas. Ocupou todos os cargos subalternos e superiores de nossa marinha de guerra, sempre com inteligência, agudez espiritual e dedicação.

Realizou longas viagens nos mares Mediterrâneo e Atlântico, encerrando a sua carreira em que muito se distinguiu, a 8 de maio de 1912, data em que pediu e obteve reforma.

O comandante Didio Iratim da Costa Amorim, em seu belo livro "Nas Aguas da Gasconha", à pág. 68, fazendo o histórico da viagem de instrução do Benjamin Constant, em 1903, traz a seguinte referência ao seu colega de farda, mencionando-lhe apenas as iniciais do seu nome A. J. (Amintas Jorge) :

"Numa volta a passo largo ou curto, a deter-se, a andar e a desandar, pelo convés, pelo tombadilho, pelo castelo, o imediato A.J., quando oficial de cata-vento, manobrista que lidou com tempo desabrido mais de um patacho, de um brigue e de uma fragata, superintendia tôdas as coisas e tôdas as atividades. Falava alto e às vêzes bradava sonoramente vozes de manobra e os nomes de tôdas aquelas peças de aparelho. Um oficial acatado, tipo de perfeito homem do mar, tendo adequadas atitudes enérgicas ou paternas". Nessa viagem o mais tarde Almirante Amintas era imediato do navio.

Em terra exerceu os cargos de capitão dos portos de Sergipe por duas vêzes, a primeira de 26 de abril de 1899 a maio de 1902 e a segunda por nomeação de 20 de dezembro de 1905, tendo assumido o cargo a 9 de janeiro de 1906.

Em sua brilhante fé de officio se registraram trinta e dois elogios das altas autoridades da Marinha pelo bom desempenho dado às comissões que lhe foram confiadas. A antiga Escola de Aprendizes Marinheiros que existiu nesta capital, prestando relevantes serviços ao Estado e ao país foi de iniciativa e realização sua. A Liga Sergipana Contra o Analfabetismo, que alfabetizou grande número de brasileiros que sofriam a falta de instrução foi outra

obra sua, de grande benemerência. Foi também entusiasta do esporte, atraindo para êle o mundo feminino.

Foi um dos organizadores do primeiro Núcleo Filatélico de Sergipe, organizado nesta Capital.

Foi casado três vêzes: a primeira, em Salvador, Bahia, a 16 de julho de 1887, com D. Isaura Amália da Rocha; a 2.^a no Rio Grande do Sul, em 1890, com D. Adélia Bonorino Jorge e a 3.^a com sua prima D. Jesuina Sampaio Góes, a 27 de agosto de 1896, em Aracaju, tendo dêste último consórcio três filhos apenas: D. Cândida Jorge Santos Pereira, casada com o Dr. Joaquim Santos Pereira, D. Marina Jorge Cravo, casada com o Sr. Mário Cravo, alto comerciante nas praças da Bahia e do Rio de Janeiro e o engenheiro-agrônomo Marcílio Amintas Jorge, residente na capital da Bahia.

O Almirante Amintas escreveu :

— **Metereologia:** série de artigos no "O Estado de Sergipe", de 4 a 28 de novembro de 1900.

— **Entrevista** concedida "A Rua" do Rio de Janeiro, transcrita no "Correio de Aracaju" de 13 de junho de 1916.

— **O monumento Joaquim Barbosa.** Idem, de 27 de agosto e 7 de setembro de 1916.

— **Cartas do Rio.** Ao Dr. Gentil Tavares da Mota. No "Correio de Aracaju" de 29 de setembro, 27 de outubro, 10 de novembro e 20 de dezembro de 1918.

— **Relatório** apresentado à Assembléia Geral da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo. No "O Estado de Sergipe" de 29 de fevereiro de 1919.

— **Discurso** pronunciado por ocasião da posse do primeiro diretório do Clube Esportivo Feminino em Aracaju. No "Correio de Aracaju" de 24 de setembro de 1919.

— **Discurso** pronunciado por ocasião da posse do novo diretório do Clube Esportivo Cotinguiba em 28 de outubro de 1919. Idem, do dia seguinte.

E. D.

Um Século, nas Jornadas do Tempo!...

J. FREIRE RIBEIRO

Meses que se sucedem, dias que passam, horas que silenciam, cenários que se renovam!... Bramir de oceano pelas praias do mundo; sinfonias da luz na luz que vem da aurora; cânticos e lágrimas do homem nas paragens da terra; Navios parados, mortos lembrando, num sonho de brumas, nos caminhos do mar, horas de batalha, canhões que disparam, vozes de comando, clangor dos clarins, silêncio dos mortos!... Praias da Bretanha, — soldados buscando a terra, — heróis que marcham e tombam em nome da paz!... Roosevelt, — Baiard da Democracia, na guerra em nome do Amor!... Do amor para todos os Povos!...

Hitler e Mussolini, — correria de fôlhas sêcas na tempestade!...

Martini e libertação de Stalingrado, — o Volga, como um rio de sangue, à procura do mar; mães aflitas, enxugando grandes lágrimas nos mantos purpúreos do Heroísmo!... Von Rommel, — nos longos e poeirentos desertos da Líbia, homens de tôdas as pátrias, morrendo sob um sol escaldante!... Pio XII, — “no último estágio de um corpo para ser alma” traçando o Sinal da Cruz por sobre a cabeça do mundo que encanece!... Velhas bandeiras, esquecidas e solitárias, saudosas dos mastarêus pelos ventos da tarde!

Revoluções, angústias, desespêro dos que têm fome — A conquista do espaço, — o outro lado da lua; a ambição, o ódio, o esquecimento daquele “amai-vos uns aos outros”, do Senhor Jesus Cristo. — A eterna dúvida, na eterna esperança. Mas, senhores, é na História, — companheira do tempo e filha da eternidade, — que o homem ressuscita do mundo das cinzas para receber, da posteridade, o merecido aplauso pelos seus feitos na vida e no tempo! Aplausos que nos congregam, que nos juntam, que nos unificam dentro nesta noite, no coração desta casa, — “Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe”, — templo onde Epifânio, operário sem

desfalecimentos no trabalho da Causa Eterna, reza, de sol a sol, nos altares do Louvor Merecido, a oração dos que,

— “por feitos valorosos

se vão das leis da morte libertando!”

Assim sendo, na presença da Glória, que, no dizer de Cicero, “segue a Virtude como se fôra a sua própria sombra”, podeis, Senhor Almirante Amintas José Jorge, — vós que chegais da eternidade na luz do espírito, singrando os oceanos silenciosos do tempo, receber, os nossos louvores à vossa existência que ficou gravada, num capítulo magnífico, no livro áureo da História da Marinha de Guerra do Brasil!...

Exmo. Senhor Governador do Estado;
Excelentísimos Senhores Comandantes das Armas do Brasil no mar e terra de Sergipe;
Exmas. Autoridades da República, do Estado e do Município;
Reverendíssimo Senhor representante do Sr. Arcebispo;
Senhor Presidente dêste Instituto;
Exma. Família Almirante Amintas José Jorge;
Sr. Temistocles Leal Gomes, representando os componentes da Aliança Liberal;
Minhas Senhoras;
Sergipanos ;

Nasceu Amintas José Jorge, nesta cidade de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju, precisamente há um século, filho do Farmacêutico Marcelino José Jorge e de D. Cândida Leopoldina de Sampaio Jorge, nomes veneráveis e venerandos no seio da cidade, que, debuxo de casario, começava, tabaroa catita e feiticeira, a gatinhar à procura dos seus destinos na História e no tempo! Com Marcelino José Jorge, seu irmão mais velho, também um grande nome de Sergipe, foi internado, com dez anos de idade, na cidade do Salvador, no célebre educandário “Ginásio Baiano”, dirigido pela figura do Dr. Abilio Cezar Borges, — Barão de Macahubas, — tão bem fotografado pelo genial Raul Pompéia, no personagem Aristarco, nas páginas imorredoiras do “O Ateneu”. Dois anos

permaneceu o jovem Amintas sob os céus da Bahia, ouvindo a voz do mar que seduzia, nos musicais cenários de "Itapoã", do "Rio Vermelho" e "Amaralina", o coração do futuro Almirante do Brasil!

Retornando a Sergipe, matriculou-se no Ateneu Sergipense, mas, segundo nos conta a pena brilhante de Joaquim dos Santos Pereira, nos "Dados Biográficos" do Almirante Amintas Jorge, publicados na "Revista dêste Instituto", — "durante êsse período pouco aproveitou, conforme confessava, porque a doida propensão que o atraía para o mar, roubava-lhe tôda a iniciativa necessária aos estudos". Com a morte do pai, em 1876, vencendo as naturais saudades da mãe estremecida, parte para o Rio. O Dr. Francisco Sabino Coelho de Sampaio, seu avô materno, na hora da despedida, assim diz a Dona Cândida que se desfaz em lágrimas :

"Deixe ir o menino; quem sabe
se daí não sairá um almirante?..."

A 5 de março de 1877, matricula-se no "Colégio Naval", onde, durante três anos, recebe a instrução necessária para seguir o curso superior na "Academia da Marinha". Começou a estudar com amor ao estudo. É Santos Pereira, que ainda nos conta no seu precioso "Dados Biográficos": "Dizia Amintas Jorge que, no "Colégio Naval" se operou em seu proceder a mais "salutar mutação" e tanto assim foi que fêz todo o curso sem receber uma só reprovação colocando-se, ao concluir o curso superior, no 6.º lugar, dentre 13 alunos. Ao referir-se a isto manifestava grande satisfação porque, como dizia, filho de viúva pobre, estudara sem a proteção dos homens".

Aurifulgente, magnífica, honrosa para Sergipe é a fé-de-ofício dêsse eminente conterrâneo. De 1877 a 1912, — nesses trinta e cinco anos de inestimáveis serviços prestados ao Império e a República, Amintas José Jorge, desde o "Colégio Naval" ao Almirantado, foi um exemplo de ordem, de bravura, de amor ao Brasil! Podemos dizer que a República teve, nos sergipanos General Manuel Presciliano de Oliveira Valadão e Almirante Amintas José Jorge, dois sustentáculos indestrutíveis do seu monumento! Na terra e no mar, Sergipe foi com êles mais uma vez para o país da História,

demonstrando assim o valor da nossa gente, — dêste povo humilde e heróico que aqui vive, cantando porque não chora, sem perder a fé no Ideal, muitas e muitas vèzes comendo postas de sal em pratos de esperança!... Sim, meus senhores, neste Sergipe d'el Rey, nossa pequenina pátria estremecida!

Homem de pensamento, em crônicas leves, cheias de sol e do azul da su'alma, contava-nos a história da Marinha, fazendo-nos vibrar ao contado do seu pensamento. Foi, em Sergipe um dos grandes incentivadores da instrução e do esporte. A "Liga contra o Analfabetismo", é luz que êle semeiou combatendo a ignorância, procurando dar aos nossos conterrâneos o grande cabedal do saber que se inicia do Livro do Alfabeto.

Era, Amintas José Jorge, — um dignificante exemplo do caráter que enobrece o homem entre os seus semelhantes.

Nesta página que saiu da su'alma para os seus filhos, — a que acrescentamos, para nós todos que o temos presente neste comovido instante, — vemos o seu perfil moral :

"Soube sempre com galhardia e nobreza defender os altos interesses da cara Pátria as vèzes que a representei oficialmente no estrangeiro! Levei orgulhoso, nosso sagrado pavilhão a vários países da América e da Europa e minha grande e venturosa estrê-la, sempre me auxiliou a trazê-lo digno e respeitado pelos povos amigos em cujos portos flutuava nos navios sob meu comando! E porque, se assim me corria a árdua vida que abracei cheio de esperanças no maior e mais brilhante futuro, tão cedo a abandonei, quando tudo me indicava a final ascensão às suas mais altas dignidades? Em poucas palavras, a vocês sòmente faço sabedores da causa única da minha determinação, só tomada quando já me circundavam os punhos, os galões de Capitão-de-Mar-e-Guerra, quando no comando do "Minas Gerais". Por meu caráter, pela "consciência do meu próprio mérito militar e mais que tudo, pelo pleno conhecimento da fé-de-ofício que até ali, por exclusivo esforço meu, me vinha pondo em destaque, não podia ver com bons olhos, nem suportar calmamente a circunstância de ter atingido o n.º 2 do quadro de Capitão-de-Fragata embora me tivesse promovido a Capitão-de-Mar-e-Guerra com a nota de merecimento e tivessem logo designado para o comando da primeira unidade da Marinha, Dread naught "Minas Gerais". É que em confronto com

as fés-de-ofício de outros colegas mais antigos, a minha em muito se destacava das déles e não se me faria favor algum, se me tivessem promovido antes dos referidos colegas, em obediência aos próprios preccitos da Lei de promoções. Mas é que, na vida militar, como nas demais, a espinha dorsal flexível muitas vêzes mais obtem do que a que sabe se manter ereta, perfilada pela própria consciência do seu valor!

Promovido e designado para o comando do "Minas Gerais" deixei o "Arsenal de Marinha" do Pará em busca do Rio, orgulhoso, porque negá-lo, da distinção que me havia sido feita!

Assim, com meu espírito um tanto abalado e prediposto a esquecer a mágoa antecedente que me havia levado a pensar em reforma, assumi o Comando do Minas e ao me apresentar ao Ministro da Marinha agradecendo-lhe a honrosa comissão, soube por êle do iníquo e injusto proceder do Conselho do Almirantado, não me tendo incluído, por ocasião da promoção, na lista de merecimento o que teria êle, o Sr. Ministro, corrigido, mandando que fôsse meu nome indicado e me escolhendo para a promoção que se verificou!

Este Conselho do Almirantado era então, por mera casualidade, constituído na sua quase totalidade, por Almirantes com os quais havia eu servido em várias funções oficiais e pelos quais fôra sempre elogiado, déles não podendo esperar semelhante proceder. Do próprio Ministro ouvi ser o fato "clamorosa injustiça"! Agradei-lhe penhorado e saí profundamente abatido no meu amor-próprio!

O golpe foi tremendo e só, com minha reforma, podia lançar o meu modesto protesto! Eu, que me conhecia, não mais poderia servir com tais Almirantes e teria de ver-me quase sempre em atritos e questões, fáceis de se darem em tais condições.

Quis assim dar-lhes mais uma prova de minha independência e do meu caráter. E até hoje, caros filhos, se me martirizado tem o abandono da saudosa vida do mar, não me arrependi um só instante de havê-lo feito por preferir perfeitamente viver dela separado, conservando a linha reta que nela sempre mantive a sujá-la com a subserviência com que precisaria encarar tais Almirantes, para não romper com êles ou sujeitar-me aos seus caprichos!

Dois dos referidos então, foram para mim de clamorosa injustiça e ingratidão: refiro-me aos que me tiveram em seu Estado-Maior, como Capitão de Bandeira, isto é, no comando do navio onde hasteavam suas insígnias! Um deles, doente, durante toda a comissão ao Sul da República, a viu exclusivamente entregue a meu único e direto esforço, levada a bom fim com felicidade!

São assim os homens e eu, era e sou herdeiro dos sentimentos de altivez do meu honrado pai, da independência que toca a todo aquêle que é o resultado do seu próprio esforço. O homem que a si só deve o que é, tem dêstes ímpetos, muito justificáveis aliás!"

* * *

Em 1930, deu à "Aliança Liberal" que desfraldou para o Brasil os nomes dos presidentes Getúlio Vargas e João Pessoa todo o apoio indispensável à vitória. Seguem-no, uma plêiade de homens ilustres cheios do ideal de Beleza e de Liberdade. Força é lembrar, por ser de justiça, dois nomes que encarnavam o espírito da nossa gente no fulgurante mundo do pensamento: Artur Fortes e Clodomir de Souza e Silva. A mocidade, nos sonhos e anseios do coração, também emoldurava a figura excelsa do saudoso patricio!... Ilustre entre os ilustres, bravo entre os bravos, digno e pundonoroso, Amintas Jorge jamais envelheceu no espírito. Toda Aracaju vivia na vida do Almirante. Sua casa, o encanto da sua família, suas recepções elegantes, suas tertúlias, eram o deslumbramento de Aracaju. Num velho número do "Século XX", Jornal fundado a 7 de maio de 1916, Jornal de José Ludovice que comandava uma plêiade de sonhadores, — dêsses encantados poetas do Aracaju de outrora, encontro, sobre Amintas Jorge, êste soneto de Milton de Assis, na galeria dos

“VULTOS ELEITOS”

XXVI

A. J. J.

O de quem vou falar sinceramente
Neste perfil sem graça nem beleza,
É primeiro que tudo, inteligente,
É, um espírito pleno de grandeza.

A simpatia sua é procedente
Da singular e habitual lhanza
Com que distingue, mui naturalmente,
Os cheios de riqueza ou de pobreza.

O mundo todo, quase, há percorrido,
Mas não se esquece nunca do querido
Sergipe, que o acolhe nesse instante.

Pelo grande serviço já prestado
À Marinha de Guerra, conquistado
Tem, justamente, o posto de Almirante”.

Hoje, muitas e muitas vèzes, ao passar pela Praça Pinheiro Machado, quando contemplo a casa do Almirante, — Solarenga e outrora um dos edificios mais belos do Aracaju com suas escadas, o “mirante”, vastos salões, corredores a lembrar tombadilhos, marinhas, retratos, preciosidades, tudo numa limpeza de sol em manhã clara, digo de mim para mim, em nome da saudade dèsses tempos antigos, êstes versos admiráveis d’um poeta patricio :

“aqui, outrora, retumbavam hinos,
muitos carros reais nessas calçadas...”

Recordar... Só não recorda os que morreram na alma, os que mataram o próprio coração. Recordar, colhermos de vez em quan-

do, nos jardins da saudade, a rosa de ouro do passado tôda cheia do perfume das horas felizes!

Jacinto de Figueiredo, sobrinho do almirante, e poeta por fôrça do destino e do coração, assim fixa neste belo sonêto o que é recordar :

“Recordar é viver”! — Alguem já disse;
E há nesta frase, intrínseca verdade!
Que importa que outros chamem de tolice
De simples gôsto de sentir saudade

Recordar é viver a meninice,
A quadra de ouro da primeira idade;
Quem de nós que até hoje não sentisse,
Por mais breve que fôsse, — essa saudade!

Recordar é viver o lar paterno,
Tudo quanto se foi de mais querido...
— Manhãs de sol interrompendo o inverno.

Recordar é viver embevecido...
Dando ao tempo fugaz algo de eterno,
E unindo, em sonho, o coração partido...”

Sim, meus senhores, recordar Aracaju do Capitão dos Portos Amintas Jorge vendo desfilar nas suas ruas ensolaradas os jovens alunos da Escola de Aprendizes Marinheiros!

Aracaju dêsses tempos que se teleficam, que também aparece neste magnífico sonêto inédito de Jacinto de Figueiredo :

O vaporzinho para Laranjeiras,
O vaporzinho para Maruim!...
Banca-de-Peixe, o cais, largo das feiras,
e, bem ao fundo, o Morro do Boufim!

Barracas feitas de pindoba e esteiras...
Gente da feira num vai e vem sem fim
pelos domingos e segundas-feiras,

— Aracaju eu conheci assim!...
De vida simples, quase sem vaidade
aquêle Aracaju hoje saudade
de coloridos próprios, naturais.
Branças dunas ao longo do poente
e, entre as dunas e o rio, bem de frente
a cidade ao sopé dos arciais!..."

Ciro de Azevêdo, diplomata, homem luminoso, autor de vários livros admiráveis, ex-embaixador do Brasil em Viena, ao assumir o Governo de Sergipe, escolhe Amintas Jorge para Prefeito do Aracaju. Com o falecimento de *Ciro Azevêdo* o Almirante pede demissão do cargo que honrava com a sua presença de patriota e de cidadão.

Como sabeis, São Cristóvão, ex-capital do Estado, é um ninho de paz no cenário do mundo aflito. Um postal d'antanho, com seus conventos, casas e sobrados coloniais, igrejas belíssimas e o "Palácio Provincial", hoje museu do Estado, considerado, no Império, o Paço mais bonito do norte do Brasil. Solene nos seus silêncios, magestosa, heráldica, cidade porcelana ao luar, o luar que se derrama sôbre o seu cenário num encantamento que se não diz, — São Cristóvão era uma carícia para o Almirante. De seu sossegado sítio saudoso do Mar — do mar que se avistava ao longe, — passava Amintas Jorge horas inteiras contemplando o horizonte equóreo, divisando, nas manhãs ensolaradas, navios que passavam, fumegando nas suas viagens, ou demorando o olhar no alvor dum garça, lenço-de-adeus, voejando no céu!... Jackson de Figueiredo, seu sobrinho estremecido, Jackson que se foi para Deus, nas querenas do mar, — enaltecera certa feita êsses lindos versos no traduzir a saudade do tio marinheiro :

LÓBO-DO-MAR

Quem me dera beber a saudade marinha,
Que em teus olhos se vê, velho lóbo-do-mar!...
E um poema talvez fôsse uma glória minha,
Cheio de céus azuis, de estrêlas e luar!

Gargalhadas do sol, horizontes faiscantes,
Asas brancas lembrando a brancura do bem...
Saudações de bandeiras e "adeus" de navegantes,
Velhos marujos bons, de olhos fitos no Além!...

Choros de um furacão, ventanias do norte,
Um dêsse que se vê, luzindo, aparecer...
Monstros que se esqueceu de buscá-los a morte,
E parece os deixou mortos no seu viver!...

Quem me dera beber a saudade marinha,
Que em teus olhos se vê, sempre, sempre a pairar...
Conhecer da saudade a mais forte e daninha,
E a ave que sabe mais do infinito e do mar!...

Sim, meus senhores, a saudade do Almirante, nas vigílias das suas memórias, — pois ninguém jamais dorme, quando ouve o bramir do oceano enorme dentro do coração!...

* * *

Em, 1938, falece sua ilustre espôsa, D. Jesuina de Góes Jorge. Era uma porcelana. Podemos dizer, que, na existência de Amintas Jorge, — foi a Estrêla d'Alva. Era simples, harmoniosa, tendo no coração a canção de ternura que embalava a alma do Almirante nos seus olhos, — penso que os relembro, — a côr das enseadas, onde, no canto de Garcia Rosa, — "a fúria das ondas adormece".

Dessa União feliz nasceram os seguintes filhos: Cândida Jorge dos Santos Pereira, Marina Jorge Cravo e o engenheiro Marcílio Amintas Jorge. A última vez que o avistei, guardava no leito, a visita da Morte. O corpo alquebrava-se, mas, o espírito, era o mesmo, — festivo, alegre, embandeirado como um navio em dia de festa!... Ofereceu-me precioso documento onde se lia, do Almirantado, em 1906, elogio à atuação do seu vulto procurando serenar os ânimos que levaram Fausto e Olímpio às aras sangrentas e luminosas de nossa História. Ao despedir-me, fitando uma oleografia que representava um veleiro singrando o mar pelas horas

da tarde, disse que êsse quadro representava a última viagem da sua vida à procura do país do poente...

Ausentou-se de nós na ausência eterna a 26 de janeiro de 1945, na cidade do Salvador, aos 85 anos de idade. O bravo comandante do "Pedro Afonso", do "Tupi", do "Barroso", do "Deodoro" e do "Minas Gerais", tem, no derradeiro sono, a côr das estrêlas, e, no corpo, a dureza do mármore. Quem sabe se Tamandaré não o assistiu aos seus últimos momentos e marinheiros não cantaram, só para os seus ouvidos, o hino da Pátria?...

Vai fazer, — temporariamente, — na terra de Castro, terra-mãe do Brasil, terra que sente os beijos do mar que um dia chamou o estudante Amintas para sentir os seus mistérios, caminhar nos seus líquidos caminhos e levar, triunfalmente, em cruzeiros brilhantes, pelos portos do mundo, o nome do Brasil!... À saída do corpo, no seu derradeiro trajeto pela terra, últimas continências nas derradeiras homenagens da Marinha de Guerra do Brasil e ao Almirante que se vai para o mar silencioso de grande paz!...

Aracaju que acompanhava, mesmo de longe, os seus últimos dias, pronunciou com profundo respeito, seu glorioso nome!... As crianças da "Liga Contra o Analfabetismo", cantaram em seu louvor o Hino de Sergipe.

Tremulou, durante três dias, de sol a sol, a bandeira das cinco estrêlas, a signa também auriverde da pequenina pátria Sergipana.

Começava no tempo a imortalidade do grande marinheiro.

Esta noite, dia nesta casa, é a afirmação da sua presença na ressurreição da Justiça aos grandes da Pátria!...

Tive o prazer, na infância e na mocidade, de privar, de sentir muito de perto as irradiações aurorais dessa figura excelsa!...

Por muitos anos divisei os seus passos, todos êles, brilhando nos caminhos do Dever, da Bravura e da Honra!...

Amando a Pátria sonhava para o Brasil um futuro feliz, mais justo e mais próspero no conceito universal das Nações!... Foi um Cavaleiro da Igualdade, da Fraternidade e da Liberdade!...

Neste 11 de julho de 1960, no jazigo definitivo das suas cinzas, no Santa Isabel, recebeu Amintas Jorge de Sergipe, da sua família e dos seus amigos, na saudade da sua presença física, a

presença emocional da nossa saudade nas flôres ali deixadas, em nome do coração!... Tomo aos lábios a palavra de Ruy :

“ali não fomos tomar as dimensões a um túmulo. Fomos render-lhe homenagem cívica e esta cerimônia augusta e sagrada resume-se nisto: a evocação de um exemplo!”

Sim, meus senhores, — um exemplo, a vida de Amintas Jorge!

Talvez seja a morte uma grande presença, para nós que aqui estamos, dos entes amados que se foram... E, assim pensando, tenho aos meus ouvidos as palavras que Shakespeare colocou no sofrimento do desventurado Príncipe da Dinamarca :

“Morrer, dormir, talvez sonhar, quem sabe?...”

Ilustre Senhor Presidente Dr. Ferreira Neto :

Do alto desta tribuna ainda vejo e sinto os fulgores aqui deixados por Helio Simões, dizendo-nos da vida do Infante D. Henrique, que, no Promontório, — solitário e insone, — sonhou d’olhos abertos nobre empresa e a realizou, — a conquista dos mares para Portugal, dilatando assim, —

— “por mares nunca dantes navegados
a fé e o Império”.

De Manuel Franco Freire, homem luminoso que tem no coração um despertar de alvorada, falando de Ivo do Prado tão ilustre e tão Santo, no centenário do seu nascimento; de Luiz da Câmara Cascudo, abrindo a montra do seu talento oceânico numa palestra de luz e côr, de gema e pedraria, — Sergipe, na alma e no coração de João Ribeiro Fernandes!

E assim sentindo, senhor Presidente, diante de tanta luz aqui pousando, outro melhor se houvera em nome do Instituto, no recordar para Sergipe e para o Brasil, o nome aureolado de Amintas Jorge.

É que, senhor Presidente e meus senhores, dentro na tarde em que me encontro, sinto o natural cansaço do espirito que me pede para sair das mãos, a pena; cale o coração no cantar da Beleza, e feche os olhos ao deslumbramento da cidade dos sonhos que se ergue das fantasias, filhas de minh alma, — com minaretas de ouro e palácios de aurora!...

Almejo o recolhimento, onde no dizer de Carlile, “medram as rosas da imaginação e da paz”.

Os que surgem, — os novos archoteiros do pensamento, — continuarão a escrever o nome de Sergipe, nas ruas da Cidade do Sol.

Sentar-me-ei, sereno como os gregos antigos à porta dos velhos Templos, — amando a vida, cantando a vida e bendizendo a vida aguardando a hora da viagem da luz!...

Neste trabalho sobre Amintas Jorge, fugi às normas da biografia dentro nos moldes clássicos.

Quis alçar, suspender, levantar para vós que tão generosamente me ouvís, a lápide do seu sepulcro para mostrar ao Brasil e a Sergipe que êle, ressurgiu da “Terra do Poente”, redevivo que está nesta solenidade radiosa!...

Presente na montra dêste “Instituto” onde vemos o seu fardão, seu espadim, suas condecorações, sua fé-de-ofício gloriosa!...

Na sua família que aqui se encontra rezando conosco a oração da sua presença; na flâmula pessoal do Almirante que tantas e tantas vêzes se foi com êle, levando os marujos do Brasil pelos mares do mundo!

* * *

“Jesuina, deixe ir o menino; quem sabe se daí não sairá um Almirante?”...

Cumprira-se a profecia do seu avô materno, Dr. Francisco Sabino Coelho de Sampaio!

* * *

Sergipanos; em continência, à luz desta solenidade, ao grande
conterrâneo Almirante Amintas José Jorge, um dos orgulhos da
gloriosa Marinha de Guerra do Brasil!

Aracaju, 11 de julho de 1960.

Almirante Aminthas José Jorge °

JULIANO SIMÕES

Sergipe, nesta semana que vai transcorrendo, está homenageando, mui justa e acertadamente, pelo seu governo e pelas suas Associações Culturais, a memória de um dos seus grandes filhos, que completaria a 11 passado, ante-ontem, um século de seu nascimento.

Aracaju, pelas suas Instituições de Beneficência e Entidades Esportivas, que também de público vêm se manifestando solidárias nessas homenagens, igualmente relembra os feitos daquele que a 11 de julho de 1860 abria os olhos para a vida nesta bonançosa terra de alvas areias, farfalhantes coqueirais e verdejantes cajueiros: Amyntas José Jorge. Aqui êle crescera ao aconchego familiar, sob às vistas, orientação e cuidados de seus extremosos pais, o Farmacêutico Marcelino José Jorge e D. Cândida Leopoldina de Sampaio Jorge, rumando depois, aos dez anos de idade, em companhia de seu irmão Marcelino, mais velho, para a cidade do Salvador onde iria, por dois anos, fazer seus estudos no afamado colégio do Dr. Abílio Cesar Borges, um dos maiores educadores da época no Brasil. De volta a Sergipe, aqui em Aracaju, continuava seus estudos, quando a morte o surpreendeu, levando-lhe o estremecido genitor. Seu avô materno conseguiu convencer a filha a deixá-lo seguir a "doida propensão" que o impelia para a vida do mar, a ela aconselhando, numa previsão do futuro: "Deixa ir o menino. Quem sabe se daí não sairá um almirante?" E aquêlê "endiabrado Amyntas", no apreciar de seu autorizado biógrafo, genro e afilhado(nosso companheiro Joaquim Santos Pereira), depois de uma "salutar mutação" auto-compreendida, tornou-se

(*) (Homenagem do "Rotary Club de Aracaju", em sessão plenária do dia 13-7-1960).

de fato, com o correr dos tempos, o Almirante Amyntas José Jorge, que todo Sergipe, reconhecendo hoje a prestimosidade da sua vida, num preito sincero de gratidão, venera-lhe a memória ao ensejo do 1.º centenário de seu nascimento.

Matriculado no "Colégio Naval" a 5 de março de 1877, donde passou para a "Academia da Marinha" brasileira, foi promovido finalmente a "Guarda-Marinha" a 28 de novembro de 1882, em pleno período do nosso segundo império. Mas, o seu temperamento e a sua formação cívica não se compraziam com o "aulicismo" da época; a sua concepção democrática de sentir as coisas não se coadunava com os costumes palacianos que observava por ocasião das solenidades de gala que assistia na cõrte, quando frequentava a escola naval. Assim foi que, sem prejuizo da sua disciplina, já em 1881 frequentava os meios onde a mocidade de então dava expansão às suas idéias republicanas, conservando-se fiel a elas durante tôda a existência.

Em 1929 chefiou em Sergipe a "Aliança Liberal", que prometia mudar para melhor a face política do Brasil. Mas, "enojado" de certo com os processos utilizados pelos vitoriosos da revolução de 1930, abandonou cedo a sua atividade política, pois seus sentimentos de dignidade e de honradez não se adaptaram aos moldes vigentes àquela época.

Por mais de trinta anos prestou relevantes serviços à sua Pátria, tendo-a representado por várias vêzes em países estrangeiros. Na nossa Marinha de Guerra serviu muitas vêzes como imediato e comandante de seus navios, entre os quais o torpedeiro "Tupy", o encouraçado "Deodoro", o cruzador "Barroso" e o "dreadnaught" "Minas Gerais", êste considerado um dos maiores, melhores e mais potentes vasos de guerra de seu tempo. Quase tôda sua vida de oficial passou em comissões no mar e, em terra, foi por duas vêzes capitão dos Portos de Sergipe, Inspetor do Arsenal de Marinha do Pará e Diretor do Depósito Naval. Foi testemunha da Revolta de Fausto Cardoso, em Aracaju, quando de uma das vêzes em que foi comandante de nossos portos, abrigando em sua própria casa as autoridades governamentais depostas.

A 8 de maio de 1912 foi reformado, a pedido, no pôsto de contra-Almirante, um tanto desgostoso e "profundamente abatido" com a "clamorosa injustiça" de que foi vítima por parte do Con-

selho do Almirantado da ocasião, injustiça essa reconhecida pelo Sr. Ministro da Marinha.

São êsses, em traços resumidos, os dados biográficos dessa personalidade marcante que, em sua vida profissional, soube honrar Sergipe, terra de seu berço, no Brasil, e o Brasil no mundo.

Não ficaria bem omiti-los aqui neste momento, quando o "Rotary Club de Aracaju", nesta sua reunião plenária, quer significar aos filhos, à família, do nosso ex-companheiro Amyntas Jorge a estima e admiração de todos nós que o conhecemos, fazendo-o igualmente conhecido daqueles que, também rotarianos, não tiveram a ventura de privar de sua convivência rotária, sempre acolhedora e amiga, bondosa e prestadia.

O Almirante, como todos nós sempre o chamamos, dando ao título uma expressão de intimidade, como se seu próprio nome fôsse, foi em 1934 um dos sócios fundadores do nosso "Rotary Club", e seu terceiro presidente, eleito que foi para o exercício de 1937-1938. Sempre foi um dedicado e um entusiasta pelas causas do Rotary, desde os tempos em que começamos a dar os primeiros passos de nossa caminhada pelos 25 anos já passados de nossas atividades em terras de Sergipe. No seu próprio sentir estava sempre presente o ideal de Servir. E êle o soube executar, quer como marinheiro, quer como civil.

Companheiro bondoso e gentil, sabia manter o "aplomb" e a dignidade de um "gentleman", a cortesia e a finura de um cavalheiro, que emolduravam a simplicidade e a cordura de seu trato. Os "ares" de comandante que na sua vida civil traíam por vêzes a sua vida militar, não obscureciam, não prejudicavam a sua boa vontade de ser útil ao próximo.

Dêste modo, após a sua reforma não cruzou os braços para gozar um "otium cum dignitate", como lhe permitiam naqueles tempos os soldos de um almirante. Pelo contrário, voltou para Aracaju e aqui se dedicou a atividades sociais e de beneficência, como o "Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe", o "Asilo Rio Branco", a "Associação Aracajuana de Beneficência", a "Liga Sergipense Contra o Analfabetismo", a "Liga Esportiva", além do "Rotary", de todos tendo sido presidente.

Quando em princípios de 1937 o seu nome foi escolhido para a nossa presidência, êle condicionou a sua aceitação a ida "em

massa" dos companheiros de Aracaju a "8.^a Conferência Distrital de Rotary" a se reunir, em abril daquele ano, na cidade de Bahia. Foi grande a sua atividade nesse sentido. Fomos a Salvador. Daqui partimos, tal o número de participantes à conferência, em trem especial. De lá voltamos com a "Taça de Comparecimento", prêmio outorgado ao clube que maior número de associados inscreveu. Faria, o nosso presidente então em exercício, diz-nos, em seu relatório, com o qual lhe passou depois a presidência: "Esse resultado, é de justiça salientá-lo, deve-se muito a Amyntas. Com o seu proverbial entusiasmo, inflamou a muitos companheiros, arrastando-os, numa arrancada gloriosa, à conquista do prêmio".

Em Salvador, quando se estudava e discutia a possibilidade de aumento do número de clubes do então distrito 72, e se fez referência a Sergipe, perguntando-se ao Almirante a sua opinião, êle, num desejo incontido de ver o ideal rotário expandindo-se em terras sergipanas, afirmou logo ser possível se instalarem clubes nas cidades de Itabaiana, Lagarto, Simão Dias, Laranjeiras, Estância, Propriá, etc. A fundação de um "Rotary Club", porém, demanda e requer condições especiais, e apresenta sempre alguma dificuldade. Mas, o desejo de serviço, a boa vontade e a boa-fé do Almirante tendiam a suprir essas condições e vencer a dificuldade. Hoje, 23 anos decorridos, só logramos fundar clubes em Estância e em Propriá-Colégio.

Assumindo a presidência do clube, tendo como secretário e seu "braço direito" o companheiro Arício Fortes, o Almirante traçou o seu plano de ação rotária do qual constava, como "serviços à comunidade", campanhas para higienização da cidade, construção de nova estação para a estrada de ferro, criação de "caixas escolares", melhor assistência a psicopatas com a construção de hospital especializado, intensificação da luta contra o banditismo de Lampião; também levantamento da ética nas várias profissões, estímulo ao companheirismo rotário, etc. Várias palestras foram pronunciadas dentro desse plano. Como hoje vemos, muita coisa já conseguiu o Rotary ter hoje realizado dentro desse simples planejamento.

Em sessão de 14 de outubro de 1937, o conselho Diretor aprovou a fundação de uma caixa escolar com a denominação de "Almirante Amyntas Jorge", anexa à "Escola Lauro Borba", da

Liga Sergipana contra o Analfabetismo, sendo considerados sócios fundadores todos os rotarianos de Aracaju. Essa caixa foi solenemente fundada a 13 de maio de 1938. Os seus estatutos foram publicados no nosso boletim n. 162, de 9-2-1938, depois de discutidos e aprovados pelo conselho Diretor do clube.

Sob o "comando" do querido Almirante, as sessões plenárias do nosso rotary obedeciam uma ordem impecável no desenrolar de seus trabalhos, sempre mantidas num ambiente de sadio companheirismo e animada verve. Certa vez, estando o secretário Arício distribuindo os boletins recebidos de outros clubes para os necessários comentários, como então se fazia, ninguém se apresentou como relator do de Fortaleza. O Almirante, admirado por isso, indaga quem seria o esquecido, ao secretário. O Arício, um tanto encabulado, simplesmente respondeu: "é o Almirante". Ele não se desconcertou; a sua idade e as suas ocupações sociais justificaram-lhe o esquecimento.

O nosso boletim n.º 157, de 5 de janeiro de 1938, dando-nos o resumo da reunião de 29 de dezembro de 1937, informa, para a história do Rotary em Aracaju: "Amynthas, em palavras tocantes ao coração dos companheiros, despede-se de todos por ter de acompanhar um filho ao Rio, onde permanecerá todo esse ano. Os companheiros reconhecem a evidente falta que vai fazer o velho e querido camarada, guia solícito e entusiasta do nosso clube e fazem votos por sua feliz estadia na capital da República, com uma possível frequência ao R.C. daquela capital. Faria pede que o clube demonstre sua gratidão e amizade ao Amynthas na hora do embarque, com a presença de todos os rotarianos. Gonçalo propõe que o Amynthas seja considerado licenciado, como uma homenagem do clube pelos serviços prestados por esse digno camarada". O boletim 161 já nos diz que o conselho diretor resolvera não preencher a sua classificação durante a sua permanência no Rio.

Desta maneira, deixou o nosso mui prezado Almirante o Rotary Clube de Aracaju. Substituiu-o o não menos estimado companheiro Antônio Cabral, como seu vice-presidente. Mas, a 23 de fevereiro seguinte o clube teve a surpresa da visita do Almirante, que, vindo à sua terra, foi abraçar os companheiros. Despediu-se, então, definitivamente do clube, pois, perdendo, havia pouco, a

sua estremecida espôsa, mudava-se de vez para o Rio. Gonçalo, manifestando a nossa saudade, fêz referência “às suas grandes qualidades de amigo e entusiasta das cousas elevadas e sãs”.

Após algum tempo, voltou o Almirante Amynthas a residir em Aracaju, porém o seu estado de saúde não permitia o reingresso em Rotary. Sentindo-se piorar, procurou o aconchego dos filhos em Bahia, e lá, na terra de seus pais, entregou sua alma a Deus, que, de certo, terá recompensado o bem que êle soube prodigalizar ao próximo aqui na terra. E hoje, ao comemorar-se o primeiro centenário de seu nascimento, os seus restos mortais repousam em Aracaju, na terra tão amada pelo seu coração, em um cemitério que traz o nome daquela rainha de Portugal, depois santificada, Santa Isabel, que tão miraculosamente transformou em rosas o pão com que ia alimentar os pobres, do mesmo modo pelo qual o Almirante Amynthas Jorge soube transformar em pão, em auxílio a velhos, crianças, doentes e pobres, as rosas do seu espírito iluminado.

A êle, as homenagens dos rotarianos de Aracaju.

Centenário de Nascimento do Dr. Afonso Pires Ramos

Transcorreu a 13 de julho de 1960. Não foi possível solenizá-lo, o que lamentamos. Foi o Dr. Afonso uma das maiores inteligências e cultura de que Sergipe pode orgulhar-se. Nasceu na cidade de Aracaju a 13 de julho de 1860 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, hoje Estado da Guanabara, a 21 de abril de 1899, antes de completar os seus trinta e nove anos de idade.

Era filho legítimo do Conselheiro Ângelo Pires Ramos, natural da Bahia, e D. Josefina Pires Ramos, também baiana e portadora de rara formosura.

Não sabemos quais as aulas de ensino primário frequentadas pelo mais tarde Dr. Afonso Pires Ramos. Fêz na capital baiana os estudos secundários, matriculando-se, a seguir, na Faculdade de Medicina da mesma cidade, na qual fêz os três primeiros anos do curso. Em 1880 transferiu sua matrícula para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde concluiu os estudos médicos e recebeu o grau de doutor em 1882.

Ocupando-se dêsse brilhante esculápio em seu Dicionário Bibliográfico Sergipano, escreveu o desembargador Manuel Armindo Cordeiro Guaraná :

“Clínico de grande intuição e sagacidade médica, fôra-lhe fácil distinguir-se entre os colegas pelo seu brilhante talento e vasta cultura científica. Quando o Brasil celebrou a convenção sanitária com a República Argentina, conquistou por concurso um dos lugares de médico, que mais tarde trocou pelo de facultativo clínico do Hospital de Jurujuba. Tendo viajado pela Europa, frequentou os serviços clínicos e bacteriológicos da França, Alemanha e Áustria; e tão elevado conceito adquiriu nesses países, que chegou a ser convidado na Algéria para fazer parte de sua Facul-

dade Médica, na qual realizou importantes trabalhos anátomo-patológicos sobre o câncer do pâncreas, em colaboração com o professor Cocher. Em 1894 fez parte da comissão nomeada para estudar a epidemia do cólera asiático no vale do Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro e da qual teve por companheiros os Drs. Châpot Prevost, como presidente, Francisco Fajardo e Hanelburg”.

“No Rio de Janeiro, é ainda o Desembargador Guaraná quem fala, — ocupou mais os lugares de diretor do Museu da Faculdade de Medicina, nomeado em 1888, médico do Ginásio Nacional, e, desde 1898 o de membro titular da Academia Nacional de Medicina”.

Abeberou-se o Desembargador Guaraná, é ele quem o confessa, para traçar esta notícia sobre o Dr. Afonso Pires Ramos, em um artigo da autoria do Dr. Alfredo do Nascimento, saído nos Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, tomo 65, pags. 379 a 383. O Dr. Afonso Pires Ramos quando faleceu vinha exercendo há pouco mais de um ano o lugar de chefe do Laboratório Bacteriológico da Diretoria Geral de Saúde Pública do Rio de Janeiro.

Escreveu, segundo anotou o Desembargador Guaraná :

— **Cancro do estômago** : dissertação. Proposições. Secção accessória — Dos alcaloides cadavéricos ou ptomainas de Selmi. Secção cirúrgica — Das septicemias cirúrgicas. Secção médica — dos líquidos segregados no tubo digestivo sobre os alimentos. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 15 de julho de 1882 para ser sustentada, a fim de obter o grau de doutor em medicina. Rio de Janeiro, 1882, II — 81 pags. in. 8.º Tip. G. Leuzinger & Filhos.

1.º **Relation de deux cas de cirrose biliaires** par obstruction à la suite d'un cancer du pancreás: memória escrita juntamente com o Dr. Cocher, antigo interno dos Hospitais de Paris. Na “Revue de Médecine” de Paris, 1887, tomo 7.º, pags. 770 a 779. — É um trabalho citado com louvores nas obras mais modernas sobre o assunto, tais como no tratado de medicina de Charcot e Bouchard e no de Brouardel e Gilbert.

— **Relatório** sobre a etiologia da febre amarela segundo o Dr. Sanarelli apresentado em 30 de junho de 1898 ao Diretor-Geral de

Saúde Pública pelo Chefe do Laboratório de Bacteriologia. Rio de Janeiro, 1898, 34 pags. in 8.^o Imprensa Nacional. **Le bacille icteroide et sa toxine (experiences contróle)**: memória publicada em colaboração com o Dr. J. B. de Lacerda, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Nos **Archives de Médecine expérimentale et d'anatomie pathologique**, tomo XI, pags. 378 a 398. Paris, 1899. Foi também tirado um avulso pela redação da revista.

Prof. Teixeira de Faria

Transcorreu a 14 de julho de 1960 o centenário de nascimento do grande humanista Prof. Francisco Teixeira de Faria. Nasceu na cidade da Estância, hoje sede de uma das Dioceses de Sergipe, a 14 de julho de 1860, sendo filho do comendador e advogado de nome igual ao seu e D. Leonor Maciel de Faria. Faleceu na cidade do seu nascimento a 25 de abril de 1923, sem ter contraído casamento e sem ter deixado bens a herdar.

Começou na Estância os seus estudos de primeiras letras aos 7 anos de idade, passando depois a frequentar as aulas reunidas de latim e francês da referida cidade.

Transferindo-se para Aracaju continuou os estudos secundários no Ateneu Sergipense, hoje Colégio Estadual de Sergipe.

Rumou a seguir, para a capital baiana, onde se empregou no conceituado colégio Carneiro Ribeiro, ali mantido, visando a lecionar matérias do seu conhecimento e completar os seus estudos secundários.

Dêste modo pôde matricular-se no curso de farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia, cujo tirocínio venceu, sendo diplomado farmacêutico em 1884. Voltando a Sergipe fixou-se na Estância passando a reger interinamente as cadeiras reunidas de latim e francês da mesma cidade, vagas com a saída do professor Felix Diniz Barreto. Aberto concurso para o provimento das referidas cadeiras inscreveu-se candidato. Não teve competidor, mas nem por isso deixou de ser o referido concurso um grande acontecimento no meio educacional aracajuano.

Foi isto em julho de 1886. Compareceu aos exames o presidente da província Dr. Manuel de Araujo Góes, que tomou conhecimento do imenso valor daquele que queria ocupar as cadeiras reunidas. Presidiu as bancas examinadoras o Diretor-Geral do Ensino, Dr. Pelino Francisco de Carvalho Nobre, um varão austero que militou na vida política de Sergipe.

O presidente da província baixou ato no dia 14, nomeando o candidato aprovado.

Anos decorridos foi centralizado em Aracaju o ensino secundário. Foi então nomeado o Prof. Teixeira de Faria lente de matemática da Escola Normal, passando mais tarde a reger a cadeira de geometria e trigonometria do Ateneu Sergipense, na qual se jubilou em 2 de dezembro de 1915.

No governo do presidente desembargador Guilherme Campos foi nomeado diretor interino da Instrução Pública do Estado, por indicação do seu antigo aluno Dr. Edilberto Campos, então secretário do Governo do Estado. Não era o homem com feitio especial para o lugar, especialmente pela precariedade de sua saúde a esse tempo.

Era um grande espírito vivendo num meio pequeno que, quase, não lhe cabia. Machiavelli, pseudônimo em que costuma ocultar-se o belo espírito de Manuel Rodrigues do Nascimento, uma das grandes inteligências da Estância, deu-nos, em largas pinceladas, um perfil desse rutilo espírito que foi o Prof. Teixeira de Faria, saído no jornal "A Estância", de 21 de fevereiro de 1954, com o título UM NOME QUE NÃO PODE SER ESQUECIDO.

O Dr. Edilberto Campos, outro admirador do Prof. Teixeira de Faria, de quem foi aluno, e outro espírito despido de vaidade, deu-nos um retrato mais amplo que o dado por Machiavelli, saído também no jornal A Estância de 4 de abril de 1954, firmado apenas com as iniciais do seu nome (E.C.), o qual transcrevemos em o n. 21, pags. 226 da revista deste Instituto.

Transcrevemos aqui um trecho do esplêndido artigo do Dr. Edilberto Campos, a fim de que se reconheça que, de fato, foi o Prof. Teixeira de Faria, um homem digno do convívio de Platão, de Sócrates e de Epicuro :

.....
"Decorava eu a Geometria de Otoni sem nada compreender e o meu professor, excelente amigo, contentava-se em ler no livro, enquanto eu cantava o que havia decorado... Se às vezes titubeava, ele bondosamente me ajudava. Lição sempre sabida. Mas, no meio do ano, dando um balanço, convenci-me de que nada sabia da matéria e era preciso mudar de rumo.

— Procure o Prof. Teixeira, aconselhou-me alguém. Eu o via passar nas ruas, um tanto curvado, apesar-de robusto, com seus bigodes cobrindo-lhe a boca, olhar macio e pensativo, dirigido para o chão — quase sempre com o guarda-sol armado. Fui encontrá-lo em sua casinha da esquina da rua do Lagarto com a da Estância, sentado numa rêde, embocando um charuto. No chão, um caixote com areia servindo de cuspidreira; ao fundo, numa estante ao lado, um sofá para dois ou três alunos. Algumas perguntas sôbre prolegômenos, teorema de Tales, postulado de Euclides...

“Nada havia ficado do que eu decorei. — Bem. Estamos em agôsto, os exames vêm aí, precisamos recuperar o tempo; aulas diárias às 7 da manhã. Arranjei um companheiro com quem dividir as despesas, mas em pouco êste me deixou sozinho. Tal foi o entusiasmo que no fim do prazo havia vencido dois dos quatro livros de Otoni e entrado no terceiro. Mas aulas com o livro fechado. Nessa altura, disse o Mestre, com a intimidade que já me permitia desfrutar: — Agora seremos companheiros de estudos, porque raramente os alunos chegam a esta parte — a geometria no espaço. Ainda aprendi para o exame alguns problemas de trigonometria e fiquei sabendo medir de longe uma tôrre ou uma palmeira, com regras elementares de triangulação.

“No exame, distinção; bem merecida em comparação com os colegas. Depois, não deixei mais o Teixeira: Aritmética, Álgebra, Física, Química, Zoologia, Botânica... Eu andava querendo estudar engenharia. E ao lado de tudo isso o encanto das prolongadas palestras, nas quais eu colhia noções de história, de latim e muita coisa de literatura e filosofia.

“Fiquei a princípio meio escandalizado com o materialismo do Mestre que, de vez em quando, citava Buchner e não conversava sem Aristóteles, Sócrates, Platão, Horácio e Virgílio. Não era à toa que Jackson de Figueiredo passava horas a conversar com êle. Muitas vêzes o encontrei lá. E Gentil Tavares, Artur Fortes, Abdias Bezerra, José Cabral e quantos outros?! O Mestre era capaz de lecionar qualquer matéria do curso humanístico, do Português às ciências naturais. Com os meus 14 anos de então ainda acreditava na história de ter Deus criado o mundo em 6 dias, etc., tomei um verdadeiro choque quando êle me disse: — Isso é sim-

bólico; êsses dias foram épocas que duraram milhões de anos... Sai tonto; era preciso ir mais devagar.”

.....

Certa feita tentamos obter do Prof. Teixeira de Faria elementos para uma notícia biográfica sua. Nosso apêlo não logrou êxito. Sabendo disto o Dr. Manuel Batista Itajai, de cuja amizade desfrutamos, comprometeu-se, como amigo íntimo que era do Prof. Teixeira a obter os dados que desejávamos.

Não foi suficientemente feliz. O Mestre, no seu materialismo completo, achava que o ser humano se extinguiu por completo com a morte. Transcrevemos aqui a carta que, a respeito dirigiu ao Dr. Itajai, a quem chamava de Batista, carta que nos foi cedida pelo destinatário.

“Batista. 30-8-917. Fico deliciando-me com a leitura de sua carta de 23 do cadente, na qual pede-me os dados biográficos meus e de meu Pae: Grand Merci. Meu estado de saúde tão precário, as opressões cardíacas tão constantes privam-me de qualquer esforço generoso para satisfazer os desejos de um amigo. Quando moço fiz uns versos sem arte poética, discursos sem Rhetorica: mais tarde fiz concurso para o magistério, onde phonographei perto de 30 annos repetindo o pensamento alheio; escrevi para jornais ahi, na Capital, mas hoje como hontem, como sempre, sou uma figura apagada, olhando o cairel de um abysmo: os vermes reclamando o verme.”

“Meu Pae tinha pendor pela advocacia e tinha senso jurídico, embriagava-se no festim politico e era corregionario sinsero. Como nós e o velho João Batista, (1) gosta elle das meninas bonitas, preenchendo assim os fuis para q. foi criado, pondo em prática o lemma de Epicuro: **e de, bibe lude post mortem nulla voluptas**; come, bebe e folga q. depois da morte não há prazer. Vou escrever a meu afilhado com o endereço q. V. me forneceu aconselhando o estudo do cálculo (Arithmetica e algebra) e o estudo da forma (geometria) para bem logicar, pois Platão não admitia em

(1) João Batista de Jesus, pai do Dr. Manuel Batista Itajai, que se chamou a principio Manuel Batista de Jesus.

sua aula estudante algum q. não soubesse geometria, na verdade a lógica dos geometras é a mais ontologica. Tinha, pois, razão o philosopho heleno. Recomende-me a Luordes e a D. Sinhazinha e receba o coração doente de seu F T Faria. Recomende-me ao Epiphonio parente do camponio mais talentoso do sul do Estado — Simeião da Laginha(2).”

Os versos compostos pelo Prof. Teixeira de Faria não foram conservados.

O Dr. Edilberto Campos, no seu artigo atrás citado, mencionou uma quadrinha que ouvira dos lábios do Prof. Artur Fortes, um dos entusiastas do grande educador, bom discípulo de Epicuro. Reproduzimo-la aqui para gáudio dos que gostam dêsse gênero de poesia :

Ameci um anjo aos 18 anos,
Tenho na mente todos traços seus,
Morena, bela, dos meus mil amôres
Irmã das flôres dos jardins dos céus!

Na angústia de tempo em que nos debatemos não foi possível, em pesquisas pacientes colherem-se dados mais completos sôbre o Prof. Francisco Teixeira de Faria, que não se afastou uma só linha de suas convicções materialistas.

E. D.

(2) Simeão da Fonseca Dória, proprietário do antigo engenho Laginha, município do Boquim, irmão de Alexandre da Fonseca Dória, do engenho Lages, município de Itabaianinha, salvo erro.

Olímpio Rollemberg de Oliveira Chaves

O centenário de nascimento deste dinâmico sergipano transcorreu a 26 de julho de 1960. Não logramos obter, em nossas apressadas pesquisas, outros dados sobre sua vida e atividade que não os mencionados no Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano do erudito desembargador Manuel Armindo Cordeiro Guaraná que o contemplou entre os seus biografados.

Trasladamos para aqui a notícia saída no referido Dicionário, através da qual se observa que Olímpio Rollemberg de Oliveira Chaves foi um espírito infatigável e um sergipano de inteligência invulgar.

Rendemos deste modo modesta homenagem à sua memória, de vez que se trata de um sergipano que não pode ser esquecido da posteridade. Cedamos a palavra ao desembargador Manuel Armindo Cordeiro Guaraná.

“Olímpio Rollemberg de Oliveira Chaves. Filho de Estácio Rollemberg de Oliveira Chaves e D. Joana Francisca Rollemberg de Oliveira, nasceu a 26 de julho de 1860 no extinto engenho Ibura, município do Socorro, e faleceu em Maceió a 8 de janeiro de 1919.

Estudou preparatórios na Bahia e de volta a Sergipe exerceu o cargo de exator e coletor em Riachuelo. Retirando-se para o Amazonas, fez parte do funcionalismo dessa província como contador do Tesouro, tendo sido posteriormente despachante geral da Alfândega de Santos. Antes de ocupar esses dois últimos lugares esteve como escriturário e pagador no escritório da Estrada de Ferro de Piranhas, em Alagoas. O seu pendor para o magistério levou-o a fundar em 1907, na cidade de Maceió, o colégio S. João, de que foi diretor e lente.

Escreveu assiduamente para a imprensa, colaborando em vários jornais do Rio e da Bahia; em 1880 na “A Locomotiva”, de

Piranhas; no "Jornal do Amazonas", de Manaus; no "O Estado de Sergipe", de Aracaju, e "Norte de Sergipe", de Propriá; na "A Luz", da capital do Ceará, em 1895; no "Gutenberg", jornal de Alagoas e em 1907 na "Exedra", de Maceió.

Músico, compositor e poeta, publicou em diversos órgãos da imprensa periódica muitas das suas produções poéticas, dentre as quais grangeara as preferências do autor, este

S O N E T O

A. E. Saldanha

Esta flor que ora vês tão desprezada,
Esquecida no pó dêste caminho,
Solitária, sem mais ter um carinho
Foi outrora entre as flôres invejada!

Agora, ressequida, a desgraçada
Sem a côr que ofuscava a côr do arminho,
Sem o mel que libava o passarinho
Jaz aqui como em fúnebre morada!

Assim, meu coração, sem mais amores
Sem outro coração para aquecê-lo,
Sem mais uma ilusão, cheio de dores

Morreu dentro do peito. Revivê-lo,
Fazer dêle um vergel cheio de flôres,
Só Deus com seu poder pode fazê-lo.

Publicado no "Santos Comercial" de 22 de novembro de 1895, no Almanaque Sergipano para 1901, pags. 226 e na "Exedra" de 3 de agosto de 1907. Deixou inéditas as seguintes obras :

— **Resumo da Gramática Portuguesa.** Apesar do título despretensioso desta obra, o autor estendeu-se bastante no desenvolvimento do assunto.

— **Aritmética** ao alcance de todos para os que começam o estudo da Aritmética nas aulas primárias.

— **Cartilha Musical** destinada à instrução da infância. Trinta e oito pags. manuscritas com uma tabela dos intervalos compreendidos em uma oitava aumentados ou diminuídos por sinais de alteração.

— **Prosa e verso.** Um caderno in. 10.^o inumerado."

E. D.

Dr. Antônio Militão de Bragança

Pôde o Instituto celebrar com a possível pompa o centenário de nascimento do Dr. Antônio Militão de Bragança.

Nasceu na cidade de Laranjeiras, ao tempo desfrutando de grande importância comercial e social, a 31 de julho de 1860, sendo filho do Dr. em medicina Francisco Alberto Bragança e D. Possidônia Maria de Santa Cruz Bragança, consagrada educadora sergipana. Provavelmente fez os seus estudos rudimentares com sua genitora que era professora pública. Fez os estudos secundários em Aracaju e na capital baiana, em cuja Faculdade de Medicina fez o curso integral recebendo em 15 de dezembro de 1883 o grau de doutor em ciências médico-cirúrgicas.

Diplomado voltou à província natal, fixando-se em Laranjeiras, onde abriu consultório. Especializando-se em oculística, exercia ao mesmo tempo a clínica geral, desfrutando de largo conceito. Mais tarde transferiu-se com o seu consultório para Pão de Açúcar, em Alagoas. Voltou depois à cidade de Laranjeiras, onde se reinstalou definitivamente e onde lecionou latim no Liceu Laranjeirense, ali fundado e mantido pelo Prof. Baltazar de Araujo Góes.

Na mesma cidade exerceu as funções de delegado de higiene e médico do Hospital de Caridade, de que era sócio benfeitor. Era apaixonado pela música, como bom compositor e instrumentista que era. Deixou várias composições musicais de sua lavra. Era sócio deste Instituto. Escreveu na imprensa de sua cidade natal e na de Aracaju.

Transcrevemos literalmente do Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano, do desembargador Manuel Armindo Cordeiro Guaraná, a sua bibliografia :

— **Paralisias consecutivas às moléstias agudas:** dissertação. Proposições. Secção de ciências médicas — Do beriberi, sua etiologia, patogenia e tratamento. Secção de ciências cirúrgicas — considerações sobre o abortamento. Secção de ciências accessórias — Morte súbita e sinais da morte. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, em 30 de agosto de 1883, para o doutoramento. Bahia, 1883, 110 pags. in. 8.º Imprensa Econômica.

— **Observação de dois casos de amidalotomia com aplicação da cocaina.** No "O Horizonte". Laranjeiras, de 1.º de novembro de 1885.

— **A varíola em Laranjeiras (1911-1912).** Aracaju, 1912, 53 pags. in. 8.º pq. Tip. Xavier. É uma descrição conscienciosa dos fatos desenrolados durante a marcha até a extinção da epidemia havida naquela cidade nos anos de 1911-1912.

— **A indústria pastoril em Sergipe.** No "Diário da Manhã" de 15 de fevereiro de 1913.

— **Pela pecuária sergipana:** série de artigos no mesmo jornal de 2 a 9 de março de 1916. Transcritos no "Lutador", de Penedo, nos números de 23 de maio a 1.º de junho do mesmo ano.

Redigiu :

— **O Município:** órgão independente. Publicação aos domingos. Laranjeiras, 1908-1911.

Fazem parte do seu repertório musical as seguintes composições :

- **Saudades de Filomena :** mazurka.
- **Valsa Georgina.** Laranjeiras, 1898.
- **Minha simpatia:** valsa, 1899.
- **Como fui feliz:** valsa, 1899.
- **Confio em ti:** valsa, 1899.
- **Minhas saudades:** valsa, 1900.
- **O brilho das morenas:** mazurka, 1907.
- **Idealizando:** mazurka, 1914.
- **Desilusões:** valsa, 1914.

E. D.



DR. ANTONIO MILITÃO DE BRAGANÇA

* 31-7-1860 - † 27-3-1949

Dr. Antônio Militão de Bragança

DR. JULIANO SIMÕES

Mil oitocentos e sessenta foi um ano bom para Sergipe. A fantasiosa cegonha, portadora da deusa da fecundidade, trouxe para esta terra uma plêiade de homens ilustres. Naquele ano aqui nasceram: Ivo do Prado, a 20 de Maio, em S. Cristovão; João Ribeiro, a 24 de Junho, em Laranjeiras; Amintas Jorge, em Aracaju, a 11 de Julho; Antônio Militão de Bragança, em Laranjeiras também, a 31 de Julho.

Bem começara o referido ano de 1860, com alvissareiras ocorrências, pois visitaram Sergipe, em Janeiro, SS. Magestades Imperiais D. Pedro II e D. Thereza Cristina, estando em Laranjeiras a 14 e 15 do mesmo mês.

E agora, cem anos decorridos, Sergipe festeja êsses nascimentos, homenageando a memória de seus diletos filhos. Neste mesmo salão, em que estamos, já reboaram as palavras abalizadas e justas de Franco Freire, o experimentado professor, de Câmara Cascudo, o afamado escritor, de Freire Ribeiro, o nosso estimado poeta, contando-nos e para nós cantando a vida dos três primeiros: Ivo do Prado, general e historiador, — João Ribeiro, bacharel e professor, — Amintas Jorge, almirante e benfeitor de necessitados.

Hoje, 31 de julho de 1960, aqui nos encontramos todos nós para reverenciar a memória daquele que em vida se chamou Antônio Militão de Bragança, ilustre médico e prestante cidadão sergipano, que soube honrar a terra em que nasceu.

A "Sociedade Médica de Sergipe" delegou-nos a incumbência de vos falar sobre aquêle nosso colega, que hoje estaria completando um século de existência, se a morte, sempre infalível, não o tivesse levado do nosso convívio a 27 de Março de 1949.

Não deveis esperar uma oração do porte daquelas outras anteriormente pronunciadas por aquêles homens de letras que aqui falaram desta mesma tribuna, na comemoração dos outros centenários referidos. Não temos dêles a facilidade de expressão, a be-

leza de formulação e a doçura de significação das frases com que souberam exprimir seus pensamentos e sentimentos. Mas, contando com a vossa boa vontade e condescendência cordial, procuraremos, na simplicidade de nossas palavras, vos dizer quem foi o Dr. Antônio Militão de Bragança e o que fêz.

Foram seus pais: o Dr. Francisco Alberto de Bragança, médico e professor, baiano de nascimento, "descendente por via paterna de Goêses, de portugueses do Portugal da Ásia"; a Professora D. Possidônia Maria da Santa Cruz Bragança, laranjeirense de família e ex-discípula de seu próprio marido. Casaram-se eles a 27 de Novembro de 1852. Ele foi clínico; ela professora pública e particular, Diretora do "Colégio Senhora Sant'Ana", que funcionou em Laranjeiras por mais de 50 anos. Esse colégio foi depois transferido para aqui, para Aracaju, sob a orientação e direção das bondosas e competentes professoras Petrina (mãe), Quintina e Elisa (filhas) Diniz de Oliveira Ribeiro.

O nosso biografado começou os seus estudos primários aos 6 anos de idade com um professor particular chamado Justino Gomes Ribeiro. Iniciou o curso secundário com os professores públicos Rafael Araújo de Moura Matos e Padre Souza Mucury, estudando com eles Francês e Latim. Aos 15 anos transferiu-se para Aracaju, e no "Ateneu Sergipense" fêz o curso de "preparatórios", sendo então seus mestres: Geminiano Paes de Azevêdo, Antônio Diniz Barreto, Ascendino Ângelo dos Reis, Tito Souto de Andrade, Rafael Araújo de Moura Matos, Sancho de Barros Pimentel, Pedro Pereira de Andrade e Araújo Lima. Em fins de 1877 foi à Bahia e lá prestou, na Faculdade de Medicina, os exames de Geometria, Inglês e Filosofia, tendo obtido distinção nessa última, perante uma pesada banca examinadora composta por Frei Itaparica e os Drs. Demétrio Tourinho e José Joaquim Seabra.

Matriculado naquela Faculdade de Medicina em 1878, fêz ali o seu curso médico, recebendo por fim o seu diploma de Doutor em Medicina, das mãos do então diretor Conselheiro Jerônimo José Pereira, a 15 de Dezembro de 1883. Para tal defendera antes uma Tese que versou sobre: "Paralisias consecutivas às moléstias agudas", com "proposições", como era hábito então, acêrca das ciências médicas, cirúrgicas e accessórias.

Dez dias depois de formado, embarcou o jovem e esperançoso esculápio para a Côrte, para a capital do país, para o Rio de Janeiro. Lá iria o postulante de uma boa clínica, burilar os seus conhecimentos, aprimorar os seus estudos médicos, frequentando hospitais e policlinicas, examinando doentes e escutando-lhes os sofrimentos, trabalhando profissionalmente ao lado dos afamados mestres daquela época, tais como os Professôres Barão de Torres Homem, Visconde de Sabóia, Visconde de Sta. Isabel, Barbosa Romeu, Moura Brasil e tantos outros. Por certo o contato, a convivência com êste último, Moura Brasil, abalizado oculista, emérito oftalmologista de seu tempo, levara o Dr. Bragança a se dedicar, de preferênciã, à clínica de moléstias dos olhos.

De volta a Laranjeiras montou consultório à Rua do Comércio, dando os primeiros passos de sua profissão, sob sua inteira responsabilidade, em sua própria terra natal, em fins de Maio de 1884. — Quatro meses e dias depois, a 4 de Outubro recebia o principiante médico um forte golpe sentimental, com o falecimento de seu genitor, que contava já a idade de 58 anos.

Em Laranjeiras, entretanto, o Dr. Bragança não encontrou facilidade para o desempenho de sua profissão, pois lá estavam clinicando os Drs. Felisbello Freire, Fabricio Vampré, Rodrigues Dória, Galdino Teles de Menezes, Pedro Júlio Barbuda e João Cândido de Lima, todos com boa clientela já formada, e reconhecida competência, como êle mesmo confirmara.

Havendo falecido em Pão de Açúcar, no vizinho Estado de Alagoas, o Dr. Ronalça Brandão, único médico naquela zona, para lá rumou em Abril de 1885 o Dr. Bragança, convidado que fôra por "importante família" sanfranciscana. Como êle mesmo declarava, "ao saltar nas areias ardentes de Pão de Açúcar, pisou com o pé direito", pois firmou-se logo no conceito de tôda a população ribeirinha e da vizinhança, recebendo doentes de Sergipe, Alagoas, Bahia e Pernambuco, contando dentro em pouco tempo numerosa clientela.

A 1.º de Dezembro de 1888, na "Fazenda S. José", à margem esquerda, alagoana, do S. Francisco, casou-se com uma sergipana, a prendada Srta. Maria Rosa da Conceição Tavares, filha do

Cel. Manoel Lino da Silva Tavares, alagoano, e de D. Maria Eleutéria da Silva Tavares, sergipana. O ato religioso foi celebrado pelo Vigário da cidade de Gararu, Revmo. Padre Caio Tavares.

Premido pela necessidade de estar perto de sua velha mãe, já de idade avançada, achou o Dr. Bragança do seu dever voltar para a sua Laranjeiras querida e, ao lado daquele ente amado que lhe dera o ser, devotar-se de todo ao carinho materno e da família e aos afazeres de sua profissão. Em discurso que pronunciou ao despedir-se do povo de Pão de Açúcar e de seus clientes, que em massa assistiram o seu embarque, a 5 de Maio de 1892, "em meio às lágrimas sinceras de saudades e de gratidão" dos mesmos, disse não poder esquecer "o acolhimento franco e a confiança sempre crescente" nêle depositada, declarando que somente a circunstância de precisar ser útil à sua genitora o forçara a deixar aquela gente, depois de sete anos e dias de convivência e amizade.

Durante êsse período, o Dr. Bragança fôra contratado para médico da "Estrada de Ferro de Paulo Afonso", pelo seu diretor de então, o Engenheiro Francisco Gomes Calaça. Assim, tinha que ir semanalmente e alternadamente a Piranhas, em Alagoas, e à Jatobá, em Pernambuco, onde atendia os operários da empresa e clientes outros particulares. Dêsse tempo os seus registros clínicos assinalam 4.432 casos atendidos, inclusive intervenções cirúrgicas, "com resultados, em sua maioria felizes e confortadores", como rezam as suas anotações.

Três dias após haver se despedido de Pão de Açúcar, a 8 de Maio de 1892 chegou o Dr. Bragança em Laranjeiras, trazendo em sua companhia a sua espôsa e um filhinho, o seu primeiro Francisquinho, que depois falecera aos 3 anos de idade. Dêste, registaria o seu pai em suas notas :

"Morreu como aurora sem poente,
Como flor que perfume inda exalava,
Como sôpro da brisa rescendente,
Como onda que apenas se formava".

Duro golpe êsse para o seu coração de pai e de médico!

Em Laranjeiras havia ao tempo de sua segunda chegada apenas um médico, o Dr. Pedro Muniz Barreto, de viagem já marcada para Capela, onde passaria a clinicar. Em notas do Dr. Bragança, encontramos a seguinte observação oportuna: — “Um fato digno de estudos: em Laranjeiras, o El-Dorado dos clínicos que então aportavam a Sergipe, em Maio de 1884, — 6 médicos; — e em Maio de 1892, — um só, e este mesmo de viagem!... Que dorido contraste!... Uma só explicação para o estranho fenômeno, — a abolição da escravidão, poderoso fator de renda para os médicos do Estado”.

Esse fenômeno não ocorrera só com os médicos; com os advogados, com os padres, com os comerciantes, com todos os profissionais também. Lembramo-nos de haver ouvido do próprio Dr. Bragança a afirmação de que Laranjeiras chegará a ter, nos seus dias de fausto, até 14 advogados ao mesmo tempo nas lides da Justiça, e suas numerosas igrejas terem tôdas capelão; o seu movimento comercial e social era intenso e vivo.

Lá se faziam famosas festas e animadas tertúlias. A nobreza agrícola e açucareira era numerosa no vale do Cotinguiba, famoso pelos seus “massapês”. E a velha e acolhedora cidade brilhava entre suas irmãs do Estado. Ainda há poucos dias, quando se comemorava o Centenário de João Ribeiro, também laranjeirense, ouvimos aqui mesmo o festejado orador e escritor potiguar Câmara Cascudo, cantar de improviso loas a Laranjeiras, descrevendo em rebuscadas frases a sua paisagem, o seu rio, — o romântico Cotinguiba, — a sua aurora, o seu crepúsculo e o seu luar, tecendo hinos aos seus filhos. E Laranjeiras de hoje, com o seu velho casario, seus vetustos sobrados e seus pesados trapiches abandonados, vive da saudade dos tempos idos e das lembranças dos faustosos dias de antanho. A proximidade da nova Capital, a nossa Aracaju, a facilidade dos transportes com a abertura das estradas de rodagem, o êxodo das populações rurais e dos maiores comerciantes, tudo tem contribuído para o atual abandono de Laranjeiras, como o de Maroim e S. Cristóvão, apesar de nessas duas outras haver estabelecimentos industriais, fábricas de tecidos. Pois foi em Laranjeiras que o Dr. Bragança fez por mais tempo a sua vida profissional, e sozinho. Seu consultório era bem

montado; seu equipamento cirúrgico era abundante, variado e, para sua época, moderno. Por muito tempo foi o melhor consultório do Estado e de toda a região vizinha. Sua clientela era numerosa; ricos e pobres eram atendidos. Sua fama de bom clínico, sobretudo para o tratamento das moléstias dos olhos, se espalhou por todo Sergipe e pelos vizinhos Estados.

Epifânio Dória, a quem Sergipe deve hoje a guarda deste "Instituto Histórico", onde estamos, contando como com ele fez relações, escreveu, em Agosto de 1948: — "Em Julho de 1909 tivemos ensejo de travar conhecimento pessoal com esse ilustre esculápio, indo ao seu consultório, onde ficamos maravilhados com o espetáculo que ali se observava: uma multidão de gente pobre formando duas alas, à direita e à esquerda, em frente à casa de sua residência e por todo o corredor de acesso ao amplo consultório. Até ao meio-dia, quando se recolhia para o almoço, a enchente era grande e a labuta incessante. Depois do almoço seguia-se o horário da clínica domiciliária, que também era grande e pedia muito tempo e longas caminhadas. Terminada a parte itinerante da clínica, retomava o trabalho no consultório, onde ao chegar já encontrava uma onda de pessoas acotovelando-se à sua espera." — E assim, por dezenas de anos, a todos distribuindo "os benefícios de sua árdua e penosa profissão", como ele próprio reconhecia.

Bem podemos hoje avaliar como era difícil a clínica àquele tempo. Se hoje, com a facilidade do automóvel e do telefone, das boas instalações hospitalares, com o auxílio do moderno material para exames, com os olhos do Raio X, com a segurança da perfeita anestesia, com as análises e pesquisas laboratoriais, com as recentes armas medicamentosas, com o concurso de especialistas, o médico clínico ainda se vê por muitas vezes atrapalhado e se sente tolhido na sua ação profissional, que se dirá do médico de outrora, quando tudo isso faltava? Antigamente o médico era forçado a longas caminhadas a pé ou a cavalo, sendo o cavalo a sua condução para a clínica do interior, onde tinha de percorrer longas distâncias entre as fazendas, os engenhos e os próprios povoados.

Nem por isso, hoje em dia, a mesma profissão médica deixou de ser "árdua e penosa". Se por um lado a vida médica melhorou,

por outro piorou. Em todos os tempos sempre houve bons e maus médicos, sempre existiram bons e maus clientes.

Antigamente, havia mais ligação entre o médico e o doente. Um e outro, como simples indivíduos, formavam um binômio cujos termos, expressos em confiança, eram ligados por um sinal positivo de mútua dedicação e recíproca estima. Contemporaneamente, esse binômio está cada vez mais desaparecendo de nossas relações profissionais, substituídos os seus dois simples termos, sob os avanços do decantado coletivismo, ou socialismo, pelos famosos "Institutos de Previdência Social", mal orientados, e por um fichário onde os doentes são registrados por números.

Para os novos médicos, aqueles que vêm ultimamente se diplomando, essa transformação não causa qualquer perturbação. Mas, costumamos a crer pudesse o Dr. Bragança clinicar atualmente com os seus hábitos profissionais do passado. Até os trajes do médico, na primeira década da 2.^a metade do século XX, são bem diferentes dos que ele usava na primeira década de sua primeira metade. O uso do "fraque" e do "croizé" era comum para os médicos no exercício de sua profissão e nas reuniões sociais nos centros urbanos. Hoje em dia, clinica-se até em mangas de camisa, como se fôsse o médico qualquer caixeiro de armazém. A medicina que era exercida como um sacerdócio vem a pouco e pouco sendo professada como um simples comércio. De profissão liberal, vem se tornando em função assalariada. Os honorários médicos cedem lugar, por força do socialismo vigente, aos vencimentos burocráticos. Como eram diferentes os médicos de outrora!...

E o Dr. Bragança, por mais de 30 anos, manteve-se firme e só no atendimento dos seus clientes de consultório, de hospital e de domicílio, em Laranjeiras.

A 2 de Julho de 1911 surgiu um caso de variola no povoado "Cedro", distante uns 3 kms da cidade, que a 16 seguinte foi tomada de assalto pela temida e mortífera doença.

O Dr. Bragança, por mais de uma vez solicitou então do Dr. Inspetor de Higiene do Estado a sua exoneração do cargo de Delegado de Higiene, de Laranjeiras, alegando que, "enfrentando, só, numerosa clínica", "não queria com ela se incompatibilizar", cuidando ao mesmo tempo os variolosos". Pedia para si um sucessor na comissão de tratamento dos mesmos. O Dr. Pimentel

Franco da capital lhe respondera, por dois officios, "solicitando-lhe a continuação dos seus serviços a bem da causa pública", dizendo-lhe para continuar na direção do combate à epidemia e avisando que mandaria "pessoal idôneo" para os cuidados aos doentes. Depois de outros telegramas e trocas de entendimentos, Dr. Bragança afirmou isso, em seu "opusculo" publicado a 31 de Março de 1912, sob o titulo — "A variola em Laranjeiras" — : — "aceitei como um apêlo ao meu amor à terra que me deu o berço, e não podendo ser indiferente ao infortúnio que fatalmente lhe traria a epidemia invasora, não tendo até então encontrado o Governo Médicos que se quisessem comissionar para os trabalhos da variola nesta cidade, sem mais hesitações, nem desfalecimentos, fiel ao juramento de meu sacerdócio, com perigo embora de minha vida e dos que me são caros, aqui fiquei, prestando aos meus conterrâneos todos os serviços que o terrível morbus reclamava para a sua debelação".

Foi bem trabalhosa essa debelação e, "sem remuneração alguma", teve Dr. Bragança, posterior e eficientemente auxiliado pelos seus colegas os Drs. José Moreira de Magalhães e Josaphat Brandão, uma vitória.

A rua do "Pôrto do Oiteiro" foi logo de início invadida e suas casas transformaram-se num vasto Lazarêto. Sômente mais tarde, a 20 de Agôsto, o Sr. Bemvindo Borges cedeu o seu "sítio" para néle melhor serem abrigados os doentes que se multiplicavam por tôdas as ruas. Este improvisado "isolamento", de 70 leitos, foi logo superlotado, obrigando a construção de um barracão adicional para 100 leitos, em cuja construção trabalharam officiais mandados buscar na capital. Penoso foi o trabalho dos médicos durante aquêles "lúgubres dias e horas amaríssimas por que passou esta velha terra", como confessou o Dr. Bragança, lutando contra "dificuldades insuperáveis", sendo quase "impossível dominar pavores, evitar êxodo e refreiar alarme".

Precários eram os recursos profiláticos com que se contava outrora em tempos de epidemias de qualquer natureza, inclusive variólica, embora já se constasse contra essa do recurso de vacinação Jenneriana, que ainda não era bem acreditada e aceita pelas populações e até por médicos. Basta se recordar que por causa

de vacinação obrigatória houve até revolta militar e popular no Rio de Janeiro.

Os recursos terapêuticos eram igualmente precários. Na Medicina de antanho aconselhava-se, até nas cátedras de Clínica, que ela devia ser "expectante", "porquanto a intervenção intempestiva poderia muitas vezes produzir maior mal do que bem". Aconselhava-se o uso de sangrias, antiespasmódicos, quina, ratanhia, cataplasmas vegetais antipútridas, etc; até o ácido fênico por via oral, diluído embora e em pequenas doses, era indicado.

Laranjeiras viveu muito tempo sob densas nuvens de fumaça, pois, na tentativa de fazer cessar a epidemia, queimava-se constantemente, nas ruas, nas praças e até no interior das casas, enxôfre, alcatrão, piche e estêrco de gado. Os "vapores negros e fétidos", que se evolavam das inúmeras fogueiras e das chamadas "estufas", tudo invadia praticamente sem qualquer resultado. De algumas anotações feitas pelo Dr. Josafá, à época, consta que a pedido de Bragança e a mando de Pimentel Franco, Laranjeiras recebeu, para essas fogueiras, 42 canadadas de piche, a 9 de Agosto de 1911.

Referindo-se ao modo pelo qual foi recebido e tratado pelo colega, registra êle, Dr. Josafá, com o seu senso de observação e de humorismo, em suas notas, que nos foram mostradas: — "Bragança, aquêle belo espírito talentoso, honrado, hospitaleiro, desprendido, prestável e bom... me empanturrou de jantares ou banquetes..." De fato, tôda Laranjeiras sabe como era farta e boa a mesa da família Bragança. E sempre tinha convivas. Disso também somos testemunha.

A campanha de erradicação da varíola em Laranjeiras, ao lado dos seus defensores, teve também seus detratores em 1911, 1912. — Mas, qual delas ainda hoje não os terá — Certamente cansado, por uns elogiado, na maioria, e por outros criticado, porém satisfeito e de consciência tranquila, afirmou o Dr. Bragança: — "Fiéis à sublimidade de seu mandato, olhos vendados, ouvidos trancados aos injustos julgamentos, abertos e reabertos os corações aos anseios do bem fazer, os denodados facultativos levaram de vencida as lumurientas apreciações e, dentro em 8 longos me-

ses de lutas, de fadigas e de desalentos, conseguiram, enfim, extinguir a variola em Laranjeiras”.

* * *

Dr. Bragança, além de médico, foi escritor e era um esteta: um apreciador da natureza, um cultor do belo, um homem de sentimento.

Escreveu vários artigos e notas para a imprensa de sua terra e allures. Além de sua tese de doutoramento, escreveu o opúsculo já citado sôbre a variola, e a “Observação sôbre dois casos de amidalotomia, com a aplicação da cocaina”, publicada no “O Horizonte”, de Laranjeiras, a 1.º de Novembro de 1885. No semanário “O Município”, publicou: — “O difícil da arte de curar. Perplexidades na vida”. — “Dr. Henri Huchard”. — “Arborização, Beleza e Higiene”. — “As missões sagradas”. — “Concurso lacrimoso”. — “Nosso hospital”. — “São João”. — “Os loucos em Laranjeiras”. — “A festa do trabalho”. — No Diário da Manhã, de Aracaju, escreveu: “A Indústria pastoril em Sergipe”, e uma série de artigos “Pela Pecuária sergipana”, transcritos no “Lutador”, de Penêdo.

Colaborou êle na melhoria e embelezamento da sua cidade, construindo e arborizando, às suas custas, uma praça, em frente à sua casa de residência e do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que dirigia. A essa praça, inaugurada a 13-5-1913, foi dado o nome, que ainda conserva, de sua veneranda genitora: “Praça D. Possidônia Bragança”. Justa e muito merecida homenagem a quem tantas luzes espalhou pela mocidade sergipana.

Colaborou também no ensino de seus conterrâneos, tendo lecionado Latim no extinto “Liceu Laranjeirense”, propriedade do professor Baltazar Góes.

Filho de professôres, sobretudo de professôra que lecionou a três gerações, era um defensor e incentivador da instrução, um entusiasta pelos problemas educacionais. Em carta ao Dr. Helvécio de Andrade, opinava a 20 de Julho de 1913: “O problema da Instrução deve estar à frente de todos os programas dos homens de Estados modernos”.

Foi um colaborador na construção da "Casa de Sergipe", este nosso "Instituto Histórico", "escrínio sagrado das relíquias, dos nomes, dos feitos e das tradições de tudo quanto nos é caro, que nos honra e envaidece", como êle mesmo afirmava.

Quando percorreu o Estado uma "comissão angariadora de donativos para a constituição do patrimônio do "Hospital de Cirurgia", o Dr. Bragança, em carta ao Dr. Augusto Leite, afirmou: "não me quedei diante de tão grandioso objetivo, sentindo-me bem em auxiliar igualmente, com insignificante quantia embora, a sua realização, o que efetivamente fiz". Depois, ofereceu para a Biblioteca do mesmo hospital "algumas obras estrangeiras e nacionais de Medicina e Cirurgia".

* * *

Admirador da natureza, o médico, atraído pela vida dos campos, naturalmente por um processo de derivação psíquica, fugindo às preocupações com o sofrimento humano, procurando descansar um pouco de suas lides com doentes, apaixonou-se pela indústria pastoril. Foi também um pecuarista. Adquiriu e organizou uma fazenda. Criou gado selecionado, preferindo o Zebu, raça indiana. Juntamente com Cel. Felisberto Freire, do "Belem", de Itaporanga, importou reprodutores de alto preço, das raças "Nelori", "Gyr" e "Guserat". Para melhor conhecer o desenvolvimento dessa nascente indústria cientificamente encarada, viajou ao Sul e ao Norte do País. Instruindo-se a respeito do trato das pastagens e dos cuidados da alimentação bovina, trocou correspondência com autoridades no assunto, entre estas o Dr. Pedro Perez, Diretor então do "Pôsto de Ibura". E a "Fazenda Santa Cruz" brilhou, como as suas 800 tarefas de campos bem cuidados, onde em 20 invernadas tènicamente tratadas, tôdas com aguadas, separadas, com 40 porteiras ou cancelas, o rebanho pastava calmamente, evitada "uma mestiçagem desorganizada", por separação rigorosa do gado de cada raça. As várias espécies de gramineas forraginosas, devidamente escolhidas, cobriam as magnificas pastagens. E o Dr. Bragança foi tido como o "primeiro plantador de capins do Estado", cousa que àquele tempo foi motivo de riso e chacota por parte de muitos criadores. Êsses, porém, mais tarde,

vieram a adotar a mesma prática. Os finos reprodutores, da elite de suas respectivas raças, "Tupy" e "Bombaim", como verdadeiros sultões daquele harem verdejante da "Fazenda Santa Cruz", deixaram numerosa e cobiçada prole.

Ligando a Fazenda, situada à margem direita do Cotinguiba, à cidade, foi construída uma boa estrada de rodagem.

Em casa, em sua residência, no seu gabinete de trabalho, pendurado às paredes, ficavam quadros contendo, além de retinografuras e figuras várias de casos da patologia ocular, os retratos dos belos espécimens animais de seu criatório.

Sua sala de espera, central, sobriamente decorada, com uma mobília austríaca, apresentava, como ponto de referência, sobre larga mesa de mármore, um magnífico samovar de cobre, guardado com zelo, admirado por todos que o viam. No gabinete de estudos, em suas respectivas estantes, seus livros e seu bem tratado instrumental cirúrgico. Na sala de visitas, adornada com objetos de arte, os retratos de seus familiares, de seus ancestrais, venerados com carinho, e o seu querido piano, amigo das horas de descanso e devaneio, onde dedilhava suas músicas preferidas, muitas das quais de sua própria composição. Dentre essas, citaremos: — As mazurcas "Saudades de Filomena", — "O brilho das morenas", — "Idealizando"; as valsas "Minha Simpatia", — "Valsa Georgina", — "Como fui feliz", — "Confio em ti", — "Minhas Saudades", — "Desilusões". Mais: — "Saudades de Bragançinha", — "Olhos de Francisquinho" e "Meu Jubileu". — A valsa era a música de sua predileção.

Súdito de Apolo, o "Deus Grego e Romano dos oráculos, da medicina, da poesia, das artes, dos rebanhos, do dia e do sol", émulo de Orfeu, o "músico maravilhoso", era também o querido Esculápio um adepto de Flora, a deusa das flôres e dos jardins. Desse jeito, era ele igualmente um cultivador de flôres, um cultor das rosas. Por ocasião de nossas visitas, das visitas dos colegas e amigos àquela sua casa de Laranjeiras, ele nos levava a ver os seus bonitos canteiros onde vicejavam roseiras, apresentando, pendurados em suas hastes, pequenos estojos, pequenos canudos de vidro, contendo cartões com o nome da planta botanicamente classificada, porém acrescido do nome, em genitivo latino, dos colegas e visitantes amigos. Gentil homenagem a eles prestada,

delicada prova de simpatia e estima. Sutileza de um coração generoso, finura de um espirito elevado.

Ao lado dessas cousas belas da vida, êle não descurava as cousas simplesmente práticas. Assim foi que, em dependência de sua residência, o Dr. Bragança montara, em 1909, uma pequena fábrica para a produção de manteiga e queijo. Com isso êle procurou incentivar a indústria de laticínios no Estado, estimulando os criadores ao melhor aproveitamento do leite de seus rebanhos e fomentando um movimento de "côbro à concorrência estrangeira, avassaladora e descabida", como já se dizia na imprensa daquela época. Hoje em dia é grande a produção de manteiga e queijo em Sergipe. O velho Bragança foi um dos pioneiros da indústria de laticínios em terras sergipanas. No Brasil já não se importa hoje em dia manteiga do estrangeiro, e, cremos, também o queijo.

* * *

A 25 de Abril de 1925, estando o Dr. Bragança no desempenho normal de sua atividade profissional, foi, conforme rezam suas notas, "pilhado pelas sombrias manifestações de truculenta artério-esclerose". Prudente e cauteloso, de certo também amedrontado, compreendendo a situação de sua saúde, viajou à Bahia e lá procurou ouvir a opinião do abalizado clínico e provector professor da Faculdade de Medicina, Dr. João Américo Garcez Fróes. Aconselhado a deixar, para melhoria de sua saúde e mais segurança de sua vida, a cansativa e vexatória clínica domiciliária, devidamente esclarecida pelo mestre a sua situação, foi-lhe explicado que poderia continuar a cuidar de seus doentes de consultório e dos do Hospital, de que era diretor, situado junto à sua residência.

De volta a Laranjeiras, escreveu e publicou uma "Declaração Médica", que foi datada de 5 de Junho de 1925. Nela, dizia o Dr. Bragança: — "A conselho médico deixo a clínica domiciliária e, resignado, submeto-me à salutar prescrição por entre doridas recordações de meus 42 anos de plena atividade profissional, os quais me proporcionaram um registro não vulgar de 44.776 doentes, até a presente data". — Adiante acrescentava: — "Obrigado

agora a recolher-me às estreitezas clínicas do gabinete, confortame a certeza de que, enquanto me sorriram o vigor da mocidade, as energias físicas e as graças da deusa da saúde, sem cansaços nem desfalecimentos, não me deixando dominar pelas fascinações monetárias, aferindo sempre por uma só craveira a grandeza dos ricos e a pequenez dos pobres, em todo o meu tirocinio médico, vencido 7 anos no Estado de Alagoas e 35 nesta terra, enfrentando numerosa clientela dêste Estado e de outros Estados vizinhos, jamais deixei de fazer o bem, de aliviar a dor e confortar a miséria, adorável trilogia essa em que se baseia a Medicina". — Magnífica prestação de contas pública de uma consciência profissional limpa!

A imprensa sergipana e a baiana, informadas dessa declaração, comentaram-na, lastimando o corrido. Dr. Bragança recebera copiosa correspondência com manifestações de pesar pelo cerceamento das atividades profissionais do dedicado médico, e de esperança por suas melhoras.

Por mais oito anos o Dr. Bragança continuou no seu mister de aliviar sofrimentos e tratar doentes em seu consultório, até o sempre almejado dia de todo médico: o de seu jubileu de ouro científico. Isso lhe aconteceu a 15 de Dezembro de 1933. Seus colegas, seus amigos acorreram a Laranjeiras para lhe levar abraços de felicitações, prestando-lhe excepcionais homenagens no transcurso do cincoentenário de sua formatura. Missa, banquete, discursos enfeixaram as alegrias de toda gente. Laranjeiras viveu um dia de recordações e contentamentos. O registro clínico do Dr. Bragança acusava a cifra de 59.267 clientes cuidados. — Toda a imprensa de Sergipe, a de Maceió, de Salvador e até do Rio, noticiaram e comentaram o acontecimento com justos encômios e geral aplauso. A "Academia Sergipana de Letras" foi incorporada levar-lhe o título de Sócio correspondente, para o qual fôra eleito, dando-lhe logo posse do cargo. Também foi sócio dêste "Instituto Histórico".

O seu sobrinho e afilhado, hoje Monsenhor, Dr. Alberto Bragança de Azevêdo, distinto causídico em nossa terra, em regozijo pelo transcurso dêsse jubileu, enfeixou em um livro, — "Forenses", — dez dos seus melhores trabalhos de advocacia, fazendo-

lhe um oferecimento “com ternura filial”, onde, de envolto pelo lavor de um português castiço, se descobre o “extravasamento afetivo” de um coração bem formado.

As atividades profissionais do Dr. Bragança não pararam ainda aí e fizeram subir o registro para mais de 62 mil pacientes atendidos, até aquêlê dia em que um pequeno acidente, uma simples queda levou-o ao leito, com uma fratura de colo do fêmur. Trazido para Aracaju para a casa de seu filho Antônio, aí permaneceu, cercado sempre pelo conforto de seus colegas e amigos e pelo carinho e desvêlo de todos os de sua família, até o dia 27 de Agosto de 1948, quando Deus achou que era chegado o momento de lhe dar ao corpo a última morada em terra de sua cidade natal, e à alma a paz eterna dos justos.

* * *

Durante quase 60 anos teve o Dr. Bragança ao seu lado sua estremeçada espôsa D. Maria Rosa Tavares Bragança, por todos conhecida pelo simples apelido de Sinhazinha.

Sua companheira dedicada nas obrigações e deveres de um lar abençoado, era ela também a sua auxiliar atenciosa e gentil no atendimento de seus clientes, na ajuda de suas operações. Foi assim, além de mãe carinhosa de seus filhos, a enfermeira caridosa de seus doentes. E como o Dr. Bragança pronunciava, sabia pronunciar, aquêlê nome tão amado: Sinhazinha! Com que afetividade e delicadeza na entonação, meiguice e ternura na expressão, doçura e bem-querer no coração!...

Ela foi para êle próprio nos seus últimos dias, ao mesmo tempo espôsa extremosa e enfermeira dedicada. Teve o casal Tavares de Bragança cinco filhos: o primeiro, Francisco, de quem já falamos, faleceu com pouco mais de 3 anos de idade; o segundo foi nati-morto; o terceiro foi a pequena Possidônia, falecida com 1 ano e 2 meses; os dois últimos, nascidos ambos em Laranjeiras, são os nossos caríssimos Antônio e Francisco Tavares de Bragança.

O primeiro nasceu a 22 de Agosto de 1903; é farmacêutico-químico diplomado em Bahia, a 15 de Dezembro de 1923. Dedicando-se às pesquisas e análises químicas, foi técnico e diretor do

"Instituto de Química de Sergipe", digno continuador do seu fundador, o Dr. Archimedes Guimarães. Transformado esse estabelecimento no "Instituto de Tecnologia", com a "Escola Superior de Química" a êle anexa, continuou o Dr. Tavares de Bragança na sua directoria até que, por último, foi designado, merecidamente, para ser um dos membros do "Conselho Nacional de Pesquisas", cargo que já está exercendo.

O segundo chegou a matricular-se no curso médico, mas, abandonando-o, trocou a carreira paterna pelo sacerdócio católico romano. É o nosso prezadíssimo amigo Padre Francisco Tavares de Bragança. Nasceu êle a 16 de Janeiro de 1907. Fêz seu curso secundário em Salvador, no "Colégio Antônio Vieira", dos padres jesuitas, onde se matriculara, com seu irmão mais velho, em Março de 1917. Aos 16 anos o Francisquinho confessou aos pais que desejava ingressar na "Companhia de Jesus". E isso fêz por vocação, espontâneamente. O seu curso sacerdotal foi feito em Oya, na Espanha, — para onde partira, de Bahia em 11 de Maio de 1923, — na Áustria, na Alemanha e na Holanda, voltando à Bahia a 16 de Agosto de 1930. — Três anos depois, voltou à Europa, para terminar o seu curso de Teologia, tendo se ordenado em Munich e celebrado missa solene em Berlim. Fêz curso de aperfeiçoamento em Física nos Estados Unidos da América do Norte. Além da faina natural de seu sacerdócio, como padre jesuita, dedica-se ao magistério, tendo sido Reitor da Universidade Católica de Pernambuco e hoje está em Salvador, Bahia. É orador sacro de nomeada.

Não teve, pois, o Dr. Bragança um filho que lhe quisesse continuar os passos na profissão médica. Teve-o todavia na pessoa de seu neto, também Francisco, atualmente clínico e cirurgião nesta cidade. É êste o seguidor profissional do "Papai Velho", que tanto o estimava.

* * *

Permiti, senhores, que agora vos fale na primeira pessoa do singular, eu.

Conheci o Dr. Bragança, lá se vão quase 50 anos, quando, ainda era eu criança, com os meus 8 anos de idade, em fins de 1912, por ocasião das solenidades de entrega de prêmios estudan-

tis no "Colégio Antônio Vieira", de Bahia, ao tempo do encerramento do ano letivo. Com os meus pais, com o Sr. Arcebispo D. Jerônimo Thomé, com o Diretor do Colégio e outras pessoas gradadas, colocou-me êle ao peito medalhas de "Ao mérito", prêmios a mim concedidos por "comportamento" e pelas aprovações obtidas nas várias matérias do meu curso. A sua figura de fidalgo, esbelto no físico, elegante no traje, fidalgo mesmo no porte e no trato, impressionava a todos, inclusive a nós meninos, que procurávamos saber quem era êle. Não poderia eu imaginar, àquela época, viesse agora, tantos anos decorridos, falar em sua terra, aos seus conterrâneos, por ocasião das comemorações centenárias de seu nascimento, em nome dos seus colegas médicos! Voltas do destino, designios de Deus... Mais tarde, poucos dias após haver eu transposto os meus 21 anos de idade, já diplomado Doutor em Medicina, em dia de Maio de 1925 conversando com o velho e prezado mestre Dr. João Froés acêrca dos meus planos profissionais, lembrou-me êle viesse para Laranjeiras auxiliar o velho clínico Dr. Bragança que, por motivo de moléstia e a seu conselho, ia deixar a clínica domiciliária. Tanto melhor seria porque eu também me dedicara à especialidade de moléstias dos olhos. Deu-me um cartão de apresentação para o Dr. Bragança, que ainda estava em Salvador entregue aos seus cuidados profissionais. Procurei-o no "Hotel Bela-Vista", ao Largo de S. Bento, onde êle se hospedara. Com verdadeira simpatia fui recebido e tratado. Conversamos muito sôbre o seu passado e o meu futuro. De tudo, terminando nossos acertos, ficou resolvido que eu deveria estudar a possibilidade de seguir o seu conselho, uma vez que eu desejava fazer uma especialidade, a de moléstias de olhos, mais de consultório que de domicílio: vir para Aracaju e não para Laranjeiras. Vim para Aracaju em fins de Julho de 1925, e aqui estou até hoje, já sergipano de coração, de antepassados e de prole, grato a êste povo, a quem tenho procurado ser útil na medida das minhas fôrças, dentro de minha profissão. Durante os vinte anos que se seguiram, enquanto morava Dr. Bragança em Laranjeiras, procurei manter sempre viva a nossa mútua estima. Visitava-o constantemente, o mais das vêzes em companhia de colegas e amigos, encontrando-o habitualmente bem pôsto, sem dispensar o colarinho e a gravata (de preferência branca), o colête e a cadeia com o relógio, o "pince-

nez” de ouro com lentes azuladas, “escarpin” aos pés. Infatigável “causeur”, conhecido “conteur”, dominava sempre a conversa, dirigia sempre a discussão, sentado de costume em sua cadeira-mesa operatória, de madeira estofada a couro da Rússia, mandada vir especialmente de Paris.

Entrecortada por fino humorismo, por vèzes até picante, sua prosa a todos agradava; d’outras vèzes sabia êle lhe dar pinceladas de ironia, tornando mesmo satíricos os seus comentários, quando cabíveis. Quando comentava o seu estado de saúde, que, com a sua idade, cerceava-lhe as atividades, mostrava-se um pouco céptico da Medicina e descontente com a velhice. Dêste descontentamento e ao mesmo tempo de sua resignação, temos uma prova neste trecho de sua carta escrita ao seu compadre Almirante Amintas Jorge, por ocasião do natalício dêste a 14 de Julho de 1943. “Meu Almirante, como é dura e cruel a velhice! como lhe são tormentosos os contratempos; como lhe são fugídias as esperanças; como lhe são incertos os cálculos; com lhe são fugazes as alegrias; como lhe são desgraciosas as fantasias; como lhe são pesados os sonhos; como lhe é curto o riso; como lhe é falho o sono; como lhe é retardado o passo; como é morto o olhar; como, finalmente, a povoam, doridamente, as desilusões! Em meio a tôdas as suas agruras, por um só ideal devemos ansiar e afagá-lo: — um fim calmo, sereno, conformado, escoimado de padecimentos e dores, e redoiado de Fé nas graças Divinas.”

Depois de três anos de padecimentos em cima de um leito, seguidos à fatídica queda, voltou aquela criatura ao seio do Criador, confortado pela Fé nas Graças Divinas, a 27 de Março de 1949.

Sua senhora, a sua querida Sinházinha, por mais de 11 anos lhe sobreviveu. Vítima também de uma queda, cêrca de três anos após o falecimento do espôso, que igualmente lhe causou fratura do colo do fêmur (ironia do destino!) passou algum tempo num leito de hospital e alguns anos numa cadeira de rodas. Trazida novamente ao “Hospital de Cirurgia”, ali falecera a 11 de Maio do corrente ano, vítima de males cardio-vasculares. Fui várias vèzes visitá-la. Ela me pegava as mãos entre as suas e, olhando-me de frente, perguntava: “Você se lembra de Bragança?” Seguindo

à resposta afirmativa, ela acrescentava, então, com os olhos marejados de lágrimas, o olhar perdido no espaço, o pensamento voejando pelas reminiscências do passado, o coração transbordando de puríssimo afeto: “Ele era tão bom !...”

Sim, meus senhores: — O Dr. Antônio Militão de Bragança, além de um bom espôso, era um bom filho, um bom pai, um bom irmão, um bom amigo, um bom médico, um bom cidadão.

— Ele foi, de verdade, um homem bom. —

Honremos, todos, a sua memória.

Aracaju, 31-7-960.

Dr. Antônio Militão de Bragança *

Minhas Senhoras;
DD. Autoridades;
Ilustres membros da Família Bragança;
Meus Senhores :

Por que vou falar?!...

Porque enaltecer ANTONIO MILITÃO DE BRAGANÇA, é agir sinceramente, sem preocupação partidária de espécie alguma, é agir de maneira nobilíssima ensinando aos jovens conterrâneos a, respeitar, bem-querer e cultuar um grande Cidadão de ontem, por não dizer, de hoje e de sempre.

Serão poucas palavras pois sei, que êle hoje, foi e será bem lembrado; Pela sua família e, pelos seus coestaduanos. Pelo coração e pelo verbo. Antes e depois de mim!

24 de junho, onze e trinta e um de julho de mil oitocentos e sessenta (1860), formaram um triângulo, que cem anos depois, dá-nos o ensejo a, colocando no vértice o homenageado de hoje, situarmos nas extremidades, o amigo de infância e o amigo da velhice.

UM GRANDE BACHAREL: professor, poeta, prosador e filólogo.

UM GRANDE MARINHEIRO: tão audacioso quanto bravo, tão adestrado quanto perfeito.

UM GRANDE MÉDICO: policlínico brilhante, humanitário, inteligente e culto!...

JOÃO RIBEIRO FERNANDES — AMINTAS JOSÉ JORGE — ANTONIO MILITÃO DE BRAGANÇA;

Do consórcio do baiano Dr. Francisco Alberto de Bragança, com a Sergipana D. Possidônia Maria da Santa Cruz, resultou uma ditosa prole de cinco filhos :

(*) Discurso proferido pelo Bel. HENRIQUES VALENTINS DOS SANTOS NETO, na Prefeitura Municipal de Laranjeiras, por ocasião da homenagem à postumária do Dr. ANTONIO MILITÃO DE BRAGANÇA. 1860. 31 de julho 1960.

Dona Maria Vicência, Dona Mariana Apolinária, ANTONIO MILITÃO, Dona Thereza Virgelina e Francisco Alberto de Bragança.

E como para confirmar a força do destino, em marcar para o alto, os 3.os, não houve exceção à regra e ANTÔNIO MILITÃO DE BRAGANÇA, o terceiro dos cinco extremados filhos sobreviventes do honrado casal; CRESCER, ASCENDER E ALTANAR-SE, glorificando a SI e aos SEUS; a Laranjeiras e a Sergipe!

Contava apenas quatorze anos, quando veio a ficar orfão de Pai. Era em 4 de outubro de 1874. Sua inteligência já precocemente revelada, sua personalidade já marcante e, sua instrução já desenvolvida, continuaram porém, sem desfalecimento, agora, sob a tutela materna.

Dona Possidônia Maria da Santa Cruz Bragança, Professora Dodona;... Para êles, — Mãe, amiga e escudo; Para toda a família, — Um Brasão; Para Laranjeiras, — Um símbolo!...

Completados os estudos básicos em Aracaju, honrou a Faculdade de Medicina da Bahia, com sua inteligência e aplicação e lá recebeu o Grau doutoral, em 15 de dezembro de 1883, após brilhante defesa de Tese, apresentada em 30 de agosto do mesmo ano; dissertando sobre Paralisias Consecutivas às Moléstias agudas, além das Proposições; com secções de Ciências Médicas, Ciências Cirúrgicas e Ciências accessórias.

No Rio de Janeiro, aprimorou com a prática nos Hospitais e Policlínicas da Corte, os conhecimentos auridos nos Bancos Universitários Baianos.

Regressou à Cidade Natal, onde clinicou um ano e depois seguiu para Pão de Açúcar, em Alagoas, onde em pouco tempo se firmou e conseguiu numerosíssima clientela, de toda a Região Nordeste.

Em 1902, Laranjeiras reclamou o seu filho: Sua família pediu e ele voltou à Cidade Natal, para dela não mais se afastar.

Sobre sua atuação profissional, já em 1925 escrevia Armindo Guaraná: "Médico oculista de reconhecidos sentimentos humanitários, o seu consultório em Laranjeiras é largamente frequentado por clientes de dentro e de fora do Estado, tendo firmado seus créditos profissionais numa longa prática de clínica oculista".

COMO MÉDICO: — ninguém o excedeu; como oculista e na clínica Geral;

COMO PROFESSOR: — Aqui na Terra, emprestou o seu concurso, com zelo, cultura e competência, no Liceu Laranjeirense do Professor Baltazar Góes; como Lente de Latim;

COMO JORNALISTA: — Além de colaborar em vários jornais de Sergipe e Alagoas, redigiu "O Município", Órgão independente, que de 1908 a 1911, circulou todos os domingos em Laranjeiras;

COMO ESCRITOR: — Além de: "OBSERVAÇÃO DE DOIS CASOS DE: AMYDALOTOMIA COM APLICAÇÃO DA COCAÍNA", "A Varíola em Laranjeiras", com 53 páginas, nos leva a repetir como Guaraná: "— É uma descrição conscienciosa dos fatos desenrolados durante a marcha, até a extinção da Epidemia", que, no dizer d'ele próprio: "Foi um pesadíssimo tributo, pago por esta velha Terra, a tão terrível Morbus, roubando-lhe este, vidas preciosas, ceifando-lhe esperanças legítimas, aniquilando-lhe o comércio de há muito enfraquecido, cerceando-lhe, finalmente, tôdas as manifestações de sua vida social e material"...

COMO MUSICISTA E POETA; — Assim o afirmo porque êle, apreciador da música como era, não só a executava, como compunha com arte. Suas valsas e suas Mazurkas, fizeram época nos salões Laranjeirenses;

"SAUDADES" (de Francisquinho e de Bragançinha, seus diletos filhos); "Georgina", "Minha Simpatia", "Como fui Feliz", "Confio em Ti", "Idealizando" e inúmeras outras, atestaram e atestam, o seu esto e a sua musá!...

Em 27 de março de 1949, uma intoxicação urêmica e alimentar, roubou a vida, aquêle que, aos 89 anos, com gravata e cabelos brancos, conservava a alma jovial.

Eu conheci de perto, o doutor Bragança e, ao meu Pai, de quem até hoje só tenho me orgulhado, agradeço ter-me ensinado desde pequenino, o caminho daquela casa, onde um casal de velhinhos Benditos, (Dr. Bragança e dona Sinházinha), representavam, (Em Laranjeiras: A Paz, O Bem, A Educação, O Carinho A Felicidade enfim).

O doutor Costa Filho, disse que Êle realizou o milagre de conjugar o belo ao agradável; pois foi genuinamente fidalgo, pela

Educação e pelo trato social; foi um espécimen legítimo da nossa categoria mental e da nossa elegância cultural. "... Com sua limpa e clara silhueta atávica de oriental, afável, risonho e quase ingênuo dentro de sua notável sabedoria clínica de imparisável oftalmologista, reconcentrado no lar impoluto como um ídolo de cristal debaixo da redoma de arco-íris da gratidão de sua Terra e de sua gente".

Os nossos antecessores nos disseram e nós transmitimos aos nossos jovens do presente, para que êles repitam aos do futuro que, êle representou genuinamente as qualidades maiores e melhores do Espírito Sergipano!...

Capitão-Mór Joaquim Martins Fontes

Transcorreu a 20 de agosto de 1960 o centenário de falecimento do capitão-mor Joaquim Martins Fontes, que logrou desfrutar de grande influência na política do seu tempo.

Nasceu no engenho Campo da Barra, em território que veio depois a fazer parte do município de Itabaianinha, a 27 de julho de 1798 e faleceu no engenho São Francisco, município de Laranjeiras, a 26 de agosto de 1860. Foi sepultado a 27 de agosto de 1860 na cidade de S. Cristóvão, para onde foi transportado o seu corpo.

Foi filho primogênito do capitão-mor João Martins e D. Ana Francisca da Silveira. Não sabemos onde e com quem fez os estudos primários, como ignoramos o seu verdadeiro grau de instrução. Não chegou a fazer curso superior. O desembargador Manuel Armindo Cordeiro Guaraná, que dêle se ocupou no seu Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano, disse a seu respeito:

“Desde o fato histórico da Independência, em 1822, até a Regência Provisória, durante a menoridade do Imperador Pedro II, como ainda em alguns anos ulteriores, figurou como um dos políticos mais em evidência em Sergipe. A sua investidura nos diversos cargos públicos que ocupou, as distinções oficiais que por mais de uma vez lhe foram conferidas pelo governo imperial, as repetidas provas de confiança política dadas por seus comprovincianos atestam o grau de prestígio de que sempre gozou, enquanto militou ativamente na política regional. Capitão-mor das Ordenanças da vila do Lagarto, comandante superior da comarca da Estância, desde 1837, membro do Conselho de Governo, presidente da Câmara Municipal e juiz de órfãos, ainda do Lagarto, deputado



CAPITÃO-MOR JOAQUIM MARTINS FONTES

* 27-7-1798 — † 20-8-1860

provincial em vários biênios (*) e deputado geral da legislatura de 1834-1837.”

Estêve no govêrno da província, na qualidade de vice-presidente, quatro vêzes: de 23 de julho a 28 de agosto de 1839; de 8 de agosto a 19 de outubro de 1840; de 30 de abril a 15 de junho e de 1.º de julho a 16 de novembro de 1841.

Foi-lhe concedida a mercê de cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro pelos serviços prestados à causa da Independência do Brasil. Por Decreto Imperial de 18 de julho de 1841, dia da coroação e sagração do Imperador D. Pedro II, foi agraciado com a comenda da Ordem de Cristo.

De colaboração com o seu colega de representação Monseñor Antônio Fernandes da Silveira, escreveu:

— Resposta à carta escrita ao ministro do Império, Joaquim Vieira da Silva e Souza, pelos deputados Antônio Fernandes da Silveira e Joaquim Martins Fontes, contra a administração da província na presidência do Dr. Manuel Ribeiro da Silva Lisboa(**) e seguida de relatório de todos os atos do govêrno da mesma província naquela presidência. Bahia, 1835, 205 pags.

O Capitão-mor Joaquim Martins Fontes foi muito prolífero, deixando crescida descendência legítima e natural.

Os que desejarem conhecer sua genealogia poderão recorrer ao trabalho do desembargador João Dantas Martins dos Reis, “Descendência de João Martins Fontes”, saído em o n. 22 da Revista dêste Instituto e ao Anexo XIV do livro Tobias Barreto, o Desconhecido, do Prof. Sebrão Sobrinho. De sua ação na política de sua província sofren duras contundências dos que lhe eram adversos, mas isto é uma fatalidade comum a quantos se deixam atrair pelas seduções da política partidária.

E. D.

(*) Apenas nas 1.ª, 3.ª, 4.ª, e 7.ª legislaturas. Nota da Redação desta Revista.

(**) Este presidente era um temperamental e foi assassinado espetacularmente na Paraíba, quando a presidia. Vale dizer, como um prelo à verdade, que êle foi um esforçado para que a instrução pública tivesse eficiência. Nota da Redação desta Revista. Em Sergipe deram-lhe o apelido de Ribeiró e na Paraíba o de Parudo.

Filinto Elísio do Nascimento

A 11 de setembro de 1960 transcorreu o centenário de nascimento deste poeta sergipano.

Nasceu no sítio Buíra, município de S. Cristóvão, a 11 de setembro de 1860 e faleceu em Maceió, Alagoas, a 25 de junho de 1917, antes de completar os seus 57 anos de idade.

Honramos a sua memória transcrevendo neste volume especial de nossa Revista o artigo a seu respeito deslocado das EFEMÉRIDES SERGIPANAS, trabalho não tirado ainda em livro.

EFEMÉRIDES SERGIPANAS

EPIFÂNIO DÓRIA

Junho — 25

1917. Falece em Maceió, na praça Montepio, às 19 horas, o coronel Filinto Elísio do Nascimento, inspetor da Alfândega daquela cidade, comissão de que se afastara pouco antes por força do grave estado de saúde em que se achava.

Nascera no sítio Buíra, município de S. Cristóvão, a 11 de setembro de 1860, sendo seus pais o tenente-coronel José Carlos do Nascimento e D. Maria dos Prazeres Nascimento.

Bem moço ainda, apesar de ter uma saúde periclitante, revelou-se um grande estudioso. Aos 10 anos de idade era aprovado com distinção no curso primário, nesta Capital. Começou então a cursar, em aulas avulsas, do professor Tito Augusto Souto de Andrade, matemáticas e língua francesa, até a fundação do

Ateneu Sergipense, em fevereiro de 1871, do qual foi depois um dos alunos mais distintos, pelo talento e aplicação demonstrados.

O velho professor Tito Augusto Souto de Andrade, um dos nossos mais conceituados educadores nessa época, o tinha como o primeiro dos seus alunos, pelas suas manifestações de inteligência e pela sua grande agilidade no assimilar as lições ministradas, juntando a essas qualidades uma rara agudez intelectual.

No Ateneu Sergipense coube-lhe ser condiscípulo de João Ribeiro, Felisbello Freire, Manuel dos Passos de Oliveira Teles, José Freire da Costa Pinto, Jason Valadão, Fabrício Vampré, Jovinianno Romero, Felício Tota, João de Avila Franca, Juvêncio Montes, Alfredo Guaraná e outros seus conterrâneos de inteligência promissôra. Era então apontado por todos como um dos mais talentosos estudantes do Ateneu.

Os seus exames de aritmética, francês, história universal, gramática portuguesa e Geografia causaram sucesso.

Era seu sonho a carreira de engenharia civil.

Passando-se para o Rio de Janeiro frequentou o "Externato Jasper" e foi ouvinte da Escola Politécnica, em 1880, quando, informado do grave estado de saúde de seu pai, voltou pressuroso à província natal, a fim de dar ao doente a sua desvelada assistência. Verificada a morte do chefe da família, sem deixar recursos suficientes para a continuação dos estudos do filho dedicado, o jovem estudante, sem meios para prosseguir os estudos, ficou em Aracaju a lecionar no "Colégio Sergipano" francês, português e história universal.

Visando a auferir vantagens que lhe assegurassem um futuro mais promissor, entrou para o funcionalismo público da província, como praticante da então Secretaria do Governo, de onde foi transferido, por ato de 21 de abril de 1883, para igual função do Tesouro Provincial, lugar de que foi exonerado, a pedido, em 17 de outubro de 1885. Nesse ano exerceu o cargo de secretário da Instrução Pública e foi encarregado de organizar os Anais da Assembléa Provincial, que foram publicados em volume.

Em 1890 foi nomeado promotor público da comarca de Japaratuba. Entrando para o quadro dos funcionários da fazenda nacional em 1892, com a nomeação de 2.º escriturário da Alfândega de Aracaju, de onde foi depois removido para igual função na

Alfândega de Maceió, onde serviu até 1898, ano em que foi promovido a 1.º escriturário e conferente da Alfândega de São Luiz, no Maranhão, sendo depois nomeado inspetor da Alfândega da Paraíba, hoje João Pessoa.

Foi delegado fiscal do Tesouro Nacional em Alagoas, de 1904 a 1908 e inspetor da Alfândega do Rio Grande do Sul, de 1908 a 1910; delegado fiscal do Tesouro Nacional na Bahia, em 1910 e 1911 e de São Paulo em 1912.

Do lugar de conferente passou para o de chefe de secção da Alfândega de Santos, em S. Paulo, em fevereiro de 1913, lugar em que ainda se mantinha, mas exercendo, em comissão, a inspeção da Alfândega de Maceió, quando faleceu.

Serviu como inspetor das Alfândegas do Recife, em 1914, e de Manaus, em 1915 e 1916. Tinha sido, por último, em 6 de junho de 1916, em comissão, de que foi dispensado, a pedido, por se achar gravemente enfêrmo.

Jornalista ardoroso, a sua pena esteve sempre a serviço das campanhas mais brilhantes de sua época, desde a da propaganda republicana à libertação dos escravos. Na campanha abolicionista sua pena adestrada e a sua lira vibrante atingiram a mais elevada fulguração. O seu nome figura com relêvo no Parnaso Sergipano do Dr. Silvio Romero e no Dicionário do Desembargador Armino Guarani.

Foi deputado provincial em duas legislaturas, desempenhando com brilho o mandato que lhe fôra confiado. Foi casado duas vezes: a primeira com D. Argemira de Viterbo Maia, em 28 de novembro de 1884, e a segunda, D. Celeste Carrascosa Nascimento

Dr. Gonçalo Rollemberg

O Instituto Histórico e Geográfico celebrou no dia 13 de setembro de 1960, com uma sessão solene e pública, a passagem do centenário de nascimento do Dr. Gonçalo de Faro Rollemberg.

Rendem assim justo preito às virtudes do homem austero que soube atravessar o paul das lutas partidárias sem manchar sua túnica de cidadão à altura de uma república digna de Platão. Não raro vemos a política diluir reputação firmadas, mas ela não fez amoldar-se às injunções partidárias o arnés da integridade moral do Dr. Gonçalo.

Nasceu no antigo engenho Maria Teles, município de Maruim, a 13 de setembro de 1860 e faleceu em Aracaju, à rua do Boquim, a 14 de setembro de 1927, pouco depois de ter completado os seus 67 anos de idade. Foi sepultado no cemitério de Japarutuba, para onde o seu corpo foi conduzido em trem especial da Estrada de Ferro Leste Brasileiro.

Foram seus pais Manuel Rollemberg de Menezes e D. Maria de Faro Rollemberg, — D. Maria do Topo, como era chamada na intimidade. Topo era o nome tradicional do engenho de propriedade da família.

D. Maria do Topo, dadas as devidas proporções, tinha algo da força moral e do poder de determinação a rainha Vitória da Inglaterra.

Nas uniões de membros de sua ilustre família, por casamento, a sua opinião era sempre ouvida e nunca desprezada. Podemos aqui, sem preocupações mesureiras, o que colhemos na tradição oral. O Dr. Gonçalo estudou preparatórios no Ateneu Sergipense e em colégios da Bahia. Devidamente habilitado matriculou-se, em 1876, na Faculdade de Medicina da Bahia, onde fez os três primeiros anos do curso.

Em 1879 transferiu sua matrícula para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde completou o currículo escolar e recebeu, em 1881, o grau de doutor em ciências médico-cirúrgicas.

Conseguida a láurea acadêmica voltou   província natal, fixando residência em Japarutuba, onde exerceu as fun es de delegado de higiene e clinicou por algum tempo.

Seguindo a tradi o de sua ilustre família consagrou-se   indústria agrícola, explorando a cultura da cana e a fabrica o de açucar na sua importante usina T po, então uma das melhores de Sergipe. No regime monárquico militou no Partido Liberal da província, do qual era uma das figuras mais prestigiosas. Foi eleito deputado   Assembléia da província para a legislatura bienal de 1884-1885.

Com o advento da República filiou-se ao Partido Republicano Federal do Estado de Sergipe a cuja frente se achava a figura prestigiosa do então coronel Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão.

Foi eleito Vice-presidente do Estado em 30 de julho de 1894, para o biênio de 1894-1896. O gov rno do Estado, nos têrmos da Constitui o de 18 de maio de 1892, era exercido pelo período de dois anos. Como vice-presidente teve de assumir o gov rno do Estado a 11 de dezembro de 1894, n le permanecendo até 16 de fevereiro de 1895, na ausência do presidente efetivo coronel Oliveira Valadão. Em 1913 f z uma excursão pela Europa, visitando os centros cultos do velho continente.

Voltando a exercer atividade política no Estado o seu velho amigo general Oliveira Valadão voltou com  le   tona da política, sendo eleito em 1.  de março de 1918 senador federal por nove anos, na vaga aberta com o término do mandato do desembargador Guilherme de Souza Campos que fôra eleito em 1909.

O seu mandato de senador terminou em 31 de dezembro de 1926, sendo substituido pelo Dr. Gilberto Amado, cujo mandato foi interrompido com a dissolu o do Congresso (Senado e Câmara dos Deputados) pela revolu o de 1930.

Homem de atitudes decididas, filiou-se   União Republicana, chefiada pelo Dr. Nilo Peçanha, organizada para combater a candidatura Artur Bernardes   presidência da República em 1922.

O Dr. Gonçalo de Faro Rollemberg era neto do Barão de Japarutuba, que era uma figura respeitável e prestigiosa no regime dinástico.



DR. GONÇALO DE FARO ROLLEMBERG

* 13-9-1860 - † 14-9-1927

Contraiu núpcias com D. Aurélio Dias Rollemberg filha dos Barões da Estância. Dêste consórcio teve dez filhos: coronel José de Faro Rollemberg, seu primogênito; D. Lourença Rollemberg Leite, casada com o seu primo Dr. Sílvio Cesar Leite, falecida; D. Maria Rollemberg da Cruz, casada com o Dr. Manuel Rollemberg Rodrigues da Cruz, atualmente viúva; Dr. Antônio Dias Rollemberg, falecido; D. Aurélio Rollemberg Dantas, que foi casada com o desembargador João Dantas Martins dos Reis, atual Secretário da Justiça e Interior, ela já falecida; D. Amélia Rollemberg Leite, espôsa que foi em segundas núpcias do seu primo Dr. Sílvio Cesar Leite, ambos já falecidos; Dr. Manuel Dias Rollemberg, falecido; D. Clarice Rollemberg da Fonseca, viúva do alto comerciante João Quintiliano da Fonseca; Dr. Luiz Dias Rollemberg e D. Anita Dias Rollemberg, que faleceu solteira.

O Dr. Gonçalo Rollemberg não alimentava veleidades de escritor. Não cuidou de literatura. Todavia, escreveu :

— **Da itêrcia**: dissertação. Proposições. Secção de ciências acessórias. Das colchicacias e seus produtos farmacêuticos. Secção de ciências cirúrgicas. Anestésicos. Secção de ciências médicas — Hepatite aguda. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1881 e sustentada em 15 de dezembro do mesmo ano por... Rio de Janeiro, 1881, 78 pags., in. 8.º Tip. e lito. a vapor, encadernação e livraria de Lombaerts D. & C.

— **O boletim do Sr. João Gonçalves**: comunicado. Na "A Reforma", Aracaju, de 16 de janeiro de 1887.

— **O boletim do Sr. João Gonçalves e a "Gazeta de Aracaju"**. No mesmo jornal de 23 do mesmo mês.

— **Negócios de Japarutuba**: comunicado do referido jornal de 27 de março, 2 de abril e 1.º de maio do mesmo ano.

— **Mensagem dirigida ao Exmo. Sr. Presidente dêste Estado**, coronel Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão, pelo vice-presidente do mesmo Estado, em 16 de fevereiro de 1895. No "O Dia", Aracaju, de 21 e 22 do mesmo mês. Saiu também na "Gazeta de Aracaju" de 22 de fevereiro.

— **Discurso pronunciado na sessão do Senado Federal** de 19 de maio de 1921. No Diário Oficial do Estado, de 5 de junho de 1921.

E. D.

Um Perfil de Gonçalo de Faro Rollemberg *

LUIZ CARLOS ROLLEMBERG DANTAS

Escolheram-me, um dos mais jovens dos netos do Senador Rollemberg, para, em nome de sua família, agradecer ao Instituto Histórico de Sergipe, a homenagem que hoje lhe presta, na data do seu centenário de nascimento. Na impossibilidade de outros mais indicados o fazerem, senti a obrigação indeclinável de aceitar o encargo e a distinção, pelo imperativo da afeição e do parentesco que me liga ao homenageado. O poeta Freire Ribeiro acaba de nos dar uma informação histórica abundante sobre a sua vida pública, revivendo-a com o ardor romântico de palavras candentes. Ao seu trabalho de pesquisa e de inspiração, nada mais teria de acrescentar, que uma impressão pessoal, colhida após sua morte, na convivência da sua família. Na data do seu falecimento, em 1927, estava eu, ainda, na infância, e vaguíssimas recordações pessoais me restam de Gonçalo de Faro Rollemberg. O seu próprio perfil fisionômico eu o conservo, talvez, mais por influência de retratos vistos posteriormente do que por impressão direta. Da convivência com sua esposa e filhos, emerge para mim, porém, um perfil psicológico definido, de um homem bom, culto, impecável na sua vida pública, perfeito varão da Velha República, representante autêntico e completo da sociedade tradicional brasileira, que, no Nordeste, teve formação eminentemente rural, com base econômica nos engenhos de açúcar. Esta sociedade, cuja doutrina política era a liberal democracia, dominou, no Brasil, de maneira incontestada e sem concorrência, da Independência até o fim da Velha República, em 1930, quando passou a perder substância e a se transmudar, face à mobilidade vertical, cada vez mais acen-

(*) Discurso de agradecimento em nome dos descendentes de Gonçalo de Faro Rollemberg, proferido no Instituto Histórico, em 13-9-1960, na comemoração do seu centenário de nascimento.

tuada, das classes sociais, fenômeno de caráter universal e resultante obrigatório do regime econômico capitalista. Gonçalo de Faro Rollemberg, no decurso de sua vida, de 1860 a 1927, atravessou uma fase relativamente serena da história brasileira, quando as agitações atingiam, apenas, a periferia política e, nunca ou raramente, a infra-estrutura econômica e social.

Nascera em 1860, num dos engenhos da família, no município de Maroim. A estabilidade social da época permitia que a família brasileira se ligasse, de uma maneira permanente e duradoura, à sua propriedade territorial. As propriedades tradicionais da família Rollemberg, em Sergipe, no século XIX, foram os engenhos São Joaquim, Pedras e Vitória, no vale do Cotinguiba; o engenho Tópo, no vale do Japarutuba. Os Rollembergs tinham raízes que os radicavam em terras de Sergipe, desde os fins do século XVI.

Em 1597, aportava a Bahia, vindo dos Açores, Maurício Vieira Dantas, português natural daquelas ilhas, casado com D. Ana do Prado Rollemberg, senhora de origem prussiana, mas, portuguesa de nascimento. Maurício, que vinha recomendado ao Ouvidor-Geral, trazia numerosa comitiva, inclusive descendentes e colaterais. Ele e seu filho Taciano Vieira Rollemberg do Prado e outros irmãos, iniciaram a penetração pelo interior. No itinerário geográfico, da Bahia para o interior, estes Rollembergs teriam se localizado na região do rio Real e do Itapicuru, na Fazenda Bulhões, depois Arraial e, hoje, cidade de Barracão; atingiram, sucessivamente, Campos e São Cristóvão, isto já no século XVII. Membros da família fundaram a vila de Capela, ao norte de São Cristóvão, onde prosperaram muito, até o ano de 1750. (*)

(*) Os dados sobre a vinda e o estabelecimento no Brasil de Maurício Vieira Dantas e seus descendentes foram colhidos em Hermenegildo Leão, conferência proferida no Centro Sergipano do Rio de Janeiro. O autor cita "remoto documento que por acaso lhe chegou às mãos" sem dar maiores indicações. Suas informações, que são bem mais abundantes que as acima referidas, parecem convincentes em confronto com outros dados. Não vejo razão para se insistir na lenda da ascendência holandesa que se não apóia em fato algum e algumas razões contra-indicam. Aliás, percorri, detidamente, Hermann Wätjen, *Domínio Colonial Holandês no Brasil* e P.M. Netscher, *Os Holandeses no Brasil*, e não encontrei menção a nenhum Rollemberg no Brasil Holandês.

O nome de família teria se conservado por linha feminina, o que, aliás, ocorria, com frequência, na época, quando não existiam normas legais para a composição do nome civil.

Pura fantasia a lenda da ascendência holandesa. Quando das invasões holandesas, os Rollembergs já estavam estabelecidos, de maneira permanente, no Brasil, mas, em terras sob contróle português.

A descendência dêste tronco inicial, através dois séculos, deve ter sido imensa. Embora não seja possível, atualmente, nem tenha sido tentado uma demonstração genealógica perfeita, os Rollembergs que vamos encontrar, no século XIX, no vale do Cotinguiba e do Japarutuba, são, sem dúvida, descendentes daquela longínqua senhora de origem prussiana.

Deter-me-ei, apenas, no ramo da família que, na primeira metade do século passado, radicou-se no engenho Tôpo no vale do Japarutuba. O avô do Senador Rollemberg, o barão de Japarutuba, já lá residiu, pelo menos durante certa fase de sua vida. Os seus pais, Manoel Rollemberg de Menezes e Maria de Faro Rollemberg, é que lá se estabeleceram de maneira definitiva. Órfão de pai, ainda jovem, assistiu sua mãe redobrar de trabalhos e cuidados para criar e educar seus quatros filhos e um número igual de sobrinhos, que lhe chegaram em casa, depois do falecimento de uma irmã. A firmeza de espírito, uma solidariedade familiar a tôda prova, o caráter severo, porém, justo e bom, fizeram de D. Maria do Tôpo um modelo de mãe de família. Contava a viúva do Senador Rollemberg, minha avó materna, que, depois de casada, sua primeira contrariedade fôra em consequência da severidade de princípios de sua sogra D. Maria do Tôpo. Havia nascido seu primeiro filho e necessitava-se u'a ama de leite. Embora entre suas empregadas escravas, vindas do Escurial, houvesse uma que se prestava, excelentemente, ao mister, D. Maria não consentiu, absolutamente, por não ser a preta casada no religioso. Houve de se procurar uma estranha, pois, no Tôpo, só se admitia ama de leite que fôsse casada no religioso.

Gonçalo de Faro Rollemberg formou-se em medicina, aos 21 anos, tendo realizado o seu curso, os três primeiros anos na Bahia e os dois restantes, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, doutorando-se em 1881. A "Gazeta de Sergipe", de 1894, época em

que era redator Gumerindo Bessa, fêz a seguinte referência, num editorial: "O Dr. Gonçalo Rollemberg é um moço cuja modéstia o torna, por demais, retraído. No curso de medicina, na Bahia e Rio de Janeiro, fizera verdadeiros triunfos. Desde os seus primeiros anos de curso, êle obtivera os mais subidos graus".

Sua tese de doutorado foi uma dissertação: "Da ictericia". Trata-se de uma brochura de oitenta páginas, em formato "in-oitavo". Redação muito boa, linguagem clara e precisa, que tornam a sua leitura acessível, mesmo a um leigo. Nota-se influência predominante, ou mesmo exclusiva, de autores médicos franceses. Do seu valor científico, falece-se qualquer autoridade para opinar.

O exercício da medicina, porém, foi uma atividade eventual, na vida de Gonçalo de Faro Rollemberg, com caráter sobretudo de assistência social, de medicina gratuita. Suas atividades econômicas, de agricultor e senhor de engenho, e suas atividades políticas, é que roubaram-lhe a maior parte do tempo.

Contudo, era um médico em dia com o ofício. Examinei bem sua biblioteca, pois, a conheci em casa de minha avó. Os livros ocupavam duas estantes altas, de vinhático, de dois corpos cada uma, moveis típicos do Segundo Império. Numa delas, estavam os livros de medicina; na outra, os livros de literatura.

Sua biblioteca médica era, exclusivamente, de autores franceses. Poderia citar títulos de memória. Eram cerca de cento e cinquenta grossos volumes e permaneceu intacta até bem pouco tempo, quando, por meu intermédio, foi doada à Biblioteca Pública do Estado.

Na outra estante, estavam os livros de literatura. Êstes não os conheci tão completamente, porque, por suscitarem mais interesse, eram, aos poucos, levados pelos seus descendentes. Porém, ainda tive em mãos os volumes das "Décadas", de Tito Lívio e da "História Romana", de Eutrópio, texto latino e tradução francesa, na mesma página; os dez volumes da "História da Revolução Francesa", de Michelet; a tradução francesa da "História Universal", de Cesar Cantú; alguns romances de Sienkiewicz, Alexandre Dumas, Pai, e Balzac; e uma centena de volumes da "Revista dos Dois Mundos", encadenados, da qual foi assinante, em épocas espaçadas, durante mais de vinte anos. Todo um ensaio poderia, ainda, ser escrito sobre a influência da "Revista dos Dois

Mundos" na formação cultural da burguesia brasileira, da segunda metade do século passado até a Primeira Grande Guerra. A Revista, dirigida longos anos por Buloz, reunia, quando não o melhor, seguramente o mais consagrado da literatura e do pensamento francês da época. Grandes obras históricas, poesias, ensaios sobre assuntos os mais variados, foram publicados nos seus números quinzenais, de duzentas e quarenta (240) páginas compactas. Romances de autores consagrados, na época, eram lançados em capítulos, pela "Revista", como sucedeu com algumas novelas de George Sand e "Tais", de Anatole France, por exemplo. Ainda depois da Primeira Grande Guerra, o Senador foi seu assinante, dois ou três anos. Era homem de boa formação humanística.

Gonçalo de Faro Rollemberg casou-se em 1884, com D. Aurélia Dias, filha do Barão de Estância, de família altamente tradicional, do sul do Estado. Casamento muito bem lançado, recebido com grande satisfação e harmonia por ambas as famílias, resultou numa união extremamente feliz. Com o advento da República, o velho Barão de Estância, até então chefe do Partido Liberal, por quase trinta (30) anos, afastou-se, passando o genro a representar sua força política, nos primeiros anos do novo regime republicano.

Não vos repetirei fases da sua vida pública, que já foram ressaltadas pelo poeta Freire Ribeiro.

Deputado provincial, no Império, Deputado estadual, na República, Presidente da Assembléia, exerceu, por alguns meses a Presidência do Estado, ao tempo de primeiro governo Oliveira Viadão, a quem se ligou, daí por diante, politicamente, de maneira definitiva. Por último, Senador Federal por nove (9) anos, de 1918 a 1926. Dedicou mais de quarenta (40) anos de sua vida à política.

Com sua formação moldada na democracia liberal, fêz política com exemplar correção, honestidade e seriedade. Como Senador revelou mesmo uma singular independência. Destacou-se pelas suas atitudes e o seu trabalho. Como muitos dos políticos da época, não era orador. No Senado, ocupou a tribuna do plenário, apenas uma vez, por insistência do seu colega e amigo Irineu Machado, para defender o parecer que proferira na Comissão de Poderes do Senado, sobre o caso da eleição Felix Pacheco, no Piauí. Na

Velha República encontravam-se inúmeros políticos, inclusive líderes nacionais como Pinheiro Machado, refratários à oratória; o que constituía, alias, um hábito salutar. A oratória demagógica era, então, privilégio do bacharelismo triunfante; o vício ainda não se havia disseminado, de maneira epidêmica, como sucedeu depois da redemocratização de 1946.

Estas as impressões pessoais que posso dar como subsídio sobre a figura de Gonçalo de Faro Rollemberg.

Aquí, deixo, portanto, os agradecimentos da família do Senador ao Instituto Histórico, ao poeta Freire Ribeiro e ao Desembargador Carlos Sobral, dedicado organizador destas manifestações.

A homenagem que lhe tributa o Instituto Histórico de Sergipe, como demonstração de afeto à sua memória, é, sem dúvida, comovente, para seus filhos e descendentes. Por meu intermédio, querem todos êles agradecer a êste sodalicio a satisfação de nos ter proporcionado esta noite de recordação e de respeito à memória de Gonçalo de Faro Rollemberg.

Aracaju, setembro de 1960.

**Senador Gonçalo de Faro
Rollemberg ***

J. FREIRE RIBEIRO

Mais uma vez aqui me tendes em nome do "Instituto Histórico e Geográfico", para, do fundo do tempo e dos longes da eternidade, chamar à nossa presença os que, nos trânsitos da vida, engrandeceram Sergipe no seio do Brasil!...

Assim como Jesus chamou à vida Lázaro, — Lázaro que dormia no sono da morte, — levantando-o no seio da vida da qual fugira mergulhando no mar da noite, a saudade traz aos nossos olhos, nas ressurreições da Justiça, a figura de um grande sergipano. E, meus senhores, nada mais amável para o meu espírito do que essas evocações, êsses reencontros entre vivos e mortos, em nome da História. Mas, senhores, o que é a História? ,

Responde-nos Miguel de Cervantes, que, profundo conhecedor da alma e do coração humano, num livro célebre, — "Dom Quixote de La Mancha", desmoralizou o cavaleiro andante que, muitas vêzes na bravura mais louca, morria, pronunciando o nome de uma dama que nem sequer conhecia e, por ela, tanto sofrera nas angustias do amor: "A História, êmula do tempo, depósito das ações, testemunho do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro". — E o dever dos vivos?... Qual o mais nobre? Tomo aos lábios esta frase magnífica de Elizeé Reclus: "O mais nobre dever dos vivos é embalsamar no tempo, a memória dos mortos." Assim, em nome dessa religião da saudade e do amor, aqui estou, na pálida ressurreição destas páginas, trazendo para vossa presença, dos longes do passado, a figura ilustre do Senador Gonçalo de Faro Rollemberg cujo nome Sergipe pronuncia, mais do que nunca, nesta festa centenária do seu nascimento, com profundo e venerável respeito.

(*) Palavras proferidas pelo Acadêmico J. Freire Ribeiro na sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na passagem do Primeiro Centenário do Nascimento do Senador Gonçalo de Faro Rollemberg.

* * *

Estamos, meus senhores e excelentíssimas senhoras, na Província de Sergipe del Rey, na presidência do Dr. Tomaz Alves Junior que succedeu, no alto cargo administrativo ao Excelentíssimo Senhor Doutor Manoel da Cunha Galvão, moço da Casa Imperial, Cavaleiro da Ordem da Rosa, que de nós se ausentou, com a excellentíssima família, no dia 25 de Agôsto a bordo do navio "Gonçalves Martins". O Dr. Manoel Eneas Galvão que recepcionou, neste Estado, então Província, os nossos Imperadores, deixou profunda saudade no seio da sociedade sergipana. O cronista social do "Correio Sergipense" assim dá público aos adeuses de Manoel Galvão à doce terra sergipana: "Sua excelência o sr. Dr. Manoel Tomaz, seu secretário, chefe de Policia, inspetores e fiscais de ambas tesourarias, Comandante da Policia, Assistente do Ajudante General, Capitão do Pôrto, Juizes de Direito da Capital e Comarca de Maroim e Propriá, juizes municipais e promotores de diversos têrmos e comarcas da Província, Vice-Cônsules de Portugal, França e Uruguai, Comandante da Guarda Nacional do Serviço ativo e reserva, respectivos officiais e vários cidadãos, acompanharam ao Exmo. Sr. Doutor Manoel Eneas Galvão até o pôrto de embarque. Içaram-se, sob intensos aplausos as bandeiras Imperiais, deram-se vivas a Sua Magestade o Imperador e a banda da policia que se achava a bordo do navio "Aracaju" tocou o Hino nacional. O sr. Dr. Manoel da Cunha Galvão, do tombadilho onde se achava com sua idolatrada espôsa deram aos sergipanos expressivas manifestações do mais cordial e sincero agradecimento."

* * *

Percorro fôlha por fôlha, o "Correio Sergipense", de 13 de Setembro de 1860, jornal que se marfiniza e empalidece no tempo.

Dessa leitura, posso afirmar que o acontecimento mais notável nesse dia tão longe, para o futuro, foi, sem nenhuma dúvida, o nascimento, no "Engenho Maria Teles", no Município de Maruim, do Senador Gonçalo de Faro Rollemberg, filho do vene-

rando casal Manoel Rollemberg de Menezes e Maria de Faro Rollemberg.

* * *

O cenário, a paisagem dêsse velho engenho; — o luar, na noite mística fluidificando os campos; os crepúsculos, ensanguentados; o painel do horizonte; a voz das águas corredeiras, a vida do Engenho muito concorreram para a sensibilidade do jovem Gonçalo, que, emoldurando o espírito na beleza cristã dêsses tempos antigos, gostava de ouvir, nas reuniões da família, pelas horas da tarde as orações vésperas pronunciadas por Dona Maria do Tôpo, sua mãe estremecida, que, com a morte do marido, “até o fim da vida manteria ascendência sôbre a família superintendendo os negócios e, muitas vêzes, decidindo até nos casamentos.

Tive o prazer de estudar a atuação dessa venerável matrona na sociedade do seu tempo, focalizando-a nos poemas em que descanto os velhos engenhos, as igrejas adormecidas e saudosas das grandes festas, e vultos que enobreceram o Estado pelas suas vidas e exemplos edificantes. Permitti, meus senhores e senhoras, que declame um pequenino poema em que ela aparece, — “Canto em louvor de Quatro Senhoras de Engenho de Sergipe del Rey:

Na memória dos engenhos,
da casa-grande e senzalas,
quatro nomes são ouvidos,
quatro vultos são lembrados,
quatro nomes que se encontram
no livro eterno do além :
D. Adelia, do Pinheiro;
dona Maria do Tôpo,
a dona Iaia, das Caldas,
Donaninha, do Belém!...

Quatro nomes veneráveis
dêsses engenhos na História!
Quatro nomes fulgurando
na virtude e na bondade
que as almas nobres contêm !

Seus corações repartiam
aos desvalidos da sorte!
Faziam menor o pranto
dos que encontram sossêgo
das aflições dêste mundo,
no sono imenso e profundo
que vem da noite da morte!...

Grandes senhoras de engenho
do meu Sergipe del Rey!
Nobres vultos que se foram
para os mundos luminosos,
para os mistérios do Além:
das terras de Laranjeiras,
da velha Japarutuba,
do Rosário do Catete,
das terras de Itaporanga,
— Dona Adelia, do Pinheiro,
Dona Maria do Tôpo,
Dona Iaia, das Caldas,
Donaninha, do Belém!...

Depois de cursar o Ateneu Sergipense, de fazer os preparatórios, ingressa o jovem Gonçalo de Faro Rollemberg, na tradicional Faculdade de Medicina, da cidade do Salvador. Queria ser médico, um médico conhecedor da ciência de Hipocrates. Muitas e muitas vêzes fugia às brincadeiras dos colegas", para estudar, dentro das noites da Bahia, em noites que o mar embala com o mistério das suas canções. Depois de três anos, transfere-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Na Capital da República, começa a apreciar o cenário político. Apaixona-se pelos liberais, pois liberal em Sergipe era o seu tio José de Faro, nome que ainda hoje se pronuncia com respeito e saudade, — José de Faro que morreu nas primeiras luzes do sol republicano, sol que também assistia a agonia doirada e grandiosa do Império.

Doutora-se, depois de um curso brilhante, em 1881. A tese — da Icterícia que apresentou à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em setembro e sustentou em dezembro do mesmo ano,

demonstrou profunda erudição o que foi reconhecido pelos vultos mais competentes da matéria.

Laureado, retorna a Sergipe, trazendo a alma transbordante de sonhos e planos de trabalho.

Em 1884, casa-se com Dona Aurelia Dias, filha dos Barões de Estância. Um historiador, assim se refere a êsse grande episódio sentimental da vida do grande sergipano:

“O barão cobrara grande estima ao moço médico. Aquêlê jovem de caráter tão reto e sensibilidade tão fina era mesmo o marido que podia sonhar para sua filha, um titular do Império. Por outro lado, Dona Maria do Tôpo, ficara encantada com aquêlê nora elegante, espirituosa e gentil.”

Dona Sinhá, era assim chamada na intimidade, era assim conhecida por todo Sergipe que a venerava. Tive o prazer de vê-la certa feita: parecia aos meus olhos, na venerabilidade da sua velhice, um raio de luar num fundo de porcelana.

Em Japarutuba, exerce o Dr. Gonçalo de Faro Rollemberg, por algum tempo a sua profissão: é o médico que põe a ciência e o coração no combate às desgraças que cercam a matéria contingente. É também o amigo dos pobres nas horas aflitas.

Antônio Dias Coelho e Melo, Barão da Estância, político militante nas hostes liberais, chefe do Partido desde 1863, que chegara a Senador do Império, elege Gonçalo de Faro Rollemberg deputado provincial, pelo quarto distrito.

15 de Novembro de 1889...

Nas últimas sombras da noite, escoltado, como se fôra um criminoso, ou no seu dizer, um negro fugido, um vulto toma uma lancha no cais do Pharoux, no Rio de Janeiro.

O “Alagoas”, de fogos acesos, fumeja sôbre as águas da guanabara...

Aquêlê vulto é Pedro II que vai para o exílio...

É Pedro, o santo; é Pedro, o sábio, é Pedro, o imperador democrata. Esquecido de tudo e tudo perdoando, êle manda ao Brasil antes de morrer, esta mensagem de amor e de beleza :

“Espavorida agita-se a criança
de noturnos fantasmas, com receio.
Mas, se abrigo lhe dá materno seio,
fecha os doridos olhos e descansa.

Perdida é para mim tóda esperança
de voltar ao Brasil ! De lá me veio
um pugilo de terra e neste creio
brando ser meu sono sem tardança !

Qual infante a dormir em peito amigo
doces sombras varrendo da memória,
ó, doce pátria, sonharei contigo.

Dentre visões, de paz, de luz, de glória
serenei, aguardarei no meu jazigo,
a justiça de Deus, na voz da História !”

Dormem o Imperador e Imperatriz, num túmulo magnífico, na Catedral de Petrópolis. Em cima o precioso túmulo, — êle e a Imperatriz, dormindo em mármore — Êle com o seu fardão de Almirante, tendo na face, a paz dos justos; Ela, sorridente e angélica... De há muito que mereceram a Justiça de Deus nas bênçãos do povo e da História.

O coronel Manoel Preciliano de Oliveira Valadão, um dos braços de Floriano, homem bravo e ilustre, — General que uma que se não descuidava das cousas do espírito, poeta e um dos vultos mais elegantes do Rio de Janeiro, secretário de Floriano no Ministério da Guerra e na Presidência, é em 1894, eleito Presidente de Sergipe. Juntamente com Oliveira Valadão, Gonçalo Rollemberg é eleito para vice-Presidente de Sergipe.

Estava radiante o Barão da Estância e os republicanos históricos mais esclarecidos “sentiam necessidade da colaboração dos homens que vinham do Império.”

Assumindo o govérno do Estado, na ausência de Valadão que viajara ao Rio, assim termina a sua mensagem :

“Está na consciência geral que o futuro dos povos tem os seus órgãos de prosperidade na instrução de tôdas as classes sociais, na verdade do trabalho que lhes impõem as condições geográficas de que dependam, e na eficácia das medidas de segurança pública. Se quiserdes deixar um traço luminoso do vosso Govêrno na memória popular, tereis de conseguir do Corpo Legislativo garantias sólidas para introdução de emigrantes no Estado, uma lei de locação de serviços, escrita para produzir bons efeitos e não sômente para se ler, ensino profissional propecto que aproveite a tôdas as atividades laboriosas, assim como uma reforma radical que nos dê um tipo mais perfeito de juizes.”

Em 1913, procura numa viagem de recreio e estudo, as paragens do Velho Mundo.

Visita na sempre encantadora Paris, o Louvre, a Notre Dame, e nos Invalidos, vê, no sono dos séculos, no seu túmulo de mármore róseo, Napoleão Primeiro... Visita ilustres médicos, enche o coração do velho amor da Medicina que jamais se ausentou da presença do seu espirito.

Encontra-se nessa viagem encantadora com Manoelito seu filho, — Manoel Dias Rollemberg, também uma tradição de caráter, da nossa politica, que estudava na terra do Dr. Alberto...

Em 1918, é Senador.

Senador que, muitas vêzes, se levanta sôzinho entre seus pares contra os desatinos do Govêrno Bernardes que trouxeram tantas revoluções e tanta intranquilidade ao País. E assim, é que o seu espirito amante da verdade e da justiça, apoia a candidatura de Nilo Peçanha, uma das grandes figuras da República, um nome que vivia diuturnamente nas esperanças do povo num Brasil melhor, mais justo e mais próspero... Ingressa d'alma e corpo na reação republicana, assim definida por Nilo Peçanha: “Esta reação é senhores, a reação do comércio, da lavoura, das indústrias, do povo. É ela mais profunda do que parece. Não é uma guerra de estados para estados. É, ao contrário uma luta de idéia da consciência livre do povo contra o subôrno do Govêrno. E ela não vai fazer um Presidente. Caminha para fazer a República entregan-

do-a novamente nos seus destinos históricos. Vai resgatar cêrca de vinte anos de hipocrisia e mentiras, durante os quais há culpados e vítimas.

A vitória é certa e o governo será arrancado das mãos de alguns para as mãos de todos. A reação, senhores, é a República”.

Sergipe idealista, Sergipe republicano, Sergipe Democracia, vibrou ao lado do Senador Gonçalo. A alma popular, nesse instante histórico, fremia como nos dias de Fausto... Ao raiar do dia 27 de Outubro de 1921, o palacete dos Rollembergs despertara numa encantadora alegria cívica. Foguetes no ar, música, Aracaju nas ruas, na alma do seu povo, na vibração dos seus filhos, na esperança dos seus varões. Nilo Peçanha, chegava a Sergipe, a bordo do Iris... Abraça-se com o Senador Gonçalo, acena para o povo que se converte num delírio profundo e num profundo aplauso ao Grande Chefe da Reação Republicana... Na ponte do Imperador, a senhorita Anete Andrade dirige uma saudação ao grande brasileiro que assim termina :

“Receba Dr. Nilo Peçanha, por meu intermédio, a afirmação de que a alma sergipana vibra com sua excia. e com os demais pioneiros da libertação política do País... E a madame Nilo Peçanha, orgulho da mulher brasileira, estas flôres que bem sintetizam o carinho com que a família sergipana acolhe em seu seio a nobre companheira do excelso candidato nacional.”

Virginio de Santana, grande jornalista e grande orador, todo cheio do fogo sagrado da mocidade, quando o cortejo se dirige ao Palacete Rollemberg, de um automóvel, fala em nome da Reação.

O orador demonstrou que em derredor de Nilo giravam os maiores nomes de Sergipe. O senador Gonçalo, emocionado, mais uma vez abraçou, em nome do Povo, Nilo Peçanha.

Sôbre tarde, Nilo, em companhia do Senador, visita Pereira Lobo, Presidente do Estado, que o cumprimentava pela manhã na pessoa do Dr. Alvaro Silva. Há um sério atrito entre o Senador e o Presidente.

A voz do senador era ouvida na Praça onde se encontravam inúmeros populares. Retornando ao Palacete Rollemberg, Nilo Peçanha, visivelmente emocionado, narrou aos presentes a cena a que assistira em Palácio a todos dizendo :

“meus amigos, o senador Gonçalo, é um varão de Plutarco!”

Esta frase senhores, é uma glorificação a Sergipe, na pessoa do grande Sergipano que transfaz esta noite num dia de justiça e de beleza à sua memória imperecível.

À noite, no Palacete, teve lugar o banquete magnífico que deslumbrou pela finura e pelo cavalheirismo o coração de Nilo Peçanha.

Ao dessert, falou o Dr. Antonio Dias Rollemberg : sua palavra na beleza e na forma, tinha as cintilâncias dos cristais nessa mesa, dentro nessa noite que vai tão longe!...

Nilo, à noite, fala ao povo no Rio Branco... O Cinema é pequeno demais para tanta gente. Apesar das ameaças policiais, Sergipe comparece para aplaudir o grande tribuno, o grande político, o grande patriota!... Um soldado, à porta do cinema, tenta deter o General Chaves. O General revida... É um herói do Paraguai, é um cidadão, é um patriota! Penetra o cinema tendo na face que o tempo enruga, a luz do sol que o iluminou na História, em Itororó, Humaitá, Lomas e Valentinas... Aracaju assiste a um espetáculo magnífico de civismo, de democracia e de liberdade!...

Nilo fala : sua voz é a voz do mar clamando por um Brasil melhor.

Sergipanos: ontem adormeci na terra dos marechais que fizeram a república e hoje piso no berço do gênio que se chamou Tobias!

Palmas, flôres, delírio, entusiasmo!...

Tudo isso tão longe, tão longe, nas curvas violáceas do passado!...

Gonçalo de Faro Rollemberg, continuou servindo à pátria no seu glorioso destino de grande homem, — de um varão de Plutarco!

14 de Setembro de 1927...

Laudo de sua família, morre levemente... Seus olhos fechados cessam a luz sem vermelho.

Dêle dissera Barbosa Lima: como Senador a sua intransigência nos dias mais difíceis para a República, vale como um nobre exemplo e incitamento aos moços que militam na vida pública.

Em Sergipe era, na expressão de Graccho Cardoso, de todos “os próceres da nossa política o que maior número de tradições reunia. A sua personalidade era a própria expressão da honradez, da integridade, do idealismo...”

Jaz o seu corpo na sua amada Japarutuba... Seu nome fulge num Grupo Escolar, homenagem de Maynard Gomes, quando interventor, à sua memória que se constitui um exemplo para nós todos, porque Gonçalo de Faro Rollemberg era realmente o que Nilo dissera : — um varão de Plutarco!...

Deixou prole ilustre: os filhos: Dr. Antonio Dias Rollemberg, caráter ilibado (já falecido). Manuel Dias Rollemberg, cidadão conceituado (falecido). José de Faro Rollemberg, agricultor e o Dr. Luiz Dias Rollemberg, alto funcionário do Instituto do Açúcar e do Alcool.

Genros : Dr. Sílvio Cesar Leite, o melhor clínico de Sergipe, ao seu tempo (já falecido). Dr. Manuel Rollemberg da Cruz, grande industrial (falecido). Sr. João Fonseca, do alto comércio de Aracaju. É o eminente Desembargador João Dantas Martins dos Reis, conspicuo magistrado e atual Secretário da Justiça e Interior de Sergipe, com largas fôlhas de serviços. Entre os netos do saudoso sergipano se destacam: Dr. Carlos Waldemar Acioli Rolemberg, Procurador Regional da República, no Estado da Guanabara; Dr. José Rollemberg Leite, ex-governador do Estado, engenheiro, com curso distinto em Ouro Preto Dr. Gonçalo Rollemberg Leite, erudito Professor de Direito. Dr. Armando Leite Rollemberg, representando o nome de Sergipe, na Câmara dos Deputados Federais e o Deputado Federal Leite Neto, Chefe no Estado do Partido Social Democrático.

13 de Setembro de 1960...

Cemitério de Japarutuba... Seu túmulo marmóreo e florido, na manhã de ouro esplendado, sob um céu muito azul... Sinos plangendo na Matriz... Luz nos altares, preces, um padre de França rezando nos altares de Fé que ressuscita e consola... O Rio Japarutuba a correr, à procura do mar... No “Grupo Senador Gonçalo Rollemberg”, meninos estudam numa algazarra de pássaros. Gonçalo de Faro Rollemberg, está presente na alma da cidade e das coisas... Na ressurreição momentânea do tempo, em que ali viveu fazendo viver a cidade...

Senhor Presidente :

O grande filósofo George Santayana, assim escreve : “Para o homem que cumpriu com seus deveres na terra!, a morte é tão natural e benvinda como um sonho !”

Assim sendo, meus senhores e minhas senhoras, esta noite, dentro desta casa de Justiça histórica aos que engrandeceram esta pequenina pátria sergipana, é um sonho que ressuscita aos nossos olhos a figura esplendente de um homem que soube cumprir os seus deveres no cenário dos vivos, deixando à posteridade o exemplo edificante de sua passagem.

Dando por finda a honrosa tarefa que me confiou o “Instituto Histórico” nesta noite, quero, ao encerrar as palavras que são o meu pensamento nestas páginas, pronunciar com profundo respeito, o nome do Senador Gonçalo de Faro Rollemberg, grande vulto de Sergipe no seio auriverde da História Republicana que, dia a dia, carece da coragem e do civismo do saudoso sergipano a quem louvamos nesta centenária do seu nascimento.

Dr. Denitério Hércules da Silveira

Transcorreu a 10 de novembro de 1960 o centenário de nascimento do Dr. Denitério Hércules da Silveira, médico obstétrico que desfrutou de largo conceito na cidade de Maruim, onde clinicava e onde faleceu a 20 de julho de 1927.

O Instituto rendendo culto à sua memória, na passagem do seu centenário, transcreve para este número especial de sua Revista o artigo das "Efemérides Sergipanas" que se ocupou de sua pessoa, saído no Correio de Aracaju, de 22 de julho de 1944 :

EFEMÉRIDES SERGIPANAS

Epifânio Dória

Julho — 20.

1927. Falece na cidade de Maruim, onde residia, o Dr. Denitério Hércules da Silveira. Nascêra no engenho Boa Hora, município de Maruim, a 10 de novembro de 1860, sendo filho do major Hércules Antônio da Silveira e D. Maria Isabel da Silveira.

Depois de ter estudado preparatórios nesta Capital e na cidade da Bahia, matriculou-se na Faculdade de Medicina daquela cidade, onde fêz todo o tirocínio acadêmico, recebendo o grau de doutor em ciências médico-cirúrgicas a 23 de dezembro de 1885.

Conquistado o diploma científico de sua preferência voltou à Província natal, abrindo consultório médico na cidade de Maruim, onde clinicou até que a morte lhe veio apagar o nome na lista dos vivos. Tivemos ensejo de conhecê-lo na cidade que des-cansa à margem esquerda do Ganhamoroba.

Modesto e amiguelo, sem as expansibilidades que tantas vezes só traduzem meras fantasias de espiritos que andam a cortejar a popularidade, gozava de grande estima no meio em que desenvolvía suas atividades de clínico e de cidadão de elevado conceito, sendo reputado um excelente profissional na clínica obstétrica.

Não nos consta que se tivesse envolvido nas lutas dos partidos, tantas vezes cheias de desencantos e refertas de dissabores. Ali constituiu família casando-se com D. Tereza de Faro Silveira, filha do major Alexandre José de Faro e D. Josefa Isabel da Silveira Faro, espôsa modelar de quem teve sete filhos: Raul Hércules da Silveira, residente em Maruim; Antônio Hércules da Silveira, falecido em S. Paulo; D. Maria Isabel Maynard, viuva do saudoso comerciante José Nunes Maynard; D. Josefa da Silveira Prado, casada com o magistrado e agricultor Dr. João de Melo Prado; Lauro Hércules da Silveira, falecido; D. Laura da Silveira Prado, casada com o Dr. Manuel Vasconcelos Prado, orientador técnico dos Serviços de Luz e Fôrça desta Capital; Almir de Faro Silveira, casado com D. Luiza Chimentes e residente na Capital da República.

O Dr. Denitério Hércules da Silveira, a despeito de ter sua residência e consultório na cidade de Maruim, exercia também sua clínica nos municípios vizinhos, sempre que era procurado, especialmente a clínica obstétrica em que, como já dissemos, era grandemente perito. À sua grande modéstia juntava uma grande desambição, cobrando honorários módicos na sua clínica.

Sua tese médica, que foi aprovada com distinção, versou sobre **RETENÇÃO DA URINA E MEIOS DE A REMEDIAR**. Foi publicada em volume in-8.º, com 70 páginas, na Tipografia dos Dois Mundos, da Capital Baiana. Não nos consta que escrevesse artigos para a imprensa sobre quaisquer assuntos. Parece que se consagrou exclusivamente a sua clínica, não ambicionando a notoriedade grangeada na imprensa.

Dr. Antônio Augusto Gentil Fortes

Transcorreu a 12 de janeiro de 1960 o centenário de nascimento do antigo jornalista sergipano Antônio Augusto Gentil Fortes.

Não pôde o Instituto Histórico celebrar de outra maneira essa data, grata às boas tradições de Sergipe. Como aconteceu com outros supriu esta falta lembrando-o neste número especial da Revista do mesmo Instituto.

Neste desiderato transcrevemos, tirada do Correio de Aracaju de 2 de outubro de 1942, o artigo das "Efemérides Sergipanas" em que foi traçada uma sucinta biografia do brioso jornalista :

EFEMÉRIDES SERGIPANAS

Epifânio Dória

Outubro — 2.

1904. Falece, repentinamente, nesta capital, vítima de colapso cardíaco, antes de completar os seus 45 anos de idade, o antigo periodista sergipano Antônio Augusto Gentil Fortes. Nasceu em Divina Pastora a 12 de janeiro de 1860, sendo seus pais Augusto Gentil Fortes e D. Maria Pastora Maynard Fortes.

Feitos os estudos rudimentares da língua materna na localidade do seu nascimento, transferiu-se para esta capital, consagrando-se à arte tipográfica, ao lado do laranjeirense João Belizário Junqueira, tornando-se em pouco tempo bastante perito na arte de Gutenberg. Cioso de saber, frequentava o curso noturno mantido nesta capital pelo professor Juvêncio Montes, com quem estudava português e francês. Tendo adquirido um mais avanta-

tajado preparo intelectual, deixou de ser apenas tipógrafo, para manejar também a pena do jornalista destemeroso, no dizer o que sentia, no falar, sem rebuços, das coisas da terra.

Armado assim cavaleiro do periodismo indígena recebeu sugestão do seu grande amigo coronel Miguel Pereira dos Anjos, pessoa de largo conceito em Maruim, proprietário que era do engenho Garajáu, para fundar e manter um órgão de publicidade naquela cidade.

Acceptando o alvitre transferiu-se para a cidade do Ganhamoroba e ali montou o hebdomadário "O Maruinense", cujo primeiro número appareceu a 11 de janeiro de 1886 e publicou-se até 6 de novembro de 1892, quando a intolerância política, tão ao sabor daquela época, fê-lo desaparecer, pelo empastelamento de suas oficinas, praticado pelos agentes do governo.

Deixando aquella cidade voltou a esta Capital, entrando, em 1893, para o funcionalismo postal, como praticante, na administração dos Correios deste Estado, subindo até o lugar de chefe de secção.

Ao falecer estava occupando, em caráter interino, o lugar de tesoureiro da referida Administração.

Inteligência percuciente e homem de lealdade política, mereceu os sufrágios dos seus conterrâneos para representá-los na Assembléa Constituinte de 1892.

Animador dos que tinham pendor para a imprensa, deu guarida na sua tipografia, em Maruim, aos periódicos "O Clarim" — 1888; "O Lavrador" — 1889; "Revista Literária" — 1890-1891 e "A Verpa" — 1891-1892, esta última dirigida pelo seu intelligente empregado Manuel Pompílio dos Santos, que havia de ser mais tarde redator do grande diário Tribuna de Santos, na cidade paulista deste nome.

Antônio Augusto Gentil Fortes, casou-se nesta Capital com D. Antônia Junqueira Fortes, filha do casal laranjeirense Antônio Junqueira e D. Francisca Junqueira. Deixou apenas quatro filhos: Professor Artur Fortes, lente aposentado do Ateneu Sergipense, hoje colégio de Sergipe, D. Leonísia Gentil Fortes e D. Olga Gentil Fortes, do nosso magistério e Aristóteles Gentil Fortes.

"O Estado de Sergipe", órgão official do Estado, nessa época,

noticiando o seu prematuro e surpreendente passamento, em sua edição de 4 de outubro, disse :

“Deixou uma falta sensível em Aracaju e todos pranteiam sua morte como a de um cidadão enriquecido por um bom caráter e um coração bem formado”.

Dr. Carpóforo de Mendonça Lima

Transcorreu a 10 de dezembro de 1960 o centenário de nascimento do Dr. Carpóforo de Mendonça Lima. Nasceu em Campos, hoje Tobias Barreto, a 10 de dezembro de 1860 e faleceu na cidade de Rio Claro, São Paulo, a 27 de novembro de 1902.

Foram seus pais Luiz Cirilo de Lima e D. Inácia Carolina da Rocha Lima. Era neto do inteligente português José Francisco dos Santos Lima, natural da província do Porto Vila da Freira. Ireguesia de São Isidoro de Romariz, em Portugal, e da sergipana D. Francisca dos Santos Lima. Teve dois irmãos médicos os Drs. Domingos Portela Lima e João Cândido Lima, que também emigraram para S. Paulo e ali faleceram, o primeiro em Ribeirão Bonito, a 28 de agosto de 1891 e o segundo em S. Carlos do Pinhal, a 22 de maio de 1920.

Feitos os estudos iniciais do idioma materno, provavelmente na cidade do seu nascimento, foi mandado para a capital baiana, onde se preparou para a matrícula na Faculdade de Medicina da mesma capital, onde fêz todo o tirocínio acadêmico e recebeu o grau de doutor em 1886, depois da defesa de sua tese de doutoramento: **Febre remitente biliosa dos países quentes**: dissertação. Proposições. Três sôbre as diversas cadeiras do curso médico. Teses apresentadas à Faculdade de Medicina da Bahia em 31 de agosto de 1886, para serem publicamente sustentadas, a fim de obter o grau de doutor em medicina. Bahia, 1886. 48 pags. in-8.^o Imprensa Popular.

Depois de conseguida a láurea acadêmica voltou à província natal, passando a clinicar na cidade da Estância, de onde se passou, mais tarde, para São Paulo, clinicando em várias localidades dali, como Itatiba, Palmeiras, Pirassununga, Dois Córregos, Santos e Rio Claro.

E. D.

INDICE

Nota preambular	3
1. Dr. Isaias Antônio Caldas	5
2. Dr. Pedro Muniz Barreto	7
3. General Ivo do Prado	9
4. General João de Avila Franca	16
5. Desembargador Melchisedech Cardoso	22
6. João Ribeiro	25
Mestre João Ribeiro por Zózimo Lima	29
João Ribeiro e as constantes culturais de Sergipe ..	35
7. Centenário do Almirante Amintas Jorge	38
Um século nas jornadas do tempo !... por J. Frêre Ribeiro	42
Almirante Amintas José Jorge por Juliano Simões	56
8. Centenário de nascimento do Dr. Afonso Pires Ramos	62
9. Prof. Teixeira de Faria	65
10. Olímpio Rollemberg de Oliveira Chaves	70
11. Dr. Antônio Militão de Bragança	73
Dr. Antônio Militão de Bragança por Dr. Juliano Simões	75
Dr. Antônio Militão de Bragança por Henriques Valentins dos Santos Neto	94
12. Capitão-mór Joaquim Martins Fontes	98
13. Filinto Elísio do Nascimento	100
14. Dr. Gonçalo Rollemberg	103
Um perfil de Gonçalo de Faro Rollemberg por Luiz Carlos Rollemberg Dantas	106
Senador Gonçalo de Faro Rollemberg por J. Freire Ribeiro	112
15. Dr. Denitério Hércules da Silva	123
16. Antônio Augusto Gentil Fortes	125
17. Dr. Carpóforo de Mendonça Lima	128



REGINA